



DANIELLI DO LAGO HYPPOLITO DE LIMA

**CONTRIBUIÇÃO WINNICOTTIANA AO MODELO DE ATENDIMENTO
NO PROGRAMA DE INTERNAÇÃO NA FUNDAÇÃO CASA-SP.**

São Paulo
2019

DANIELLI DO LAGO HYPPOLITO DE LIMA

**CONTRIBUIÇÃO WINNICOTTIANA AO MODELO DE ATENDIMENTO
NO PROGRAMA DE INTERNAÇÃO NA FUNDAÇÃO CASA-SP.**

Dissertação de Mestrado do Programa
Educação e Saúde na Infância e
Adolescência da Universidade Federal de
São Paulo - UNIFESP.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto da Silva
Brêtas

São Paulo
2019

CONTRIBUIÇÃO WINNICOTTIANA AO MODELO DE ATENDIMENTO NO PROGRAMA DE INTERNAÇÃO NA FUNDAÇÃO CASA-SP.

Dissertação Mestrado do Programa
Educação e Saúde na Infância e
Adolescência da Universidade Federal de
São Paulo - UNIFESP.

Aprovado em: 20/03/2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Sylvia de Souza Vitalle

Profa. Dra. Maila Beatriz Goellner

Profa. Dra. Silvia Piedade de Moraes

Lima, Danielli do Lago Hyppolito de
CONTRIBUIÇÃO WINNICOTTIANA AO MODELO DE ATENDIMENTO NO PROGRAMA
DE INTERNAÇÃO NA FUNDAÇÃO CASA-SP.
Danielli do Lago Hyppolito de Lima - - São Paulo, 2019.
I, 93f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Paulo – Programa de
Educação e Saúde da Criança do Adolescente.

Winnicottian contribution to the model of attendance in the internacional program in
the CASA-SP Foundation.

1. delinquência, 2. adolescência, 3. Winnicott, 4. medida socioeducativa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, ao meu querido diretor Augusto de Oliveira que regou a semente que eu já carregava há muito tempo, me estimulando a me aventurar nessa experiência;

Ao Prof. José Roberto da Silva Brêtas, por me oportunizar e me conduzir, com toda tolerância, no desbravamento desse universo da pesquisa;

À Dra. Maria Berenice Gianella e a Maria Eli Colloca Bruno por nos proporcionar uma nova instituição, então Fundação CASA-SP, materializando o verdadeiro sentido da garantia de direitos;

À Magali, minha diretora, companheira e modelo de profissional, que não apenas nesse momento, mas em todo o meu percurso profissional sempre viabilizou e garantiu possibilidades de estudo;

À Keila, diretora do Centro de Atendimento Socioeducativo Novo Tempo, que teve a ousadia winnicottiana de materializar esse modelo de atendimento, no qual eu sempre acreditei possível, mesmo na contradição da privação de liberdade;

À minha mãe Célia e, em especial, ao meu marido André, que além da disposição incansável em me atender no que fosse necessário para esse estudo, por tantas vezes foram mães substitutas, suficientemente boas, para meu bebê que veio junto com a pesquisa;

E, sobretudo, aos meus filhos André Paulo, que docemente soube esperar por minha atenção quando esta esteve dividida e; ao meu pequeno Andrey, que chegou e ocupou seu espaço - único e singular.

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa intencionou analisar como se constitui a aplicação dos preceitos winnicottianos na execução da medida socioeducativa de internação, num dos Centros de Atendimento da Fundação CASA-SP, por meio da compreensão e significado dado pelo adolescente atendido e os servidores. O percurso histórico da construção de políticas voltadas ao atendimento de adolescentes infratores e os desafios enfrentados na busca da garantia de direitos, as diretrizes atuais da instituição e o referencial teórico específico que norteia a prática desse Centro de Atendimento foram os pilares do estudo, direcionando a análise do conteúdo trazido pelos adolescentes e equipe que desenvolve o trabalho. O perfil dos adolescentes e as características da composição familiar foram elementos relevantes para a composição da pesquisa, assim como o cenário institucional atual, possibilitando a contextualização e um aprofundamento da análise. Para tanto, o método adotado foi o estudo descritivo, com orientação qualitativa, propondo como participantes os adolescentes e profissionais que desenvolvem as intervenções, de modo que a avaliação considerasse as perspectivas desses dois lados, na execução desse modelo, por meio de entrevistas individuais com os jovens e grupo focal com a equipe, conteúdo este categorizado, uma vez que optamos por análise categorial do material. Os resultados apontaram convergências entre as diretrizes e os preceitos winnicottianos, possibilitando a prática de atendimento adotada nesse Centro se constituir como espaço potencial, reconhecidamente favorável, tanto pelos adolescentes atendidos, como pelos profissionais, ao amadurecimento pessoal.

Palavras-chaves: Delinquência; Adolescência; Winnicott; Medida Socioeducativa.

ABSTRACT

The objective of this research was to analyze how the application of the Winnicottian precepts in the implementation of the socio-educational measure of hospitalization in one of the Service Centers of the CASA-SP Foundation is made through the understanding and meaning given by the teenager and the servants. The historical background of the construction of policies aimed at assisting juvenile offenders and the challenges faced in the search for the guarantee of rights, the current guidelines of the institution and the specific theoretical framework that guides the practice of this Service Center were the pillars of the study, directing the analysis of the content brought by adolescents and the team that develops the work. The profile of the adolescents and the characteristics of the family composition were relevant elements for the composition of the research, as well as the current institutional scenario, allowing the contextualization and a deepening of the analysis. To do so, the method adopted was the descriptive study, with qualitative orientation, proposing as participants the adolescents and professionals who develop the interventions, so that the evaluation considered the perspectives of these two sides, in the execution of this model, through individual interviews with the young people and focus group with the team, content this categorized, once we opted for categorial analysis of the material. The results pointed out convergences between the guidelines and Winnicottian precepts, enabling the practice of care adopted at this Center to be a potential space, admittedly favorable, both by the adolescents assisted, and by the professionals, to personal maturation.

Keywords: Delinquency; Adolescence; Winnicott; Socio-educational Measure.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
NBR	Norma Brasileira

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 As diretrizes.....	20
2. OBJETIVOS.....	27
2.1 Objetivos Gerais.....	27
2.1.1 Objetivos Específicos.....	27
3. REFERENCIAL TEÓRICO	28
3.1 Teoria do Amadurecimento.....	28
3.1.1 Integração	29
3.1.2 Personalização.....	31
3.1.3 Os estágios da dependência e independência relativa	32
3.1.4 O processo de amadurecimento e as falhas ambientais.....	34
3.2 Adolescência	36
3.3 A tendência antissocial e o adolescente privado de liberdade	38
4. PERCURSO METODOLÓGICO	44
4.1 Aspectos metodológicos do estudo	44
4.2 Aspectos éticos do estudo	44
4.3 Participantes e contexto do estudo.....	45
4.4 Coleta de dados	46
4.5 Análise dos dados	50
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	51
5.1 Grupo 1	51
5.1.1 Perfil dos participantes.....	51
5.1.2 Resultados e discussão das entrevistas.....	53
5.2 Grupo 2	63
5.2.1 Perfil dos participantes do Grupo Focal – profissionais.....	63
5.2.2 Resultados e Discussões do Grupo Focal.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	86
APÊNDICE I.....	88
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Adolescentes).....	89
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Responsáveis).....	90
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Equipe)	91
APÊNDICE II - CATEGORIAS ENTREVISTAS COM OS ADOLESCENTES.....	92
NARRATIVAS DA CATEGORIA RELAÇÕES INSTITUCIONAIS	93
NARRATIVAS DA CATEGORIA RELAÇÕES INTERPESSOAIS	94
NARRATIVAS DA CATEGORIA MUDANÇAS INDIVIDUAIS.....	95

APÊNDICE III - CATEGORIAS GRUPO FOCAL	97
COMPORTAMENTO DO ADOLESCENTE COMO REFLEXO DAS FALHAS AMBIENTAIS	98
O ATENDIMENTO NA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA	99
O AMADURECIMENTO COMO FRUTO DA INTERVENÇÃO	102
FORMAÇÃO E DESAFIOS	105
ANEXO I	106
AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	107
ANEXO II	109
AUTORIZAÇÃO JUDICIAL	110
ANEXO III	111
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	112

1. INTRODUÇÃO

A violência que veio se instalando no Brasil ao longo dos tempos, se configura como um grave problema, desencadeando opiniões e reações na população tomada por uma ânsia de "vingança", dissociada de suas reais raízes; especialmente, no que tange ao envolvimento crescente de adolescentes nas práticas delitivas.

A repercussão nos meios de comunicação e a exploração desses canais acerca da prática infracional por jovens potencializam na população crenças de que eles são os responsáveis pelo aumento da violência e da criminalidade, encobrendo uma realidade na qual a juventude figura como grande vítima, como aponta o Atlas da Violência 2017: "...entre 2005 e 2015, observou-se um aumento de 17,2% na taxa de homicídios de indivíduos entre 15 e 24 anos..." (Atlas da Violência, 2017, p. 25)

Segundo o Atlas da Violência (2017), há um processo de vitimização letal da juventude no país, o qual ainda não foi capaz de implementar ações consistentes em relação à questão, vinculando-a à dois aspectos – a perda de vidas humanas e, a falta de oportunidades aos jovens favorecendo a criminalidade; chegando a mais de 318 mil jovens assassinados nesse período entre 2005 e 2015.

A esse processo, nomeado no Atlas como "Juventude Perdida" ficam atreladas as vulnerabilidades sociais relegando crianças e adolescentes, e oportunizando a trajetória delinquente, na contrapartida do apelo da sociedade por medidas mais severas, como a redução da maioridade penal, truculência policial e encarceramento em massa.

Nesse sentido, Volpi (2001), evidencia os "mitos" que circundam as práticas infracionais, quais sejam: o hiperdimensionamento do problema – inflacionando e delegando aos adolescentes o alto índice de delitos; a periculosidade dos mesmos, como se seguissem uma escalada crescente de gravidade; e, ainda, a irresponsabilidade do jovem atribuindo o comprometimento delitivo às ideias de medidas muito brandas.

O fato é que, a despeito de uma visão possivelmente contaminada e reducionista da sociedade, o número de adolescentes que adentram o sistema socioeducativo fechado disparou nos últimos anos, pulando de 16.019 para 33.798 atendidos pela Fundação CASA-SP, entre 2003 e 2013, atingindo um crescimento de

111% no último ano mencionado; ressaltando que a internação (medida mais gravosa segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, 1990) teve mais de 30% de aumento nesse lapso de tempo, conforme os dados apresentados no Plano Estadual de Atendimento Socioeducativo de São Paulo (2014, p. 59 e 68)

Outro dado importante constante do Plano Estadual (2014, p. 73) refere aos tipos de delitos cometidos, em que o tráfico de drogas vem ocupando o primeiro lugar com 46%, superando o roubo qualificado com 41% da população atendida, desde 2010.

Marisa Feffermann, em seu livro *Vidas Arriscadas – o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico*, afirma que:

É uma quimera pensar que, num contexto de imensa desigualdade social, com grupos sociais muito pobres, elevado índice de desemprego e de subemprego, os jovens atraídos pela possibilidade de um ganho econômico rápido, impossível de ser obtido no contexto socioeconômico vigente, serão intimidados com a mera perspectiva de punição penal, o que revela novamente a insuficiência do modelo repressor. (FEFFERMANN, 2006, p. 59/60)

O tráfico de drogas tem se configurado um fenômeno mundial, dada sua veloz disseminação e a dimensão que alcançou, ocupando as lacunas deixadas pelo Estado, no que tange especialmente, como oportunidade de trabalho aos olhos desses adolescentes.

Segundo Feffermann (2006, p. 211), o tráfico de drogas pode ser entendido como uma organização a qual denomina de "*trabalho*" informal e ilegal, surgindo no discurso dos jovens como: "a boca é trampo, só que um trampo mais embaçado".

Essa oportunidade de trabalho que não exige escolaridade, competitividade em relação a competências e habilidades comuns no mercado de trabalho formal, pode acolher a todos e a contrapartida se dá apenas pela lealdade ao chefe da "boca".

Em uma sociedade na qual nem as condições mínimas de sobrevivência estão garantidas, desde o saneamento básico ao direito ao trabalho, presume-se que muitos dos jovens de hoje não respeitem o sistema de poder do Estado. O tráfico aparece como forma de garantir alguns desses direitos: trabalho, saúde e até cesta básica. "Para os jovens, em especial, é uma forma de sair do anonimato", de obter as promessas da indústria cultural. (FEFFERMAN, 2006, p. 273)

O tráfico de drogas os tira do anonimato decretado pelo Estado, pela ausência de políticas e precariedade dos serviços instalados nas regiões ocupadas por esses adolescentes e suas famílias.

O fato é que a grande maioria dos jovens envolvidos no tráfico é proveniente de famílias de alta vulnerabilidade socioeconômica, as quais têm pouco acesso a serviços públicos, por não conseguirem atendimento ou por sequer conhecerem os equipamentos da comunidade.

Observa-se que os serviços públicos também não se conhecem ou não se articulam de modo a “cercar” as necessidades de um jovem e sua família, se configurando num atendimento isolado e incipiente, a exemplo das escolas, que muitas vezes optam por se distanciar do adolescente, por não se reconhecerem atores responsáveis nessas questões, especialmente se o envolvimento infracional já começa a dar seus sinais.

A experiência tem evidenciado uma maior dependência econômica das famílias em relação ao tráfico de drogas, possivelmente em decorrência da crise geral do país, cujo desemprego em massa foi o maior reflexo, mas também há grandes indícios de um maior envolvimento com a criminalidade por parte dos familiares.

Tem sido comum encontrar na história desses adolescentes, irmãos, pais e mães com antecedentes criminais, inseridos no sistema penal, aguardando sentença ou mesmo em cumprimento de pena, revelando a privação de cuidados ao que foram submetidos.

Essa geração de adolescentes que atualmente encontram-se no sistema socioeducativo são filhos de pais que já passaram pela mesma experiência, frutos de relações e não relacionamentos, cujas mães, em busca da própria identidade e reconhecimento, acabaram por se envolverem com o “traficante da vez”, até que este deixe o “posto” ou a substitua.

Desta feita, não parece surpreendente que esta mãe não fique pronta para a maternidade ou não consiga desenvolver a devoção comum dessa fase, necessária para o desenvolvimento saudável, comprometendo o amadurecimento emocional de seu bebê e, certamente, a construção de sua identidade.

Partindo do princípio, que todo ser humano traz na sua essência um potencial para amadurecer, na busca pela existência, conforme propõe Winnicott (1999), e compete ao ambiente favorecer esse processo por meio da provisão de cuidados, quando da ausência deles (cuidados), então o desenvolvimento fica comprometido e o sujeito, a toda sorte, reage na busca de reaver o que lhe falta.

O tráfico de drogas tem se mostrado, portanto, um significativo dispositivo na constituição de identidade, especialmente para aqueles cujos cuidados iniciais não se mostraram suficientemente bons, se apresentando na alternativa desses como um atalho para existência.

Não obstante, o empoderamento advindo do uso de armas, o dinheiro, as "roupas bonitinhas", atribuem a esses meninos visibilidade e o status que nunca reconheceram nas suas próprias famílias, assim como também jamais foram reconhecidos, potencializando a motivação para o crime e a disposição para matar.

Ainda que pelo viés do medo, esses adolescentes passam a (re)ocupar os espaços nos quais eram discriminados, e para, além disso, ganham popularidade entre seus pares. Infelizmente, esses ganhos ainda assumem a função de benefício secundário, intensificando alguns traços no caminho da delinquência.

Os delitos cometidos por adolescentes são nomeados como atos infracionais, desde a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, através da lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Constante de sua parte especial, as medidas socioeducativas estão previstas para a responsabilização de adolescentes, entre 12 e 18 anos incompletos, que cometem ato infracional (equiparados aos crimes do Código Penal); são elas: advertência, reparação do dano, prestação de serviço à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade e internação.

A medida de internação deve respeitar o princípio da brevidade e excepcionalidade, não excedendo o limite máximo de 03 anos, o ECA ainda prevê que sejam aplicadas atividades pedagógicas ao longo desse tempo, dentro de espaços adequados, ficando os jovens separados por idade, compleição física e gravidade do delito.

A construção de políticas públicas voltadas para garantia de direitos de crianças e adolescentes se pautou no acúmulo de discussões e lutas de ativistas de direitos humanos e especialistas da área, num processo lento e carregado de contradições, especialmente ao se tratar de adolescentes em conflito com a lei, a exemplo do lapso de tempo entre a promulgação do ECA em 1990 e a lei federal do SINASE (Sistema Nacional de Atendimento socioeducativo) de 2012; o qual regulamenta diretrizes e parâmetros – arquitetônico, de segurança, de gestão e socioeducativo, para o atendimento.

Vale ressaltar que tal contradição é anterior ao ECA e se torna ainda mais intrigante se resgatarmos o Código de Menores e as diretrizes elaboradas à época, evidenciando a distância gritante entre as práticas desenvolvidas e as orientações definidas por Lei, de responsabilidade da então FUNABEM (Fundação Nacional do Bem Estar do Menor - criada em 01/12/1964) em substituição ao SAM (Serviço de Assistência ao Menor) como menciona Floro de Araújo Melo, ao enaltecer a política vigente em seu livro "A História da História do Menor no Brasil (abandonado, delinquente e infrator desde suas raízes)":

A política do MENOR é eminentemente nacional e se inspira em princípios declarados na Constituição. Há de ser, portanto, um programa elaborado segundo as exigências científicas e em perfeita consonância com os ensinamentos da psicologia contemporânea. (MELO, 1986, p. 57)

Naquela época a interdisciplinaridade já era prevista na composição do atendimento, incluindo no quadro de profissionais: pedagogo, assistente social, médico, sociólogo, psicólogo e outros, os quais passariam por formação contínua através do que denominavam CEDEP (Centro de Estudos e Desenvolvimento de Pessoal).

O princípio da incompletude institucional se apresentava na indicação da "articulação com a comunidade para a inserção do aluno". E ainda, no que tratava a Política como "Mobilização da Comunidade e Bem Estar do Menor", conceituava:

No mundo moderno, toda ação deve ser racionalizada: em outras palavras, deve obedecer a preceitos metodológicos e a planos estratégicos, com vistas no caso, à maior contabilidade social, isto é, ao máximo de eficiência, com um mínimo de dispêndio e no mais curto prazo, sendo negligência desprezar conquistas que a técnica coloca ao nosso alcance para promover com brevidade a difusão de novas ideias ou a implantação de uma política de promoção das comunidades. (MELO, 1986, p. 59)

É bem sabido que, a despeito da legislação prever direitos, em especial com o advento da política de proteção integral, o sistema socioeducativo paulista, sobretudo, o programa da internação, que implica a institucionalização do adolescente, remonta uma história marcada por práticas repressivas e violentas, num contexto de violação de direitos, concentradas nas precárias instalações dos grandes complexos da antiga FEBEM-SP.

Da mesma forma que atualmente a visão acerca da violência social está projetada sobre os jovens, dissociada das reais motivações para o problema (como mencionado inicialmente), muito há o que se esclarecer e esmiuçar quanto ao cenário caótico, atrelado a repressão e violência difundida na instituição, imputada aos servidores.

Nesse sentido, passo a discorrer na primeira pessoa, considerando que a minha trajetória se entrelaça com a história da instituição desde o ano 2000, quando por contratação emergencial passei a compor o quadro de servidores, atendendo adolescentes na internação provisória – período de até 45 dias que os adolescentes ficam aguardando julgamento e decisão judicial. Embora essa experiência não tenha perdurado por muito tempo, tendo em vista minha transferência para o programa de internação, após minha anuência por concurso público.

À época, ainda FEBEM, mas já regida pelos princípios da Doutrina da Proteção Integral, a instituição ensaiava diretrizes para a humanização do atendimento, com ações paliativas que não davam conta das dificuldades de ordem estrutural, as quais refletiam diretamente na relação servidores x adolescentes, se materializando em crises e confrontos.

As unidades educacionais, como eram chamadas os atuais centros de atendimento, com instalações deterioradas e espaços inadequados, estavam constantemente superlotadas, atendendo acima da capacidade de vagas, com baixo efetivo, não ofereciam condições para realização de atividades e atendimento aos adolescentes dentro de suas necessidades. Adolescentes, que por sua vez, na grande maioria cumpriam a internação em São Paulo, nos complexos, distante de seus municípios, o que implicava no reduzido ou nenhum contato com a família durante esse período.

O gerenciamento das vagas da Fundação pertencia aos juízes das comarcas, que as cediam a partir de seus próprios critérios, perpassando pela escolha dos adolescentes que permaneciam nos seus municípios ou eram encaminhados para São Paulo, ou seja, os jovens muito "conhecidos" por seus atos de indisciplina ou com maior envolvimento infracional eram punidos também pela distância, ainda que houvesse vaga disponível em unidade próxima de sua residência.

Todas as compras e distribuição de materiais estavam centralizadas em São Paulo, o que implicava numa padronização que desconsiderava as particularidades de cada região, como por exemplo, as especificações de roupas que ora não atendiam os municípios mais quentes, ora não atendiam os mais frios, bem como as quantidades adquiridas não supriam a demanda.

Portanto, anterior à questão da perda de identidade em decorrência da aparência uniforme que todos assumiam ao adentrarem na instituição, enfrentavam a precariedade do vestuário, perpassando pelas más condições - roupas rasgadas, com numerações diferentes do tamanho ideal para o adolescente, e até mesmo, sujas, por não conseguirem trocas suficientes na hora da lavagem.

A respeito da alimentação, muitos eram os problemas, que por se tratar de serviço terceirizado por uma única empresa para todo o Estado, não prezava pela qualidade, nutrição ou mesmo porcionamento das marmitas que, inclusive, já vinham prontas individualmente.

A composição das equipes, embora, já fosse constituída pela multiprofissionalidade – psicólogo, assistente social, educadores com formações diversas e profissionais de educação física, além de médico, dentista e equipe de enfermagem, normalmente estavam defasadas, com os quadros incompletos e não haviam parâmetros que delineassem o atendimento, permitindo que cada profissional adotasse uma conduta particular, por vezes até divergentes entre si.

O ensino formal era desenvolvido pela rede pública, como ainda é ficando a mercê das mazelas próprias desse serviço.

A despeito da arquitetura das unidades de internação e a escassez de servidores obrigarem a aglomeração e o convívio coletivo, a lógica instituída era da repressão e da subjugação.

O isolamento se constituía por uma permanente vigilância sustentada por recursos estabelecidos pelos próprios servidores, como a “cabeça baixa, mão para trás, silêncio, formação em filas e movimentação cadenciada”, uma vez que a arquitetura não permitia a individualização como no modelo original.

Em suma, restavam os adolescentes aglomerados, mas solitários nas suas próprias histórias de fracasso, diante de servidores movidos pelo medo e pela insegurança, sabendo estarem “reféns” (por vezes, literalmente), pela óbvia razão numérica, levando-os ao uso desses mecanismos de extremo controle e repressão, equivalente ao que podemos chamar de “síndrome do pequeno poder”, conceituada por Azevedo et al. (1989) como um problema social, uma vez que trata-se de uma característica da nossa sociedade, surgindo quando uma pessoa não contente com o poder que possui abusa de autoridade.

Nesse cenário, cabia ao psicólogo e assistente social atender o adolescente visando a ressocialização, com vistas à desinternação e reinserção a sociedade, submetendo ao Poder Judiciário relatórios ao longo da medida socioeducativa, incluindo um parecer final quando da sugestão de encerramento desta.

A partir desses parâmetros, na condição de psicóloga, voltada a esse atendimento, observei que fundamentada na Teoria do Amadurecimento de Donald Woods Winnicott, cujo princípio está na confiabilidade constituída por meio da relação de cuidado levando o indivíduo ao senso do real, conseguia estabelecer essa condição (de confiança) com os adolescentes atendidos e promover crescimento emocional; como descreve Elsa Oliveira Dias ao tratar desse tema – confiabilidade:

Através da confiabilidade ambiental, fazendo inúmeras vezes o percurso que vai da não integração à integração, e vice-versa, estabelece-se a confiança na vigência da sua própria tendência à integração. O senso do real – do si mesmo e do mundo – está diretamente ligado à confiabilidade e ao estabelecimento de uma crença; uma crença que não é nisto ou naquilo, mas em algo que é encontrável, permanece, tem vida própria, não precisa ser produzido. (DIAS, 2011, p. 25/26)

O fato é que, diante desse avanço, eis que me surgia um paradoxo: considerando que o processo de desenvolvimento emocional pressupõe a exploração

do ambiente, por meio de testes e desafios, promove-lo então, em meio um ambiente tão hostil, como era, poderia subvertê-lo em retaliação, com represálias violentas e aumento no tempo de permanência na instituição, uma vez que a “desinternação” ficava condicionada ao **bom** comportamento, submissão e passividade?

E ainda, poderiam as rebeliões, fugas e motins serem compreendidos como uma "manifestação genuinamente saudável" na perspectiva de reação ao ambiente e busca pelo crescimento emocional? - este foi um incômodo que me acompanhou por longo período na experiência do atendimento privado de liberdade.

Concomitante as minhas questões, as crises na Fundação foram se agravando, o número de fugas e rebeliões aumentando, levando ao limite da pressão pública e inúmeras denúncias de órgãos fiscalizadores, exigindo uma atitude decisiva por parte do governo do Estado.

Houve a mudança do presidente da instituição, assumindo então a Dra. Berenice Maria Gianella, a qual permaneceu até julho de 2017, fato este que marcou uma ruptura na história da instituição, com uma gestão duradoura, visto que anteriormente a rotatividade de presidentes era intensa, chegando ao intervalo mínimo de um mês entre um e outro.

Do ponto de vista do gerenciamento, o ganho veio no sentido de se instituir uma gestão democrática e participativa, cuja primeira ação nesse sentido foi o 1º Encontro de Planejamento Estratégico realizado em 2005, com a representação de servidores de cada setor dos Centros de Atendimento e demais instâncias da instituição, desencadeando daí um reordenamento institucional cujo objetivo central foi "superar a dicotomia entre a contenção e o caráter pedagógico da medida socioeducativa", como consta na primeira versão do Plano Estadual de Atendimento (2006), documento elaborado pela Fundação CASA como resultado desse encontro, no qual também foram definidos os princípios norteadores da instituição:

Missão: executar, direta ou indiretamente, as medidas socioeducativas, com eficiência, eficácia e efetividade, garantindo os direitos previstos em lei e contribuindo para o retorno do adolescente ao convívio social como protagonista de sua história.

Visão: Tornar-se referência no atendimento ao adolescente autor de ato infracional, pautando-se na humanização/personalização e descentralização na execução das medidas socioeducativas, na uniformidade, controle e avaliação das ações e na valorização do servidor.

Valores: Justiça, ética e respeito ao ser humano. (PLANO ESTADUAL DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO, 2006, p. 9)

No referido documento constam todas as mudanças técnico-administrativas adotadas pela instituição, tendo como primeira medida a descentralização, por meio da implantação das divisões regionais – atualmente, onze em todo o estado - e a construção de novos centros de atendimento, cuja arquitetura obedeceu à redução do número de vagas e as exigências pedagógicas da medida socioeducativa.

O prédio, cujo modelo foi nomeado como “T40”, destacou a previsão de 05 salas para atividades diversas, salas específicas para os atendimentos psicológicos e sociais, além de ambulatório para os atendimentos de saúde e um refeitório com mesas de alvenaria.

No piso superior, ficam os dormitórios, compostos por quatro camas, banheiro e mesa com assento em alvenaria, permitindo alguma privacidade; ainda nesse pavimento, há um espaço para recreação e lazer. Na cobertura, há a quadra poliesportiva, com banheiros e bebedouros.

1.1 As diretrizes

O atendimento socioeducativo está regulamentado no Brasil pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE, através da lei federal nº 12.594/2012, definindo estratégias em longo prazo, a partir de 04 eixos: gestão, qualificação do atendimento, participação cidadã e sistemas de justiça e segurança.

Ainda no SINASE (2012), constam ao longo do documento os princípios e diretrizes; marco situacional; modelo de gestão; metas; prazos e responsabilidades. Dentre as inúmeras diretrizes está prevista a qualificação e humanização do atendimento, com vistas ao protagonismo e emancipação do adolescente, por meio da construção de novos projetos, através do Plano Individual de Atendimento: “Focar a socioeducação por meio da construção de novos projetos pactuados com os adolescentes e famílias, consubstanciados em Planos Individuais de Atendimento.”

O direito à educação, profissionalização, atividades esportivas, lazer e cultura, bem como acesso à saúde integral, incluindo seu direito a sexualidade e saúde

reprodutiva, respeitando a identidade de gênero e orientação sexual também foram garantidos nas orientações deliberadas no SINASE.

No que tange diretamente ao atendimento dentro da Fundação CASA-SP, foram definidas diretrizes para o atendimento ao adolescente, as quais respeitam o preconizado na lei, para a garantia de direitos, bem como as necessidades para um desenvolvimento saudável, abrangendo, portanto as esferas da saúde, educação e segurança, representadas na estrutura organizacional por três superintendências – saúde, pedagógica e segurança – então, responsáveis por pensar e delinear as orientações para as áreas, em função da elaboração e execução do Plano Individual de Atendimento – PIA.

O PIA consiste no plano de trabalho, voltado às reais necessidades do adolescente, a ser desenvolvido ao longo da execução da medida socioeducativa, como mencionado no Plano Estadual:

...a construção de um plano individual (PIA) deve contemplar as necessidades, desejos e expectativas do adolescente, transformando-as em metas que deverão ser alcançadas no decorrer do cumprimento de sua medida socioeducativa com vistas ao desenvolvimento de suas potencialidades” (PLANO ESTADUAL DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO, 2006, p.15)

Obviamente, para a elaboração desse instrumento – PIA – o conhecimento da história do adolescente e a compreensão e reconhecimento das necessidades do jovem é subsídio premente, para tanto fora instituído o Diagnóstico Polidimensional.

O diagnóstico polidimensional se materializa num documento elaborado, em princípio, na internação provisória (período anterior à decisão judicial, no limite de 45 dias), servindo à autoridade judiciária para decisão da medida socioeducativa a ser aplicada, como também subsidia a equipe que atender o adolescente.

A superintendência de saúde foi constituída para proposição das ações e serviços voltados à saúde integral – física e mental, na perspectiva psicossocial, em atenção básica.

No mais, as diretrizes nortearam o atendimento em psicologia e no serviço social, considerando que cada área buscaria na sua especificidade os recursos voltados para diagnóstico e intervenções.

Na esfera pedagógica, essa superintendência foi formada por quatro gerências – escolar, arte e cultura, educação profissional e educação física e esportes, na seguinte perspectiva:

Ao posicionar a educação como eixo buscou-se construir um projeto pedagógico que garanta a articulação efetiva entre a escolarização formal e as demais atividades pedagógicas (profissionalizante, arte cultura e esportiva) com a composição de currículo integrado. (PLANO ESTADUAL DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO, 2006, p. 29)

As ações da segurança devem ter como foco a proteção integral, garantindo a rotina e a integridade individual no convívio coletivo, com a estabilidade necessária para a provisão de cuidados.

A materialização das propostas exigiu um largo investimento, como a complementação do quadro de servidores, desenvolvimento de tecnologias e diversas capacitações em todas as áreas, inclusive tendo sido criada uma Escola para Formação e Capacitação Profissional.

Diante do diagnóstico institucional, o qual apontou um índice de 67% de adolescentes que se auto classificam como afrodescendentes, isto é, pretos e pardos, seguindo os critérios do IBGE, o quesito cor, para além da atenção integral à saúde, considerando a cor de pele, passou ao enfoque das necessidades pedagógicas, sendo constituído o Comitê Institucional Quesito Cor, para discutir as questões relativas à etnia, com vistas à implantação de ações afirmativas (2010, p. 40/41)

Dentre as metas estabelecidas, também estava a municipalização do atendimento em meio aberto, que incluiu os programas de Liberdade Assistida e Prestação de serviço à comunidade, cuja antiga FEBEM arrastava um exaustivo processo de discussão junto aos municípios para que assumissem a responsabilidade como previsto em lei; meta esta, alcançada em 2010.

Dentre as mudanças propostas, a orientação para que cada Centro de Atendimento Socioeducativo construísse seu plano político pedagógico, por meio de um modelo de atenção pautado num referencial teórico se apresentou como um possível diferencial para a qualificação do atendimento, uma vez que implicou o Centro a apresentar a sistematização e concepção adotada para o trabalho, o que por

si só, justificaria um investimento de estudo atendendo ao seguinte questionamento: *Esse modelo atual aplicado pela instituição conseguiu, de fato, reconhecer e “afetar” o adolescente que atende?*

E, desde 2008, atuando numa das Divisões Regionais da Fundação CASA - SP tive a oportunidade de acompanhar a construção e desenvolvimento do Plano Político Pedagógico dos Centros subordinados a esta regional, e em especial um deles inaugurado em 2009, o CASA Novo Tempo, o qual pude acompanhar desde a implantação, tendo esse Centro de Atendimento adotado a Teoria do Amadurecimento de D.W.Winnicott como referencial teórico para embasar seu Modelo de Atenção.

Este Centro está localizado no município de Franco da Rocha, dentro do Complexo da Fundação onde existem mais três Centros de Atendimento; sua capacidade é de 64 vagas no programa de internação para adolescentes do sexo masculino, na faixa etária entre 12 e 21 anos incompletos, procedentes preferencialmente dos municípios pertencentes às circunscrições judiciárias de Jundiaí, Bragança Paulista, Sorocaba e Itu.

O modelo arquitetônico do CASA é o referido acima, no padrão T40, sua lavanderia é própria, favorecendo a otimização do processo de lavagem de roupas; contudo, a cozinha, embora localizada no próprio Complexo, é terceirizada, e as refeições são entregues no Centro nos horários determinados dentro dos padrões exigidos, servidas aos adolescentes a granel.

A escolha desse referencial teórico vem do percurso institucional da diretora desse Centro, Keila Costa da Silva, psicóloga por formação, que compartilhando comigo vários dos incômodos dos quais mencionei, acreditou poder oferecer um ambiente mais acolhedor aos adolescentes que cumprem a internação, como referem no Plano Político Pedagógico:

Entendemos que nosso compromisso profissional refere-se a tornar o ambiente suficientemente bom para que o adolescente perceba suas

potencialidades e tenha liberdade de se apresentar como é de fato, mesmo que o que ofereça a princípio não corresponda às expectativas da sociedade, mas com a estabilidade proporcionada pelo ambiente através de uma rotina com atividades dirigidas e a confiança estabelecida entre os profissionais e o jovem atendido, sejam favoráveis para que se torne uma pessoa capaz de se reconhecer passando a agir de forma produtiva (CASA NOVO TEMPO, 2017, p.43).

Alguns dados levantados pelo CASA acerca da população atendida ao longo do ano de 2016, reafirmam os dados gerais da Fundação CASA no Estado, no que tange ao envolvimento delitivo dos adolescentes, o tráfico continua aumentando, na contrapartida da redução do roubo:

[...] a maior incidência de internação continua sendo devido ao envolvimento dos adolescentes no ato infracional equiparado a tráfico de drogas e roubo qualificado. No entanto, houve uma diminuição de 10% de internações por envolvimento no roubo qualificado, e um aumento de 7% de internações por tráfico de drogas. (PPP CASA NOVO TEMPO, 2017, p. 31)

O apelo ao consumismo na contrapartida dos problemas socioeconômicos, aliado ao imediatismo próprio da idade agrava a dificuldade da família em se apresentar como autoridade e impor limites aos adolescentes, acirrando os conflitos familiares, como identificado no Plano Político Pedagógico:

Por meio dos atendimentos, foi possível identificar que se mantém neste ano a observação dos conflitos familiares a dificuldade que os pais encontram para lidar com as peculiaridades da fase de desenvolvimento que o filho vivencia e quando ocorre o uso de drogas, sendo preponderante a falta de limites como situação de risco que o adolescente vive, uma vez que ele apresenta comportamento com oscilações, que são características próprias do adolescer que objetiva uma resposta imediata para seus desejos, bem como tende a experimentar situações arriscadas. (CASA NOVO TEMPO, 2017, p. 24)

Assim, tomando por base a experiência descrita por Winnicott em seu trabalho com crianças desamparadas no período da segunda guerra, o CASA Novo Tempo adota a mesma lógica para a compreensão do adolescente e o desenvolvimento de suas ações, como descrevem:

[...] A guerra foi quase secundária para elas, quando não positivamente benéfica (e isso não foi raro), na medida em que as removeu de uma situação intolerável, colocando-as numa situação em que poderiam encontrar e frequentemente encontraram ajuda e alívio, não diferente do que ocorre na maioria dos casos que vêm para a Fundação. Dessa forma, avaliamos que

podemos fazer o mesmo pelos adolescentes que adentrarem esse centro, pois já vivenciavam falhas em seus ambientes, visto que os jovens como as crianças atendidas por Winnicott têm as mesmas características: lares desfeitos, abandono, privação material de forma geral. São afetadas por uma falha no ambiente que as impulsionaram para a criminalidade. (PPP CASA NOVO TEMPO, 2017, p. 43)

Parecem reconhecer os efeitos da privação no desenvolvimento do adolescente e os impactos aos quais terão que lidar ao longo do atendimento, assumindo a responsabilidade em manter a estabilidade ambiental, sobrevivendo aos testes que virão:

O referencial teórico escolhido por este Centro exige uma tolerância e uma estabilidade capaz de suportar os testes que serão realizados pelos adolescentes ao longo de seu desenvolvimento na medida socioeducativa, para isso teremos que lidar com a dificuldade de manter em nosso ambiente um jovem que não corresponda positivamente ao cuidado oferecido, visto que de acordo com Winnicott este é o momento do crescimento e a mudança de fase se o ambiente for favorável, entretanto, o ambiente é capaz de sobrepor à dificuldade do jovem, mas ele não se permite aderir a proposta, entendemos que respeitar a individualidade é estar aberto para as necessidades do adolescente e preparados para a forma de sua manifestação. Concluímos que isso nos tornará capazes de realizar um Plano Individual de Atendimento adequado ao tempo vivenciado pelo jovem podendo ser reavaliado de acordo com sua real evolução (PPP CASA NOVO TEMPO, 2017, p. 44).

Diante a propositura desse Modelo de Atenção, reformulei o meu incômodo inicial: *Será, agora, possível pensar uma instituição capaz de compreender os testes ao ambiente, inerentes do processo de amadurecimento e intervir individualizando as ações em meio a um contexto prevalentemente coletivo? Será possível aplicar os conceitos winnicottianos num programa socioeducativo de internação, reconhecendo a individualidade do adolescente, ou, sua “liberdade” continua exclusivamente condicionada ao bom comportamento?*

Dessa forma, dentre tantas questões levantadas em busca do problema, entendo que essas justificam focar o estudo no CASA Novo Tempo, bem como dar voz ao principal ator desse cenário, o próprio adolescente, de modo a identificar se ele sente-se atendido em suas necessidades, por meio das intervenções.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivos Gerais

Compreender em que medida os conceitos da Teoria do Amadurecimento no contexto da privação de liberdade, afetam na execução da medida socioeducativa de internação, (no CASA Novo Tempo) - em um dos Centros de Atendimento da Fundação CASA-SP, confrontando as divergências e convergências entre os conceitos da teoria e as diretrizes institucionais.

2.2 Objetivos Específicos

- Compreender a aplicação dos *conceitos winnicottianos* no modelo de atendimento desenvolvido pelo CASA Novo Tempo, *no programa socioeducativo de internação, reconhecendo a individualidade do adolescente;*
- Analisar a aplicação dos conceitos winnicottianos conjugados às diretrizes da instituição na execução da medida socioeducativa de internação;
- Avaliar o impacto dessas intervenções no comportamento do adolescente que cumpre medida socioeducativa de internação.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Teoria do Amadurecimento

Este estudo tem como norteador a Teoria do Amadurecimento de Donald Woods Winnicott, médico pediatra, psiquiatra infantil, que se debruçou nos estudos psicanalíticos. Teve ainda uma grande contribuição na compreensão do comportamento de crianças desajustadas, a partir de sua experiência no desenvolvimento de um programa do Ministério da Saúde da Inglaterra, para atendê-las, nos tempos da Segunda Guerra.

Trata-se de uma teoria voltada para a saúde, delineando o processo de desenvolvimento saudável, oferecendo a partir disso subsídio para a compreensão dos distúrbios psíquicos.

A Teoria do Amadurecimento se pauta em dois princípios fundamentais, quais sejam: 1) todo ser humano nasce com potencial para amadurecer emocionalmente – possui uma tendência inata ao amadurecimento; e, 2) depende da existência de um ambiente facilitador para o desenvolvimento. Esse processo implica algumas etapas:

Do meu ponto de vista, existem três processos cujo início ocorre muito cedo: 1 - integração; 2 - personalização; 3 - em seguida a estes, a apreciação do tempo e do espaço e de outros aspectos da realidade – numa palavra, a realização. (WINNICOTT, 2000, p. 222/223)

Ao nascer, o bebê ainda não apresenta condições para se reconhecer como uma unidade, no sentido do ser, estando num estado de não integração, dependendo e se misturando com tudo ao seu entorno. Nesse sentido, Winnicott refere:

Para o bebê, ainda não existe um consciente e um inconsciente na área que pretendo examinar. O que há ali é um complexo anatômico e fisiológico, e, junto a isso, um potencial para o desenvolvimento de uma personalidade humana [...]. o comportamento do meio ambiente faz parte do bebê da mesma forma que o comportamento de seus impulsos hereditários para a integração, para a autonomia e a relação com objetos, e para uma integração psicossomática satisfatória. (WINNICOTT, 1999, p. 79/80)

O processo de amadurecimento se dá num continuum partindo da dependência absoluta, passando pela dependência relativa e tomando rumo à independência.

Alcançando a independência relativa, será assim que o indivíduo se manterá ao longo da vida, dentro da sua condição relacional com outro ser humano, condição esta (relacional) que na fase inicial se apresenta *sui generis*, como refere Dias (2003), devido ao fato do bebê não ser ainda uma unidade.

O ponto crucial do amadurecimento está na busca da existência pessoal, do integrar-se no “eu sou”, no ser real, como elucida Dias em livro sobre a Teoria do Amadurecimento de Winnicott::

O que está, portanto, em pauta no amadurecimento pessoal, não são funções isoladas, sejam elas biológicas, mentais ou sexuais, mas o próprio viver humano, naquilo que este tem de estritamente pessoal: o sentimento de ser, de ser real, de existir num mundo real como um si-mesmo. (DIAS, 2003, p.97)

Entretanto, como mencionado inicialmente, o amadurecimento depende de um ambiente facilitador, que ofereça cuidados suficientemente bons, permitindo que a tendência venha a se materializar de fato. Nesse início, o ambiente e seus cuidados se concentram essencialmente na figura da mãe, a partir da sua capacidade em adaptar-se às necessidades do bebê.

A provisão de cuidados favorece a possibilidade do vir a ser, a partir da integração numa unidade e, na falta desses cuidados, essa possibilidade fica comprometida podendo jamais acontecer.

3.1.1 Integração

A integração se constitui numa primeira etapa do desenvolvimento, possibilitando ao bebê um contorno de si mesmo e habilitando-o a reconhecer o “não eu”, ou seja, tudo que se encontra fora dele. Esse estágio estabelece um limite entre o externo e o bebê, então integrado numa unidade, através da provisão de cuidados ofertada pelo ambiente.

O fator substancial para que o processo de amadurecimento siga seu curso natural é o ambiente, embora não seja este (o ambiente) o responsável pelo desenvolvimento emocional, uma vez que a tendência é inata, cabe ao ambiente facilitar esse percurso, através de cuidados frente às necessidades

do bebê: “[...] mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança, concretizar seu potencial”. (WINNICOTT, 1983, p. 81)

No primeiro momento, o ambiente e todos os cuidados ofertados por ele se concentram na pessoa da mãe, ou “naquela” que cumprir tal função, cabendo a ela apresentar o mundo ao bebê, a partir do reconhecimento de suas necessidades.

Quanto ao ambiente, pedaços da técnica do cuidar, de rostos vistos e sons ouvidos e cheiros cheirados é apenas gradualmente reunidos e transformados num único ser, a mãe. (WINNICOTT, 2000, p. 224)

A capacidade da mãe em reconhecer as necessidades do bebê vem da sua própria experiência em ter sido reconhecida e atendida à época de sua fase inicial, que se remonta no seu estado de devoção ao bebê, o qual Winnicott nomeia como “Preocupação Materna Primária”:

Acontece que esse adaptar-se dos processos de maturação da criança é algo extremamente complexo, que traz tremendas exigências aos pais, sendo que inicialmente a mãe sozinha é o ambiente favorável [...] Eu denomino isso “preocupação materna primária”. Este não é necessariamente um bom nome, mas o certo é que ao chegar ao fim da gravidez e nas primeiras semanas depois do nascimento de uma criança a mãe está preocupada com (ou melhor, “devotada ao”) o cuidado com seu nenê, que de início parece ser parte dela mesma; além disso ela está muito identificada com o nenê e sabe muito bem como é que o nenê está sentindo. (WINNICOTT, 1983, p. 81).

Todos os cuidados básicos ofertados ao bebê são importantes, mas, sobretudo o ato de “segurar” - *holding*, ao qual Winnicott (2002) deposita especial atenção, referindo-se à relevância desse cuidado para o desenvolvimento emocional ao citar que a observação sobre qualquer bebê somente terá valor se a maneira como o seguram estiver expressamente descrita.

Entre outros cuidados, mas, genuinamente, no *holding* que a comunicação entre o bebê e a mãe se estabelece, uma comunicação que não está na linguagem, no verbal, mas sim, na capacidade da mãe ir de encontro às necessidades do bebê e adaptar-se a elas, atendendo-as, como refere Winnicott (2002, p.86): “O desenvolvimento do bebê, porem, só pode ocorrer no contexto da confiança que decorre do fato de ele ser segurado e manipulado” [...]

A continuidade na oferta dos cuidados constitui a sensação de previsibilidade, bem como permite o estabelecimento da confiança de que há um mundo, um ambiente, uma pessoa que cuida, e com o tempo esse sentimento se sedimenta. Tal

processo, que se apresenta paradoxalmente tão natural e tão complexo, sugere a beleza poética da natureza e relação humana, como podemos sentir na descrição de Winnicott a respeito:

À medida que prossegue o desenvolvimento e o bebê adquire um interior e um exterior, a confiabilidade do meio ambiente passa então a ser uma crença, uma introjeção baseada na experiência de confiabilidade (humana, e não mecanicamente perfeita).

Não é verdade que a mãe comunicou-se com o bebê? Ela disse: “Sou confiável – não por ser uma máquina, mas porque sei do que você está precisando; além disso, me preocupo, e quero providenciar as coisas que você deseja. Isto é o que chamo de amor neste estágio do seu desenvolvimento”. (WINNICOTT, 2002, P.87)

E, ainda:

O bebê não tem conhecimento da comunicação, a não ser a partir dos efeitos da falta de confiabilidade. É aqui que se dá a diferença entre a perfeição mecânica e o amor humano. Os seres humanos cometem muitos erros, e durante o tempo em que a mãe cuida normalmente de seu bebê ela está continuamente corrigindo as suas falhas. Estas falhas relativas, às quais se dá uma solução imediata, acabam sem dúvida sendo comunicadas, e é assim que o bebê acaba tomando conhecimento do sucesso. Assim, a adaptação bem-sucedida dá uma sensação de segurança e um sentimento de ter sido amado. (WINNICOTT, 2002, p. 87)

3.1.2 Personalização – a psique no corpo.

Tudo correndo bem, o processo de amadurecimento segue o seu curso, alcançando os próximos estágios na perspectiva do preenchimento do ser:

Igualmente importante, além da integração, é o desenvolvimento do sentimento de estar dentro do próprio corpo. Novamente, é a experiência instintiva e a repetida e silenciosa experiência de estar sendo cuidado fisicamente que constrói, gradualmente, o que poderíamos chamar de personalização satisfatória. (WINNICOTT, 2000, p. 225)

Nesse momento se materializa o reconhecimento de si mesmo, para além da condição de identificar o externo (o não-eu).

A personalização, portanto, preenche o corpo, que então já delimitado pela integração, permite que esse sujeito se reconheça como “EU”.

Trata-se de uma etapa cuja psique habita o soma, no sentido da existência, diferindo do crescimento corpóreo, pois está para o amadurecimento pessoal,

possibilitando a constituição da personalidade unitária, como apontado por Dias (2003).

Tendo em vista que Winnicott (1990, p. 44) compreende a natureza humana como psique e soma: “A natureza humana não é uma questão de corpo e mente – e sim uma questão de psique e soma inter-relacionados. [...]”

Vale conceituá-los; e, para tanto, referendo a definição de Dias para tal:

O soma é o corpo vivo, que vai sendo personalizado à medida que é elaborado imaginativamente pela psique.

A psique abrange tudo o que, no indivíduo, não é soma, incluída aí, a mente, entendida como um modo especializado do funcionamento psicossomático. (DIAS, 2003, p. 104/105)

As experiências vivenciadas e sentidas pelo corpo vão sendo imaginativamente elaboradas pela psique, tomando sentido, tomando forma, tornando-se vivo, podendo ser. Essa possibilidade está diretamente vinculada ao handling – manejo – materializado pelo toque, brincadeira e cuidados corporais, sendo esses cuidados, quando na medida das necessidades do bebê, que os leva a experiência vivida.

Ultrapassado este estágio, o bebê consegue diferenciar o eu e o não-eu, se reconhecendo num corpo, habitado por um self. A partir daí, o bebê consegue se relacionar com o objeto, e cabe à mãe a função de apresentá-los.

3.1.3 Os estágios da dependência e independência relativa.

Diferentemente dos estágios anteriores, se inicia então, uma gradual desadaptação do ambiente, com as falhas que a mãe passa a apresentar, levando-o à desilusão. Tendo o bebê recebido cuidados iniciais suficientemente bons, alcançou aquisições que o capacita para tolerar a desadaptação, ficando para trás a ilusão de onipotência e, não a ilusão básica, como localiza Dias (2003), de tal modo que ele possa reconhecer que o mundo não fora criado por ele, mas já existia.

Entretanto, a sensação de tê-lo criado em determinado momento se mantém viva, estendendo a capacidade para ilusão de criação – o viver criativo, como propõe Winnicott (1999, p.24): “A criatividade é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. [...]”

Doravante habilitado como unidade, reconhecendo o eu e o não-eu, o bebê pode lançar mão do intelecto como recurso para tolerar as falhas que se apresentam, o qual até então fora poupado pelos cuidados integrais. De outra ordem, também fica habilitado a reconhecer o objeto e fazer uso dele.

Vale ressaltar que, por se tratar de um processo, a capacidade do bebê para distanciar-se da mãe em busca da independência, avança e retrocede, devendo o ambiente estar sempre disponível para acolher os retornos, que podem ocorrer a qualquer tempo da vida. Será nesses movimentos que se localiza a transicionalidade.

Os fenômenos transicionais se apresentam como uma passagem intermediária e facilitadora nesse processo, partindo da realidade subjetivamente concebida até a realidade objetivamente percebida, se dando o espaço potencial. Nesse momento, é comum a escolha de um objeto transicional, o qual se apresenta como um conforto quando do distanciamento da mãe, deixando a posição de ser para a posição de ter o objeto.

Ao longo do tempo, portanto, tendo preservada a capacidade de criar, a qual inicialmente se apresenta pelo brincar, posteriormente, se amplia para a arte e a cultura; naturalmente, o objeto transicional é abandonado.

Seguindo adiante, o bebê ultrapassa a fase de relação com o objeto para o uso do objeto, o que para tanto, o objeto precisa se tornar real, ocorrendo somente ao ser destruído, para que possa efetivamente sair do mundo subjetivo e do controle onipotente. De fato, o que se está criando com isso é a realidade externa e compartilhada e, necessariamente, o objeto precisa sobreviver ao impulso destrutivo.

A sobrevivência é reconhecida na medida em que o objeto não muda de atitude, não precisa retaliar, possibilitando ao bebê fazer uso do objeto.

3.1.4 O processo do amadurecimento e as falhas ambientais.

Não obstante a priorização do autor em valorizar a saúde mental no seu sentido mais amplo, considerando não apenas a ausência de doença psiquiátrica, o mesmo apresenta as complexas reações frente às falhas ambientais.

De imediato quero fazer um pronunciamento para me contrapor a qualquer impressão que possa ter dado que saúde é o suficiente. Não estamos apenas interessados na maturidade individual e em que os indivíduos estejam livres de doença mental ou neurose; estamos interessados com a riqueza do indivíduo não em termos de dinheiro, mas de realidade psíquica interna. (WINNICOTT, 1983, p. 63)

A complexidade das reações do bebê frente à falha ambiental estará proporcionalmente relativa ao desenvolvimento já alcançado por ele, ou seja, a *reação* só aparece frente a uma experiência para a qual ele ainda não estava preparado para compreender. E isso, marca uma mudança de paradigma na Teoria do Amadurecimento, cuja classificação dos distúrbios psíquicos como base ao diagnóstico, se dá a partir da sua etiologia e não mais dos sintomas, somente.

Portanto, a provisão ambiental é um fator condicional na continuidade do processo de amadurecimento, e caso esse ambiente não seja suficientemente bom, então a capacidade inata fica ameaçada, e embora não seja extinta, fica sobreposta pela necessidade do bebê em reagir à falha ambiental (em nome da continuidade do ser).

Segundo Winnicott (1983), se acaso o bebê ainda estiver à época da dependência absoluta, e aí houver uma falha ambiental, então a reação levará à esquizofrenia infantil ou deficiência mental não orgânica ou ainda, a uma doença hospitalizável mais tarde.

Se estiver na dependência relativa, ou seja, quando então já recebeu cuidados suficientes para reconhecê-los como tal, então a falha ambiental provocará um trauma, pois havia alguém para ser traumatizado, levando-o a reagir com distúrbios afetivos e ou tendência antissocial.

Tendência antissocial não é um diagnóstico. Não se compara diretamente com outros termos diagnósticos, como neurose e psicose. A tendência antissocial pode ser encontrada num indivíduo normal ou num indivíduo neurótico ou psicótico (WINNICOTT, 1999, p. 138)

Quando o bebê encontra-se num momento de oscilar entre a dependência e independência, o qual já experimenta a independência, mas necessita ainda confirmar os cuidados da dependência, então a falha ambiental poderá fazê-lo reagir com a dependência patológica. Quando já avançado este momento, ou seja, o inverso, com

a independência mais predominante, a falha ambiental provocará a arrogância, surtos de violência.

E somente a partir de então, a ocorrência de uma falha ambiental não mais será necessariamente prejudicial, considerando a independência mais predominante, possibilitando a criança ter o ambiente internalizado, cuidando então de si mesma. E no sentido social, quando a pessoa consegue se identificar com adultos ou grupos sociais, sem a perda original de si mesma, a falha ambiental pode acarretar na falta parcial da responsabilidade como pai ou mãe ou como figura paterna na sociedade.

Cabe ressaltar, que o desenvolvimento fica interrompido naquele momento, cujo bebê fará uso de recursos correspondentes à sua maturidade (ainda primitivos), de modo que estes sirvam como defesas frente às falhas ambientais, sendo estas tão intensas quanto foi sentida a ameaça pelo bebê; daí, o fato de as ações do indivíduo adulto nem sempre corresponder à idade cronológica, mas sim ao momento da interrupção de seu desenvolvimento emocional, tornando ainda mais evidente a “doença”.

3.2 Adolescência

Este tema, para alguns tão incomodo e, para outros tão fascinante, suscita um consenso geral, trata-se de uma fase de intensas mudanças decorrentes da própria

puberdade, abarcando as turbulências hormonais junto as alterações físicas, bem como conflitos emocionais decorrentes daí e das primeiras experiências infantis.

A adolescência corresponde a um momento de transição entre a infância e a fase adulta, sendo notáveis as mudanças na vida física, social e psicológica. É natural, ao longo desse processo de desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, ocorrerem situações marcantes que traduzem essa ruptura em novas realidades e percepções sobre a sua existência, consideradas como rituais de passagem da adolescência. (Brêtas et al. 2008, p. 405)

No processo de desenvolvimento emocional, esta é a fase de transição entre a infância, com toda a “riqueza” das primeiras experiências, seguida do período de latência, e o mundo adulto, que aparece naturalmente com o passar do tempo e o desenrolar dos processos de amadurecimento.

Portanto, essas experiências da primeira infância ressurgem na adolescência subjacentes as manifestações desse período, normalmente com uma característica de oscilação entre independência rebelde e a dependência regressiva.

Assim, o menino e a menina chegam à puberdade com todos os seus padrões predeterminados pelas experiências de infância; muita coisa permanece guardada no inconsciente, e muito não é conhecido porque simplesmente ainda não foi experimentado. (WINNICOTT, 2001, p. 117)

Por manifestações desse período podemos entender as mudanças físicas/corporais e o desenvolvimento da capacidade sexual, implicando no abandono do universo infantil e das identificações e idealizações decorrentes dessa fase, especialmente, acerca da figura dos pais da infância.

O adolescente, na busca incessante por uma nova identidade, se coloca, ora numa independência rebelde, ora numa dependência regressiva, segundo Winnicott (2001), oscilando rapidamente entre uma posição e outra, fazendo desse movimento uma característica marcante da fase.

O fato é que agora esse adolescente apresenta, aliado a essas características, com todas as possíveis variações e conflitos, um físico mais potente, podendo complicar as coisas. Vejamos os questionamentos do autor para evidenciar tal condição:

Como se acomodarão as mudanças da puberdade ao padrão da personalidade específica do menino ou menina em questão? Como poderão esse menino e essa menina lidar com seu novo poder de destruir ou mesmo de matar, poder que, então inexistente, não complicava os sentimentos de ódio na infância? (WINNICOTT, 1961, p. 117)

Há que se considerar ainda a condição do adolescente, como aponta Winnicott (2001), tratar-se de um *ser* essencialmente isolado, se embotando como o bebê na vivência de repúdio do não-eu até a sua constituição como indivíduo, o que se apresenta, nesse momento, como um recurso de enfrentamento às pressões inerentes ao crescimento na contrapartida da busca de identificações, através do agrupamento, ou seja, a convivência com o grupo.

Portanto, segundo Winnicott (2001), os grupos de adolescentes são ajuntamentos de indivíduos isolados, mas assumem uma importância substancial nessa fase com vistas ao amadurecimento pessoal.

Trata-se, na realidade, de uma longa jornada na tarefa humana de manter-se vivo, de sentir-se real; e, nesse sentido, o mesmo elenca as necessidades manifestadas pelos adolescentes:

A necessidade de evitar a falsa solução.
 A necessidade de sentir-se real, ou tolerar a absoluta falta de sentimento.
 A necessidade de ser rebelde num contexto que, confiadamente, acolha também a dependência.
 A necessidade de aguilhoar repetidamente a sociedade de modo que o antagonismo desta faça-se manifesto, e possa ser rebatido por um contra-antagonismo. (WINNICOTT, 2001, p.124)

Nessa perspectiva, naturalmente a adolescência pode se tornar um incômodo, para o próprio adolescente, para quem está a sua volta e para a sociedade no geral, especialmente em razão da tentativa equivocada de superarem esses conflitos, como se esta fase estivesse passível de cura, sobretudo, quando esses adultos foram privados de sua própria adolescência.

Os pais têm maior consciência desse fato do que muitos sociólogos; a irritação pública com o fenômeno da adolescência é facilmente evocada pelo jornalismo barato e pelas declarações públicas de indivíduos importantes; a adolescência é tratada como um problema, e o fato de que cada adolescente está na verdade vivendo um processo ao cabo do qual se tornará um adulto consciente e integrado na sociedade é deixado de fora da questão. (WINNICOTT, 2001, p. 116)

Felizmente, como mencionado acima os “pais têm maior consciência desse fato”, conseguindo sobreviver e mantendo os cuidados suficientemente bons para as necessidades ora apresentadas, ou melhor, feliz daquele que possa contar com pais mais conscientes desse processo; pois, não obstante, proporcionalmente equivalente às experiências iniciais reeditadas na adolescência, se apresenta a relevância do ambiente nesse estágio. Quanto a essa função, então representada pelos adultos, Winnicott menciona:

Isso significa que nós, adultos, devemos dizer: “Veja que coisa bonita, pequenos adolescentes vivendo sua adolescência, devemos aguentar tudo e deixar que quebrem as nossas janelas”. Não é essa a questão. O fato essencial é que somos desafiados, e encarar o desafio faz parte da vida adulta. Mas devemos encarar o desafio, e não tentar curar uma coisa que é essencialmente sadia. (WINNICOTT, 1961, p. 127)

Em outras palavras, o que está posto é a imaturidade do adolescente, a qual ele próprio não compreende, mas cujos adultos não podem abdicar da confrontação, que segundo Winnicott (1975), destituída do caráter de retaliação ou vingança, mas com força própria, marca uma posição de expressão do ponto de vista do adulto. Assim, o processo natural de crescimento do adolescente leva tempo, e somente o tempo pode *curar*, mas enquanto isso, a responsabilidade tem de ser assumida pelas figuras parentais.

3.3 A tendência antissocial e o adolescente privado de liberdade

Dentre as considerações acerca da adolescência enunciadas na Teoria do Amadurecimento, a de maior relevância para esse estudo está na “íntima relação existente entre a adolescência e a tendência antissocial” no que tange à etiologia de ambos, tratando-se da de-privação subjacente às respectivas manifestações; ressaltando, contudo que na adolescência normal isso se apresenta de forma mais branda.

Obviamente, que este tema merecia destaque nesse estudo, considerando que à primeira vista, adolescente autor de ato infracional e tendência antissocial também sugerem uma íntima relação, digo à primeira vista considerando que por vezes, o delito pode estar relacionado com o diagnóstico psiquiátrico para além da tendência antissocial, e esta ao se manifestar já mostra sinal de melhora, conforme Winnicott

(1999) - ao conceituar a tendência antissocial indica não se tratar de um diagnóstico, podendo inclusive ser encontrada em indivíduos normais, neuróticos ou psicóticos, mas de um pedido de socorro, um pedido por reaver cuidados dos quais a criança fora (de)privada, um pedido de controle de pessoas fortes, amorosas e confiantes.

Ao longo do processo de desenvolvimento normal, Winnicott (1999) afirma que a criança passa a testar o ambiente em que vive, colocando à prova sua capacidade de sobreviver aos testes e se manter estável. E, caso isso ocorra, ou seja, o lar seja capaz de oferecer a continência necessária suportando todas as investidas da criança, ela “sossega e vai brincar”.

É de extrema importância ressaltar a função do cuidado e da estabilidade ambiental nessa fase, pois a perda do cuidado aqui não se reduz a uma carência, mas eleva-se ao verdadeiro desapossamento da criança.

Por se tratar de perda, então é possível dizer que o bebê já se reconhece como unidade integrada e reconhece o objeto externo, tendo recebido bons cuidados, os quais já eram reconhecidos como tal levando o bebê a crer na sua permanência (estabilidade), provocando, a partir de uma profunda descrença, o sentimento de ter sido roubado, reivindicando do ambiente o que este lhe “roubou”.

Portanto, o problema se constitui quando o ambiente deixa de oferecer os cuidados necessários para a continuidade do desenvolvimento, quando os pais e o lar sucumbem aos testes da criança, deixando dúvidas quanto à estabilidade – a tendência antissocial, portanto, surge frente à esperança da criança de restituir os cuidados que até então lhe foram ofertados, recuperando a estabilidade que se perdeu frente as suas manifestações.

A criança antissocial está simplesmente olhando um pouco mais longe, recorrendo à sociedade em vez de recorrer à família ou à escola para lhe fornecer a estabilidade de que necessita a fim de transpor os primeiros e essenciais estágios de seu crescimento emocional. (WINNICOTT, 1946, p.130)

Na tendência antissocial há sempre dois aspectos subjacentes, um deles que leva a criança buscar algo que não sendo encontrado busca em outro lugar; e no

outro, ela (a criança) busca o montante de estabilidade ambiental suficientemente capaz de dar conta dos seus impulsos.

Portanto, as manifestações decorrentes daí – “relação entre a tendência antissocial e a de-privação” (Winnicott, 1999), necessariamente, precisam ser compreendidas nessa lógica, como também observou:

A compreensão de que o ato antissocial é uma expressão de esperança é vital no tratamento de crianças que apresentam tendência antissocial. (WINNICOTT, 1956, p. 139)

Obviamente, que a dinâmica de cada um estará diretamente ligada à maturidade emocional, sendo que aquele que teve uma falha ambiental ainda muito precoce terá reações mais primitivas, pois não tem ainda recursos internos suficientes para outra forma de atuação.

Diante a ruptura ou a ausência de cuidados por um período superior ao que o bebê possa tolerar há uma agonia impensável, há a decepção com o ambiente; cuja mãe suficientemente boa percebendo isso pode, de início, dar conta e por ela própria reverter a falha, através do mimo que venha a oferecer ao seu bebê. Do contrário, caberá a ele buscar fora os cuidados que lhe foram tomados.

E o fato é que, tal descrença coloca em xeque a confiabilidade constituída na fase da ilusão onipotente, quanto a possibilidade de criar o objeto e perceber a realidade compartilhada, e certamente, este é o ponto que implica na incapacidade para o *brincar* e na falta de espontaneidade, facilmente reconhecida na tendência antissocial.

A criança deprivada é notoriamente inquieta e incapaz de brincar, apresentando um empobrecimento da capacidade de experiência no campo cultural. Essa observação conduz a um estudo do efeito da deprivação na época da perda do que se tornou aceito como digno de confiança. O estudo dos efeitos da perda em qualquer estágio primitivo envolve-nos no exame dessa área intermediária, ou espaço potencial entre sujeito e objeto. O fracasso da fidedignidade ou perda do objeto significa, para a criança, perda da área de brincadeira e perda de um símbolo significativo. (WINNICOTT, 1975, p.141)

Esta é uma condição comum na população de adolescentes privados de liberdade, os quais, como demonstrado anteriormente, por meio de alguns dados trazidos do Plano Político Pedagógico do CASA Novo Tempo, a ausência de continência dos pais aparecem por diversas ordens, implicando muitas vezes na formação de identidade desses jovens:

...avaliamos que podemos fazer o mesmo pelos adolescentes que adentrarem a esse Centro, pois já vivenciavam falhas em seus ambientes, visto que os jovens como as crianças atendidas por Winnicott têm as mesmas características: lares desfeitos, abandono, privação material de forma geral. São afetadas por uma falha no ambiente que as impulsionaram para a criminalidade. (PPP CASA NOVO TEMPO, 2017, p. 43)

A precocidade no envolvimento infracional e na trajetória institucional tem sido um dos fatores que evidenciam essa “carência” no desenvolvimento pessoal dos adolescentes. E, embora empírico, é possível afirmar que as mães desses jovens, em sua grande maioria, apresentam condições emocionais muito semelhantes à de seus filhos, cujos comportamentos se materializam na dificuldade de reconhecer o outro, regras e limites; ausência de cuidados pessoais e autoestima rebaixada, entre outros.

Os adolescentes, por sua vez, impulsionados pela tendência antissocial lançam mão de mecanismos de manobras, tentando jogar servidores uns contra os outros, burlar as regras e formar pequenos “bandos” entre eles, além de algumas situações mais críticas de manifestações expressas de violência.

Tal condição coloca em teste a compreensão e a tolerância daqueles que necessitam lidar e intervir com essas situações, especialmente tratando-se da instituição, dada a concentração e a recorrência dos casos.

Recorrendo à Teoria do Amadurecimento, mais uma vez nos deparamos com a relevância do ambiente na terapêutica e intervenção, sendo que Winnicott (1999, p. 141) afirma categoricamente que para esses, de tendência antissocial, o tratamento não é a psicanálise, mas sim, a estabilidade do novo suprimento ambiental: “É a busca de um suprimento ambiental que se perdeu, uma atitude humana que, uma vez que se possa confiar nela, dê liberdade ao indivíduo para se movimentar, agir e se excitar”.

A título de curiosidade, chamo a atenção para o fato da repulsa em relação aos infratores já a época de seus estudos como se pode observar em alguns registros:

Talvez uma das razões por que tendemos a deixar para outros a terapia do delinquente seja o fato de nos desagradarmos sermos roubados. Vemos constantemente o momento de esperança ser desperdiçado, ou desaparecer, por causa de má administração ou intolerância. É outro modo de dizer que o tratamento da tendência antissocial não é psicanálise, mas administração, uma conduta no sentido de ir ao encontro do momento de esperança e corresponder a ele. (WINNICOTT, 1999, p. 139)

Pensar o comportamento desajustado, ou mesmo o ato infracional, à luz do pensamento winnicottiano, significa entendê-lo como uma possibilidade à saúde, uma vez que sugere a esperança do indivíduo em ser reconhecido pelo outro na sua existência e ser cuidado; trata-se de um pedido de socorro daquele que comete o ato antissocial.

Assim, a instituição correccional que tem a atribuição de atender aqueles que cometeram atos infracionais, pode limitar a compreensão de seu comportamento apenas à tendência antissocial ou no extremo, à delinquência; entretanto não se deve perder de vista o diagnóstico da personalidade, o qual pode afetar o foco da problemática (e, conseqüentemente, a intervenção), por impactar na compreensão do ato infracional, em gênero e gravidade.

E, sendo a instituição o espaço de cuidado desse jovem, qualquer manifestação de sua parte deveria ser observada como uma evidência dessa necessidade, sendo então tratada com os cuidados cabíveis, como parece compreender o CASA Novo Tempo:

Oferecer um ambiente saudável significa estabelecer uma rotina sustentada por cuidados básicos, tanto estruturais como emocionais, ou seja, desde garantir um espaço físico adequado, com condições de habitabilidade e recursos, bem como a definição de uma rotina estável e regras de convivência claras e sólidas. (PPP CASA NOVO TEMPO, 2017, p. 43)

Essa definição do trabalho por parte do Centro se materializa em ações apresentadas como “Modelo de Atenção”, também descritas no referido Plano Político Pedagógico - PPP(2017), as quais se voltam para uma postura de acolhimento, escuta e vínculos entre a equipe, adolescentes e familiares.

Para tanto, a equipe gestora (diretora, encarregada de área técnica e/ou coordenadora pedagógica) recepciona os adolescentes quando de sua chegada ao Centro de Atendimento, apresentando a proposta de trabalho e fazendo um primeiro acolhimento, semanalmente são realizadas reuniões entre os adolescentes e toda equipe para tratarem de questões coletivas ocorridas ao longo da semana, bem como são desenvolvidos encontros mensais com as famílias.

O cotidiano dos jovens se constitui pelo rigor da agenda de atividades e a rotina desde o despertar, as atividades e ações de manutenção do ambiente, até o adormecer, que ainda é acompanhado pela vigília dos servidores, no sentido de atendê-los no que for necessário, visando à estabilidade ambiental e permitindo ao adolescente a previsibilidade do que estar por vir.

Em suma, o fato é que o Centro propõe uma mudança de postura na abordagem ao jovem e seus familiares, potencializando o cuidado no cotidiano e nas diversas ações, desde as mais simples até as intervenções mais complexas, planejadas pela equipe multiprofissional.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Aspectos metodológicos do estudo

Trata-se de um estudo descritivo, com orientação qualitativa, que tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra por meio do trabalho intensivo de campo (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). O que se aplicou à nossa relação com os participantes e o ambiente que compuseram o campo onde foi desenvolvido o presente estudo.

Segundo Gil (2006), o estudo descritivo pretende descrever as características de determinada população ou fatos e fenômenos de determinada realidade, sem nela interferir para modificá-la. A pesquisa descritiva promove um delineamento da realidade uma vez que esta descreve, registra, analisa e interpreta a natureza atual ou processos dos fenômenos. O enfoque deste método sobre as condições dominantes da realidade, ou como uma pessoa, grupo ou coisa se conduz ou funciona no presente, empregando para este fim a comparação e o contraste. Na resolução de problemas, informa as condições atuais, necessidades e como alcançar resultados.

4.2 Aspectos éticos do estudo

O projeto desse estudo foi enviado para avaliação junto ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo e cadastrado na Plataforma Brasil. Uma vez que obtivemos a aprovação para realização do estudo, através do parecer nº 2.689.433, além da autorização da instituição – Fundação CASA-SP e do juiz corregedor (anexos 1 e 2), os participantes foram esclarecidos para aceitarem ou não a participar do mesmo. Desta forma, confirmamos que todos os procedimentos metodológicos obedeceram aos padrões estabelecidos pela Resolução 466/12, que trata das Normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (Brasil, 2013). É importante ressaltar que os termos de assentimento e de consentimento foram devidamente esclarecidos e respectivamente assinados pelos participantes do estudo e responsáveis (Apêndices 1 e 2).

4.3 Participantes e contexto do estudo

Considerando a finalidade de a pesquisa perpassar pela avaliação da aplicação dos preceitos winicottianos no programa de internação, foram definidos dois grupos participantes: adolescentes (G1) e membros da equipe (G2), de modo que conseguíssemos uma avaliação tanto do ponto de vista de quem recebe o atendimento como de quem o aplica.

No G1, grupo formado por adolescentes, o critério prioritário para inclusão na pesquisa foi o tempo de cumprimento da medida, uma vez que somente ao final desse processo poderiam fazer uma análise mais extensa do atendimento, expressando opiniões, críticas e sentimentos, permitindo a análise do percurso institucional integralmente. Portanto, apenas os jovens em fase de conclusão de caso foram participantes da pesquisa, num total de 10 adolescentes.

Vale lembrar que o CASA Novo Tempo, centro de atendimento no qual a pesquisa foi realizada atende adolescentes com faixa etária entre 12 e 21 anos incompletos, preferencialmente procedentes dos municípios das circunscrições judiciárias da região de Jundiaí, Bragança Paulista, Sorocaba e Itu; contudo, atendendo ao preconizado no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) quanto aos parâmetros que definem a adolescência, a idade passou a ser um critério, restringindo como participantes aqueles com idade entre 12 e 18 anos, classificada como inimputáveis e sujeitos à aplicação de medidas socioeducativas.

Considerando os adolescentes estarem internados na Fundação CASA-SP, o local para a realização das entrevistas ficou restrito ao espaço do Centro de Atendimento, sendo utilizadas as salas específicas apropriadas para o procedimento, de modo a garantir o sigilo e individualidade para as entrevistas.

O G2, grupo formado por membros da equipe, foi constituído pelos profissionais que compõem o quadro de servidores previsto na política de atendimento da instituição, representando as áreas específicas - psicologia, serviço social, pedagogia,

segurança e disciplina – e ainda, a encarregada de área técnica e diretora do Centro, representando a gestão.

A intenção de trazer as reflexões, considerações, crítica e sentimento dos membros da equipe foi de grande relevância, na perspectiva da aplicação dos conceitos winicottianos nas suas práticas cotidianas. Para tanto, foi realizado um grupo focal com alguns membros da equipe, visto que se trata de uma técnica muito eficiente em favorecer a troca de ideias e posicionamentos entre os participantes.

Outro critério importante para inclusão no grupo dos profissionais foi o tempo que o servidor já atuava nesse Centro, pois necessariamente o mesmo precisava ter certa apropriação dos fundamentos teóricos que aplicam de modo a ter o mínimo de recursos para uma avaliação acerca da prática interventiva, sendo indicado, portanto, um tempo mínimo de um ano, tendo participado ao menos da última revisão do Plano Político Pedagógico 2017 (discussão realizada no período de novembro e dezembro do ano anterior a referência do documento, ou seja, novembro e dezembro/2016).

4.4 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada em três momentos:

No 1º momento utilizou-se da pesquisa documental, que é um dentre vários tipos de procedimento de coleta de dados, o qual, segundo Gil (2008), se caracteriza por valer-se de materiais diversificados e dispersos que não tiveram um tratamento analítico, como no caso da pesquisa bibliográfica.

Seria possível indicar algumas vantagens da pesquisa documental, mas em especial e que melhor atendeu aos objetivos dessa pesquisa é o fato dos documentos representarem a fonte dos dados, o ponto de partida para a compreensão dos demais conteúdos obtidos ao longo da pesquisa.

Esse procedimento assume a função de resgatar informações, dados e detalhes variados favorecendo a localização na história e, com isso, a análise para o fim que se deseja.

Nesse caso, a pesquisa documental intencionou reunir informações relevantes da história desses adolescentes (conceitos, valores, cultura, condições

socioeconômicas, aspectos emocionais, vulnerabilidades, etc.), definindo o perfil desse grupo, a qual se deu através de consulta aos prontuários e pareceres neles contidos elaborados pela equipe multiprofissional.

No 2º momento, foi utilizado como técnica de coleta de dados a entrevista individual com o G1, grupo formado por adolescentes. Segundo Minayo (2014), entrevista é a estratégia mais utilizada no trabalho de campo, atendendo ao sentido amplo da comunicação, bem como no sentido restrito da coleta de informação para tema científico específico. Acrescenta ainda, que essa ferramenta fornece dados primários e secundários de duas naturezas, sendo aqueles possíveis de serem levantados por outras fontes como censos, estatísticas e etc.; ou aqueles acerca do sujeito entrevistado, os quais trazem reflexões sobre as situações vivenciadas por ele, e só podem ser conseguidos com a contribuição da pessoa, como no caso dessa pesquisa.

Minayo (2014) refere que a grande vantagem da entrevista sobre as outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. E quando a entrevista é bem sucedida pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temáticas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais, o que permite um aprofundamento sobre o assunto pesquisado.

Para Lüdke e André (1986), na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo é a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. Permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.

Para esse momento, a entrevista individual foi a técnica mais indicada, uma vez que tendo por objetivo identificar o significado atribuído pelo adolescente ao atendimento recebido, esse espaço de escuta individualizada permitiu trazerem

relatos particulares, expressarem opiniões e sentimentos genuínos sem a interferência de outrem.

Para coleta de dados durante a entrevista foram utilizadas três questões norteadoras: “Você pode falar sobre sua internação na Fundação CASA?”; “Como foi sua passagem pelo Centro de Internação Provisória - CIP?”; “Como foi sua trajetória no CASA Novo Tempo?”. Desta forma, favorecendo o entrevistado a se apropriar do tema e discorrer com mais flexibilidade, possibilitando-o atribuir significado ao atendimento recebido.

No 3º momento, aplicou-se a técnica do Grupo focal junto ao G2, constituído por membros da equipe, por se tratar de uma técnica grupal que favorece a troca de ideias e experiências dos participantes a partir de um tema sobre o qual tenham certa vivência em comum, foi um instrumento muito pertinente para os objetivos desse estudo.

Segundo Gatti (2012), os participantes devem ter alguma vivência com o tema abordado, de modo que sua experiência possa trazer subsídios para sua participação. Ainda acrescenta que, esta é uma técnica que permite emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado.

O grupo focal, como aponta Minayo (2014), resguarda como valor essencial a fundamentação na capacidade humana e formar opinião e interagir com outros indivíduos, distanciando-se, portanto de técnicas com questionários fechados ou participações dos sujeitos isoladamente.

A composição do grupo focal se dá a partir de critérios associados a metas da pesquisa. Gatti (2012) esclarece que essa composição deve se basear em algumas características homogêneas dos participantes, mas com suficiente variação entre eles para que apareçam opiniões diferentes ou divergentes. Esse critério veio de encontro ao perfil do G2, os quais compartilham de um mesmo referencial teórico na construção uma pratica, mas preservam a variação mencionada acima, a partir da perspectiva da

área específica de atuação (psicologia, serviço social, pedagogia, segurança e gestão do Centro).

A operacionalização da técnica se dá por uma ou mais reuniões com pequenos grupos, num mínimo de 06 (como no nosso caso) e um limite de 12 pessoas, com uma previsão de duração entre 1 hora e meia e três horas no máximo por encontro, também variável entre um ou dois; conduzido por um animador, com foco num tema específico; um roteiro norteia as questões a serem exploradas, mas, será, sobretudo, do animador a função de aprofundar as considerações, estimular a participação de todos, estabelecer relações entre os posicionamentos, ressaltando que não existem respostas absolutas, certas ou erradas. Portanto, foi essa configuração adotada para o desenvolvimento da técnica. Neste contexto o grupo focal teve como questões norteadoras as seguintes proposições: “O que acham da aplicação dos conceitos winnicottianos na medida socioeducativa?”; “Qual o impacto desse modelo no comportamento dos adolescentes?”; “Como foi ter que se apropriar desse referencial?”.

O encontro foi realizado no próprio Centro de Atendimento, numa sala adequada, em torno de uma mesa que favoreceu a interação e a interlocução face a face dos participantes, como indica Gatti (2012), bem como o sigilo e a qualidade da gravação estava garantida.

4.5 Análise dos dados

No contexto deste estudo, para análise do material coletado junto às entrevistas com o G1 e o grupo focal com o G2, optamos pela utilização da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), que é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que envolveram procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição

do conteúdo das narrativas, proporcionando a obtenção de indicadores qualitativos que permitiram a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas narrativas. Constituiu-se uma forma de categorização de dados verbais, tornando objeto da análise a mensagem contida nas comunicações orais obtidas junto aos sujeitos do estudo.

Dentre as técnicas de análise de conteúdo, optamos pela análise categorial, que permitiu a realização da análise dos dados por meio da leitura integral dos relatos de cada entrevistado, em que tentamos compreender o interesse ou não sobre a temática. Foram lidos de forma a obter-se um sentido geral do todo de cada relato. Em seguida, realizamos uma releitura de cada relato, buscando identificar elementos estruturadores dos discursos proferidos pelos adolescentes sobre o assunto pesquisado, de forma que pudessem ser decompostos em categorias, proporcionando o eixo para análise dos mesmos. Assim, os significados foram agrupados por suas semelhanças dando origem a categorias. Para Bardin (2011), a categorização é uma operação de elementos construtivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 GRUPO 1

5.1.1 Perfil dos participantes

A partir dos critérios elencados para a inclusão no grupo de participantes da pesquisa, foram convidados dez adolescentes, cujas características seguem abaixo:

P1 (F.M.)	16 anos
<ul style="list-style-type: none"> • Pais separados, mas mantém um bom relacionamento, sendo que ambos já possuem novos companheiros. Ele mora com a mãe e o padrasto. Menciona que não aceitava as orientações de seus familiares. • Seus irmãos residem com o pai e um deles apresenta histórico infracional, tendo passado pela Fundação CASA-SP e sistema prisional. • Atualmente, P1 frequenta o 9º ano do ensino fundamental, mas só foi alfabetizado quando tinha entre 12 e 13 anos. • Cumpre a medida socioeducativa de internação por tráfico de drogas. 	
P2 (H.E.N.F.)	17 anos
<ul style="list-style-type: none"> • Pais separados; ressaltando que entende por pai o padrasto, por tê-lo registrado, uma vez que seu pai biológico não reconheceu a paternidade. • Reside em Fortaleza/CE e P2 chegou a conhecê-lo, permanecendo com o mesmo por um período de aproximadamente dois meses, enquanto esteve passeando por lá, mas após a sua volta para São Paulo, os contatos foram ficando esporádicos, até se distanciarem definitivamente. • Possui 03 irmãos mais velhos com vida independente e 02 mais novos, todos frutos de relacionamentos diversos da mãe. Com o atual companheiro, a mãe não teve filhos. • Atualmente frequenta 9º ano do ensino fundamental e a medida socioeducativa que está cumprindo foi aplicada em decorrência da prática de roubo. 	
P3 (J.V.A.C.)	16 anos
<ul style="list-style-type: none"> • Não conheceu o pai e sua mãe apresenta um histórico de vivência de rua, devido à dependência química, e já está há aproximadamente 02 anos desaparecida. • Ele e seus quatro irmãos residem com a avó e a tia materna; sendo que um deles está envolvido com o tráfico de drogas, tendo recebido uma medida socioeducativa de semiliberdade em decorrência disso, a qual descumpriu. • Há outro irmão que tem apresentado alguns sinais de envolvimento com o meio infracional, estando evadido do ambiente escolar. Os dois irmãos mais novos, ainda pequenos, seguem as orientações da avó. • Atualmente, ele cursa o 1º ano do ensino médio. A internação na Fundação CASA-SP veio em consequência ao seu envolvimento como tráfico de drogas. 	

P4 (H.H.S.A.)	18 anos
<ul style="list-style-type: none"> Já completou a maioridade, hoje com 18 anos, reside com a madrasta, que o assumiu como mãe. Seu pai mora em Minas Gerais e mantém um bom relacionamento com o jovem. Seus pais se separaram quando ele tinha aproximadamente 01 ano de idade e, por não aceitar a separação, o pai assassinou sua mãe. Frequenta o 2º ano do ensino médio e, cumpre medida socioeducativa em decorrência da prática de roubo. 	
P5 (M.L.R.)	17 anos
<ul style="list-style-type: none"> Reside com a mãe, o padrasto e o filho do padrasto. Seus pais são separados e os dois possuem novos relacionamentos. Hoje, cursa o 2º ano do ensino médio, mas havia se evadido da escola anteriormente a internação. 	
P6 (L.H.F.V.)	16 anos
<ul style="list-style-type: none"> Pais separados. Ele reside com a mãe, a avó e o irmão; seu pai mantém proximidade com a família, mas o relacionamento fica um pouco prejudicado em razão desse fazer uso de álcool. Chegou à Fundação CASA-SP devido ao delito de tráfico de drogas e está cursando o 9º ano do ensino fundamental. 	
P7 (B.W.S)	16 anos
<ul style="list-style-type: none"> Reside com sua mãe, sabe quem é o pai, embora este não conste em seus documentos, e também não mantém nenhum contato. Sua mãe trabalha com reciclagem, perfazendo uma renda inferior a um salário mínimo. O adolescente cumpre internação em decorrência de seu envolvimento com o tráfico de drogas, o que já lhe rendeu outras medidas socioeducativas anteriores, de semiliberdade e liberdade assistida. 	
P8 (L.G.C.)	17 anos
<ul style="list-style-type: none"> Reside com o irmão e a cunhada, que assumiram seus cuidados quando do falecimento do pai que criou sozinho os filhos, em razão de a mãe ser usuária de drogas e não afastar-se do contato com os mesmos. O adolescente residia com o pai na Bahia, num sítio, distante da escola, o que levou ao seu afastamento dos estudos. Com o falecimento do pai, o qual foi assassinado, mas desconhece os motivos, ele precisou retornar para São Paulo, e desde então veio se envolvendo em práticas delitivas. Embora, negue a participação no delito que acarretou a internação – tráfico de drogas, refere um extenso histórico infracional (roubos, tráfico e receptação), tanto que já cumpria medida socioeducativa em meio aberto – liberdade assistida. Frequenta o 7º ano do ensino fundamental. 	
P9 (A.M.)	18 anos
<ul style="list-style-type: none"> Reside com a mãe, padrasto e irmãos. Não aceita o padrasto como membro da família, por acreditar que este veio substituir seu pai falecido, perda esta sinalizada (nos registros) como fator de profundo sofrimento ao adolescente, mesmo passado longo período. O padrasto participou de todo o processo socioeducativo durante sua internação, mostrando disponibilidade e compreensão em relação a resistência que manifesta em relação a sua figura. Cumpre a medida socioeducativa de internação por tráfico de drogas, referindo também consumo intenso. Cursa o 8º ano do ensino fundamental. 	
P10 (L.F.B.)	15 anos

- Reside com a mãe e irmãos, tendo um irmão gêmeo (embora não idêntico), mais duas irmãs mais velhas, sendo que uma delas reside em outro município em razão dos estudos (curso medicina) e a outra curso faculdade de estética.
- Sua mãe trabalha num escritório de direito como analista fiscal, e é a principal referência da família, embora conste nos registros relatos quanto suas dificuldades em lidar com o adolescer de seus filhos, em especial P10.
- O adolescente não tem nenhum contato com o pai, de quem a mãe separou há aproximadamente 14 anos, em razão de seu envolvimento com drogas.
- A internação se deu em decorrência a prática de tráfico de drogas, envolvimento este que veio com uso e as relações com amigos que também faziam uso, seguido do distanciamento da escola. Atualmente cursa o 7º ano do ensino fundamental.

5.1.2 Resultados e discussão das entrevistas.

Posterior à profunda leitura das entrevistas dos adolescentes, foram formuladas três categorias: 1- relações institucionais, 2 - relações interpessoais, 3 - mudanças individuais.

Da categoria Relações Institucionais as características próprias das instituições totais se apresentam predominantes no “olhar” do discurso dos jovens entrevistados.

O universo desconhecido com a rotina controlada, recheada por uma série de atividades pré-determinadas, e o convívio compartilhado com tantos outros adolescentes e servidores “desconhecidos”, além dos objetos e materiais comuns a todos, assim como as roupas uniformes e a circulação “vigiada” nos espaços são características que impõem aos adolescentes um choque frente aos hábitos que trazem consigo, como expresso por um dos adolescentes: “...*que não ‘tava’ tão preparado pra ‘tá’ nesses ‘lugar’, tinha certa dificuldade, queria as ‘coisa’ na hora que eu queria*”. (P2)

Tais características se enquadram na classificação definida por Goffman, em Manicômios, prisões e conventos:

“Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada.” (GOFFMAN, 2007, p. 11)

A despeito dos esforços da instituição para a garantia dos direitos, através da construção de uma política de atendimento com foco nas intervenções individualizadas, respeitando a singularidade de cada jovem, a vida formalmente

administrada se mantém inabalável atendendo ao interesse da ordem institucional, em detrimento do sujeito, que passa a compor um coletivo controlado permanentemente, desde sua entrada e por toda a sua permanência, mas com especial dificuldade de adaptação inicialmente, como refere P2: *“Ah senhora no começo foi um pouco difícil, não me adaptei aqui, não me adaptei ‘da casa’, mas depois de um tempo eu fui me acostumando e ‘tô’ até hoje.”*; processo este que, segundo Goffman (2007), implica na sistemática mortificação do eu:

O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamento, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente mortificado. Começa a passar por algumas mudanças radicais em sua *carreira moral*, uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que têm a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos pra ele. (GOFFMAN, 2007, p.24)

A despeito de tais características se constituírem como essência das instituições totais, me pareceu que não são esses padrões que ressoam aos jovens como a nocividade da instituição; assumem essa dimensão os “excessos” do controle - humilhações e subjugação imposta através da circulação em filas, com a cabeça baixa e as mãos para trás, os pedidos de licença a todo momento indiscriminadamente, posições de subserviência e a violência física, evidenciados nas narrativas dos jovens: *“Não, primeiramente ‘passou’ pela ‘CIP’, lá era bem diferente que aqui, né senhora? lá era opressão. Ah...fiquei dois meses lá senhora, lá era bem diferente daqui dessa unidade. Tinha que andar com ‘as mão’ pra trás, pedir licença senhor toda hora, licença senhora, cabeça baixa...bastante opressão ‘lá foi’”*. (P6)

“Não pode...nem conversar senhora podia, ‘memo’ que não fosse formação não podia levantar, tem uma quadrinha lá pra ‘nóis’ tomar sol de vez em quando, uma vez na semana ‘nóis’ vai tomar um sol, fica umas duas ‘hora’, aí ‘nóis’ só pode ficar sentado, não pode levantar, não pode cantar uma música, se começar muito ‘vuco vuco’, aumentar a voz, aí já tira ‘nóis’ já deixa ‘nóis’ formado no chão com a mão na

cabeça, 'pote' baixo, num cantinho sozinho, isso com a bunda no chão, quebrando 'nóis', era duas horas de sol, vai ficar duas horas no chão lá quebrando. Também 'passá' a alimentação você apanhava, conversar com do seu lado não pode, não podia fazer nada senhora". (P9)

Todo o resto lhes parece comum.

A comparação entre os Centros de atendimento que adotam essa prática "humilhante" e o CASA Novo Tempo, que embora mantenha os padrões comuns da instituição, evidencia essa percepção e classificação que atribuem aos centros de atendimento e servidores, aparecendo quase que em todas as entrevistas: *"Que nem eu falei, esperava que nessa unidade aqui seria igual na outra, ter que andar com a 'mão' pra trás, ficar pedindo licença, cabeça baixa, e quando eu cheguei aqui eu vi que era totalmente diferente, né? Não precisava andar com a 'mão' pra trás, não precisava ficar pedindo licença, aqui os 'funcionário' trata todo mundo com respeito, é respeito por respeito aqui, é o carro chefe da casa, né?, é o respeito". (P6).* E continua: *"Sim senhora, porque nessa unidade aqui nem precisa andar com 'as mão' pra trás, não precisa ficar pedindo licença, é corte do 'mundão', corte de cabelo...Ah, eles 'batia', né senhora?, agredia muitas vezes 'os menino' que 'tava' na outra unidade por causa de motivo banal eles 'agredia', ah...bastante opressão senhora". (P6)*

"Ah senhora, o nosso dia a dia lá senhora, lá nas UIP 'memo', lá tinha uns moleques lá, que 'fazia' uma pra apanhar, né senhora? que lá, eles não 'tinha' dó não, lá nas UIP. Aqui já é bem mais tranquilo, senhora. Lá onde que eu, no dia a dia eu fazia a minha, né senhora? fazia e seguia as 'ordem' da casa certinho, pra mim não vim te prejudicar também, né senhora? aonde que eu fazia as 'minha' e tudo que eles 'falava' pra mim não, eu ia lá e fazia certinho. Ai depois 'passado' um tempo foi onde que eu fui pra outra casa, né senhora?". (P7)

Segundo Goffman (2007), paralelo ao processo de mortificação do eu, diante aos mecanismos de despojamento da instituição é possível uma "pseudo" reorganização pessoal a partir do sistema instalado, incluindo três elementos básicos: as regras da casa, os privilégios decorrentes da obediência e, os castigos nos casos da desobediência.

Nesse sentido, os adolescentes em privação de liberdade parecem ocupar-se desses elementos, se distanciando da realidade externa e da própria história, vivendo o universo institucional como se fosse único.

Aliando as conceituações de Goffman à Teoria do Amadurecimento de Winnicott, me parece pertinente considerar tanto os mecanismos relativos a mortificação do eu, quanto os elementos que levam à reorganização pessoal, como falhas ambientais, que segundo o autor – Winnicott (1956) provocam uma ameaça de aniquilação, dada a condição de invisibilidade que impõem aos adolescentes, agravada pela relação determinada pelos servidores, como podemos reconhecer na seguinte narrativa: *“Quando eu pedia parece que demorava, mas não ‘chamava’, parecia que ‘fingia’ que não ‘escutava’, aí eles não ‘chamava’”*. (P3)

A complexidade da questão se acentua ao considerarmos o estágio de amadurecimento de cada jovem que adentra a instituição, carregando em sua “bagagem” a história de recorrentes falhas ambientais, comprometendo o processo de desenvolvimento que depende das boas condições de cuidado, como fundamenta Winnicott:

O desenvolvimento emocional ocorre na criança se se proveem condições suficientemente boas, vindo o impulso para o desenvolvimento de dentro da própria criança. As forças no sentido da vida, da integração da personalidade e da independência são tremendamente fortes, e com condições suficientemente boas a criança progride; quando as condições não são de uma forma ou de outra tendem a destruí-la. (WINNICOTT, 1962, p.63)

Não seria possível aqui e, não se inclui na intenção desse estudo, o diagnóstico psiquiátrico dos jovens internados, mas para além da evidente característica da tendência antissocial manifesta, as histórias desses jovens remetem a privações em estágios muito precoces, sugerindo lacunas tanto na fase da personalização, como até na integração, as quais se manifestam no comportamento e nas relações que estabelecem (ou não).

Portanto, pensar numa população de internos que apresenta características mais regredidas, dada imaturidade emocional, cuja tendência antissocial surge como elemento extra, então quais as intervenções indicadas? Segundo Winnicott (1999, P.147), para tais casos a psicoterapia não é a terapêutica indicada: “De acordo com a teoria apresentada nesse estudo, é o ambiente que deve dar nova oportunidade à

ligação egóica. [...]”, cujo procedimento mais adequado seria o fornecimento de uma alternativa para a família. E ainda:

...o tratamento da tendência anti-social não é a psicanálise. É o provimento de cuidados à criança, que podem ser redescobertos pela própria criança e nos quais ela pode experimentar de novo os impulsos do id, com possibilidades de testá-los. É a esta estabilidade do novo suprimento ambiental que dá a terapêutica. (WINNICOTT, 1999, p. 147)

O fato é que, o universo da instituição, com sua rigorosa rotina “cadenciada”, acompanhamento permanente, atividades pré-determinadas, enfim, parecem assumir (paradoxalmente) a condição de ambiente estável, oferecendo a continência e estabilidade que faltou. E o modelo de atenção do CASA Novo Tempo na perspectiva do que Winnicott indicou como terapêutica para crianças antissociais:

Voltemos agora ao tema da criança privada de vida familiar. Além de serem negligenciadas (e nesse caso chegarão aos tribunais juvenis como delinquentes), essas crianças podem ser tratadas de duas maneiras. Podem receber psicoterapia pessoal, ou pode-se oferecer-lhes um ambiente estável e forte, com assistência e amor pessoais, e doses crescentes de liberdade. De fato, sem esta segunda alternativa, a primeira (psicoterapia pessoal) não terá grandes possibilidades de êxito. E se houver um lar-substituto adequado, a psicoterapia poderá tornar-se desnecessária, o que é ótimo porque, praticamente, ela nunca é acessível. (WINNICOTT, 1999, p.133)

Essa organização da rotina parece favorecer ao adolescente a estabilidade que lhe faltou ao longo do desenvolvimento, dando contorno e continência; e, enriquecido por cuidados pessoais suficientemente bons pode permitir a retomada do processo de amadurecimento.

O espaço físico delimitado, o enquadre dado por pessoas que têm a função deliberada de garantir a integridade individual de cada um e do ambiente, a rotina com horários cronometrados, agregado de certa dose de pessoalidade na abordagem, pode elevar a mera característica de instituição total à qualidade de holding, que faltou ao jovem em seus estágios iniciais, visando à integração, comparando ao apontado por Winnicott:

De tudo o que constatamos, a questão que mais nos interessa aqui é a aquela parte do processo a que chamamos integração. Antes da integração, o indivíduo é um conjunto de fenômenos sensório-motor contidos pelo ambiente externo...Não há dúvida de que as experiências instintivas contribuem imensamente ao processo de integração, mas é necessário também, a todo momento, uma pessoa que dê holding à criança adaptando-

se suficientemente bem às suas necessidades mutáveis. (WINNICOTT, 2001, p. 216).

Nesse sentido, a preocupação do centro de atendimento em definir as funções dos ambientes, garantir a precisão dos horários e o cumprimento da agenda com as atividades previstas para cada um individualmente, pode contribuir para a previsibilidade, dando contorno na perspectiva da integração; e é possível identificar o quão dão importância para isso, ao mencionarem momentos da rotina: *“Ah, a escola era muito ruim também, que lá quando ‘se’ ia pegar o lanche, tinha que formar, ficar dentro da sala. Aqui já é diferente, você vai pro refeitório”*. (P3).

“Tô nessa casa aqui faz três meses e doze dias. E aqui é totalmente diferente, tem os ‘curso’ pra tá fazendo, tem as ‘rotina’ do dia a dia, né?...tem bastante coisa aqui nessa unidade”. (P6)

Outro fator importante de ser elencado refere-se à capacidade de tolerância, pois diante aos testes e ataques dos jovens, a estabilidade parece prevalecer, e os sentimentos que surgem daí possuem espaço de projeção legitimado e possibilidade de reparação (por exemplo, o encontro da semana, às sextas-feiras), expressamente reconhecidos pelos jovens: *“Aqui, agora ‘nóis’ chega aqui, ‘nóis’ respeita eles certinho, e aí, se aí ‘nóis’ vem desrespeitar eles também, eles mostra pra ‘nóis’, né senhora? que não é assim...vai lá e dá uma oportunidade também, né senhora?...Ah! fala pra ‘nóis’ que não tem que fazer isso, né senhora? fala pra ‘nóis’ a coisa certa, né senhora? e se vim de fazer alguma coisa que não é legal, eles vai e fala pra ‘nóis’, né senhora?, não faz isso não que não é legal, você pode pegar até orientação aqui na casa.”* (P7)

“É, ela fala...Tem, toda sexta feira ela conversa com ‘nóis’, a dona...a diretora, ela conversa com ‘nóis’ toda sexta feira, fala das cores, fala quem tá no verde, no verde é bom... É, e quem pega vermelho, que é o mais grave, né? tipo uma briga, aí já perde o conclusivo, seu relatório conclusivo, se ‘pegá’ um...Sim, aí se brigar você perde, que aí você não vai ‘tá’ preparado pra ir voltar pra sociedade, sendo que você não conseguiu nem conviver aqui sem briga, sem respeitar o próximo”. (P9)

E acrescenta: *“É não, isso daí é...toda sexta feira ela fala quem pegou cor, se teve relatório, né? se teve ocorrência, ela fala dos relatórios também, ah...é um jogo aberto mesmo... É, ela fala tudo...‘Nóis’ trata de tudo. (P9)... Pode, ela deixa, levanta a mão e aí fala”*. (P9)

Da categoria *relações interpessoais*, podemos dizer que para além do manejo constituído no ambiente em termos da organização com vistas à estabilidade, foi notável a relação estabelecida entre os adolescentes e servidores, e entre os próprios adolescentes, como foi possível reconhecer nas seguintes narrativas: *“Ah! converso bastante com os ‘funcionário’, os outros ‘adolescente’, todo mundo trata com respeito o próximo, se põe no lugar do próximo, né?”* (P6)

“Ah, aqui é um lugar tranquilo senhora...Os adolescentes é tranquilo aqui também, lá não, lá qualquer coisinha já ‘qué briga’ também”. (P12)

Possivelmente, as relações tenham sido favorecidas por este ambiente estável, mas é certo que esta característica materializa a “pessoalidade” conceituada por Winnicott (1999), como um fator substancial na terapêutica de crianças antissociais, as quais estão apenas pedindo o controle pessoas fortes, amorosas e confiantes. A dinâmica estabelecida no centro de atendimento e as relações interpessoais se constituem naturalmente, muito embora, ao chegarem nesse ambiente os jovens referem desconfiança de que isso seja possível, traduzida claramente na fala de P9: *“Então, no dia que eu cheguei aqui senhora, aí falaram que era respeito por respeito, não precisava andar com a mão pra trás, não precisava pedir licença pros senhores pra passar por eles, aí eu falei ‘ah esses cara’ é tudo besta, né? Agora vou reinar aqui, vou dar trabalho ‘memo’...Ah, ‘vô’ xingar, mandar ‘práquele’ lugar, vou sair andando, vou dar nem atenção, vou fazer o que eu quero, andar pra lá e pra cá, ‘tacá’ vai, na escola, ‘tacá’ papel no próximo, ia brincar ‘memo’ senhora. Mas eu também não sou ‘muleção’, né senhora?, também sou homem, assim eu me considero homem ‘memo’, eu vou respeitar a pessoa, né? ‘tá’ me respeitando vou respeitar, que nem eu cheguei aqui, foi o que eu pensei, mas quando eu vi que realmente é respeito por respeito, que as pessoas ‘respeita’, que é só você respeitar...”*

Mostrou-se expresso, na fala dos entrevistados, o respeito constituído entre eles, assumindo um valor particular e genuíno na relação, o que o distancia absolutamente do tal “respeito” imposto no padrão institucional: *“Ah senhora!! é porque aqui é uma casa que tem um carro chefe, né senhora? é respeito por respeito, aí não tem ‘pra que deles tá oprimindo nós’ senhora, só basta ‘nóis’ respeita eles, né*

senhora? aí foi onde que eu cheguei aqui, os ‘funcionário era’ tranquilo senhora, respeita ‘nóis’ certinho, aí foi onde eu respeitei eles certinho, também, tem que respeitar mesmo o funcionário, né senhora? Aí aonde que eles falava... passava até uns conselho pra ‘nóis’, né senhora? pra ‘nóis’ não é bom entrar pra essa vida não, né senhora? aí eles passava uns ‘conselho pra nóis’, respeitava ‘nóis’ certinho, né senhora? como ‘nóis’ também pode ‘respeitá’ eles, falava os ‘andamento’ da casa pra ‘nóis’ não vim de ‘brigá’, falava pra ‘nóis’ não ficar de ideia, pá, não né senhora?. (P7)

A abordagem da equipe é percebida como preocupação e cuidado real, levando-os a se sentirem reconhecidos e valorizados (a experiência do real): “O que acontece, tipo a alimentação, que pode ser uma coisa simples, mas na hora que ‘nóis tá’ almoçando, eles já descem mais rápido pra almoçar, pra comida não esfriar e ‘nóis comer ela’ quente, eles se ‘importa’ que é pra ‘nóis comê’ uma comida quente. E outra, tudo que eles ‘pede’ pra ‘nóis’ eles ‘pede’ por favor, obrigado, eles ‘agradece’, e eles relata lá os elogios também. (P9) ... É, eles agradecem, eles são respeitosos e anota lá, fala que ‘nóis’ ajudou, dá uns ‘elogio’

E, continua: “Foi, também, o respeito senhora, porque todas as unidades que eu passei não tinha respeito, essa daqui tem respeito, e nossa se você tá precisando de alguma coisa, e você pedir, ela (a diretora) dá o máximo assim pra conseguir pra você, pra ajudar se tiver no alcance dela, né senhora?...o possível....presente, até presente ‘nóis’ ganha”. (P9)

Em complemento ao ambiente, e sua função de holding, a pessoalidade na abordagem e o afeto devotado pela equipe, poderia ser equiparado ao que Winnicott nomeia de handling (brincadeiras, conversas, conselhos, atividades compartilhadas e até presentes). O respeito constituído nas relações define muitos contornos – limites, reconhecimento de si e do outro, reconhecimento do ambiente: “Ah!! eu respeito os funcionários, os funcionários respeita eu...Ah!! eu respeito, eu falo bom dia pra eles, falam bom dia pra mim...Não, porque eles ‘acorda’, fala bom dia pra gente, lá na outra casa não tem isso. Aqui se você precisar de um remédio, eles vai ‘buscá’, porque eles ‘mesmo’ pode comprar até com o dinheiro deles, lá não, lá na outra unidade se não tem, você fica sem, passando mal”. (P12)

Por fim, a categoria mudanças individuais sugere estarem os adolescentes em condições de se localizarem no tempo e no espaço, a partir do estabelecimento da confiança e da capacidade de envolvimento. O que parece ocorrer é o fechamento de

um ciclo, no qual o adolescente pôde fazer uso do ambiente, sendo ele próprio, concluindo o processo de integração em si mesmo, uma vez que esse ambiente se mantém vivo e estável sem a necessidade de retaliação, equivalente à relação mãe-bebê nos estágios iniciais do desenvolvimento, como propôs Winnicott:

Geralmente se descreve a origem da capacidade de envolvimento em termos das relações bebê-mãe, quando a criança já constitui uma unidade estabelecida e sente a mãe, ou a figura materna, como pessoa total. É um desenvolvimento que se liga ao período de dois corpos. (WINNICOTT, 1999, p.112)

E, continua:

Em circunstâncias favoráveis, quando o bebê atingiu o estágio necessário de desenvolvimento pessoal, dá-se uma nova fusão. Em primeiro lugar há a experiência plena, e a fantasia, de relacionamento com o objeto baseado no instinto, sendo que o objeto é usado sem que se levem em conta as consequências, usado implacavelmente (se usarmos o termo como descrição de nosso ponto de vista sobre o que está acontecendo). E, concomitantemente, há o relacionamento mais tranquilo do bebê com a mãe-ambiente. Essas duas coisas se integram...

As circunstâncias favoráveis necessárias a esse estágio são as seguintes: que a mãe continue viva e disponível, isto é, acessível fisicamente e acessível no sentido de não estar preocupada com alguma outra coisa. A mãe-objeto tem que sobreviver aos episódios guiados pelo instinto, que adquiriram agora toda a força de fantasias de sadismo oral e outros resultados da fusão. À mãe-ambiente cabe, por outro lado, uma função especial, que é continuar sendo ela mesma, continuar empática em relação ao seu bebê e presente para receber o gesto espontâneo dele e para ser agradada. (WINNICOTT, 1999, p. 115)

Nesse sentido, há a possibilidade de reconhecer a si mesmo e aos outros, bem como compreender a realidade objetivamente, permitindo relações e escolhas mais saudáveis, como evidencia os apontamentos de Winnicott:

Quando se estabelece a confiança nesse ciclo benigno e na expectativa da oportunidade, o sentimento de culpa em relação às pulsões do id se modifica e, nesse caso, precisamos de um termo mais positivo, como envolvimento. A criança está agora se tornando capaz de se envolver, de assumir a responsabilidade por seus próprios impulsos instintuais e pelas funções ligadas a eles. Isso fornece um dos elementos construtivos fundamentais do brincar e do trabalho. Mas, no processo de desenvolvimento, foi a oportunidade para

contribuir que possibilitou a inclusão do envolvimento entre as capacidades da criança. (WINNICOTT, 1999, p. 116)

As experiências vivenciadas pelos adolescentes ao longo da medida socioeducativa reafirmam os apontamentos acima, como é possível identificar nas narrativas a seguir: *“Uma coisa que fazia...sete anos já que eu não ia, que era pra escola, tinha parado há sete anos a escola. Agora voltei e ‘tô’ gostando de novo da escola, matemática, essas coisas. Os cursos ‘tá’ ensinando ‘nóis’, os cursos profissionalizantes”*. (P4)

Da mesma forma também refere outro adolescente entrevistado: *“Ah, mudou bastante coisa, né senhora? tanto é, que eu era muito fechadão, não gostava de ficar conversando. E aqui, nessa medida aqui, eu aprendi a conviver com as outras ‘pessoa’ que eu nem conheço, a respeitar mais. Primeiramente, a pensar na minha família, né senhora? antes de tá fazendo alguma coisa errada”*. (P6)

O amadurecimento se materializa na apropriação do si mesmo, essa condição os habilita para fazerem escolhas, estabelecerem relações a partir de um novo referencial, se apresentando como sujeitos capazes e passíveis de direitos, tendo um maior senso de realidade: *“Quando eu cheguei aqui senhora, eu ‘tava’ refletindo um pouco, né senhora? se eu saía dessa vida ou não, né senhora? mas foi onde que a senhora diretora conversou comigo, foi onde que eu fui refletindo, né senhora? o dia que eu cheguei, foi onde que eu fui refletindo cada dia mais, aí onde que eu parei pra pensar também, né senhora, porque eu entrei nessa vida? que foi só uma ilusão, né senhora?”*. (P7)

A definição de papéis e o reconhecimento dos limites se incorporam como elementos naturais e concretos, agregando vivacidade e valor ao cotidiano, na continuidade do **ser**. *“Com certeza senhora, eu tenho tudo agora, né? eu tenho tudo que eu preciso pra mudar de vida, e eu quero também...O que eu tenho? Eu tenho as ‘pessoa’ pra me apoiar agora, que eu não tinha, né? minha mãe tá agora, que nem...as outras unidades que eu tirei, minha mãe não ia me visitar, agora eu dei minha palavra que eu vou mudar e agora ela tá vindo me visitar. Dona Keila conversou com ela, minhas técnicas correu atrás também pra isso acontecer, porque não tinha visita,*

nada. Ela tá me apoiando e quando eu sair daqui, ela vai correr comigo, né? pra 'mim' arrumar um emprego, uma escola pra 'mim' terminar meus 'estudo', eu também não morava com a minha mãe, morava sozinho, agora eu pretendo, né? voltar pra minha casa.” (P9)

“Com certeza senhora, já pensou se todo mundo fizesse o que quer? ‘nóis’ fazia, mas eu era meio sem noção. Agora, vai, fiquei mais com a mente mais madura, amadureci um pouco.” (P9)...“E eu vou levar lá pra fora, pro meu convívio”.

5.2 GRUPO 2

5.2.1 Perfil dos participantes do Grupo Focal – profissionais.

A constituição do Grupo Focal se deu conforme a configuração do quadro de servidores que caracterizam a equipe na Fundação CASA-SP, considerando a multiprofissionalidade a partir da formação dos profissionais, sendo: 01 representante da psicologia, 01 do serviço social, 01 membro da área pedagógica e 01 da segurança, juntamente com a encarregada de área técnica (responsável pela coordenação da equipe) e a diretora do Centro de Atendimento.

5.2.2 Resultados e Discussões do Grupo Focal.

O material produzido com a realização do Grupo Focal exigiu exploração minuciosa, por meio de repetidas leituras, até a definição de quatro categorias: 1 - comportamento do adolescente como reflexo das falhas ambientais, 2 - A caracterização do atendimento na perspectiva winnicottiana, 3 - O amadurecimento como fruto da intervenção e 4 - Formação/Desafios.

A categoria comportamento do adolescente como reflexo das falhas ambientais

surgiu natural e inevitavelmente nas falas dos participantes, pois o adolescente é o ponto central do trabalho. E, começar a pensar uma forma de atendê-lo em suas necessidades requer localizar, a priori, a fonte de tais necessidades, a partir do diagnóstico individual, mas considerando, sobretudo, o que trazem em comum – a (de)privação, como sugere Winnicott em seu questionamento, ao tratar da questão da tendência antissocial:

Vocês sabem que na investigação dos internos de um reformatório, o diagnóstico pode variar segundo uma escala que vai de normal (ou saudável) a esquizofrênico. Entretanto, existe algo comum à todos os delinquentes. De que se trata? (WINNICOTT, 1999, p. 129)

A atenção dos profissionais se volta para os detalhes expressos por esses jovens em seus comportamentos, que revelam a deficitária condição emocional em que se encontram, indicando as possíveis falhas ambientais a que foram submetidos, e sinalizando por sua vez as dificuldades que enfrentarão para cuidá-los: *“...e os mais regredidos, que eles têm dificuldades...é, eles são resistentes, né?!”* (P5)

A tendência antissocial implica esperança, quando então se torna manifesta, afirma Winnicott (1999), contudo sua essência se caracteriza pela desesperança, tendo em seu registro a perda de cuidados suficientes bons e, tal conceito parece vir expresso nos discursos e comportamento dos jovens, cujos profissionais ilustram com exemplos: *“...ele não acreditava nesse cuidado, apesar da gente falar dos cuidados que ia ter com ele, e tudo que a gente ia fazer...”* (P2)

Essa sensação da descrença leva o indivíduo a uma agonia impensável, e para a defesa do verdadeiro eu, há um distanciamento do *sentir vivo*, ou seja, tudo parece irreal. Dias ao tratar da questão da confiabilidade em Winnicott descreve esse processo com presteza:

Se o ambiente falha em prover o bebê de confiança na realidade de si-mesmo e do mundo, o indivíduo não alcança a capacidade de acreditarem..., de confiar. O resultado é uma desconfiança básica, uma inconsistência que tornatudo irreal. O indivíduo não pode entregar-se aos acontecimentos da vida e fica todo tempo tomando conta do ambiente, à espreita de alguma invasão ou tomando conta do frágil do si-mesmo, sempre passível de ser perdido, aniquilado. (DIAS, 2011, p.27)

Relatam o quão difícil é acessá-los, logo de sua entrada na instituição, vez que a descrença nas pessoas e no cuidado que lhes possam ser ofertados é premente, levando-os a recusa, inclusive com ataque contra as pessoas, como aponta um dos participantes: *“Eu me lembro de um exemplo bem claro na sala de aula...é que ele fez uma atividade e foi reconhecido muito positivamente pela professora, e aí ela disse ‘nossa parabéns, o que você fez tá certo, olha...’ e na hora houve uma recusa desse elogio; ele disse ‘ah eu fiz porque eu quis’, e ele ficou naquele debate com ela dizendo ‘ah, eu não preciso do seu elogio’...”* (P1)

A desconfiança quanto à possibilidade das pessoas ofertarem cuidados se mistura, por outro lado, aos sentimentos de desmerecimento e incapacidade de conquistar e manter esses cuidados para si, potencializando possivelmente os ataques, como aparece em mais um dos exemplos trazidos pela equipe: *“...‘como é que as pessoas podem olhar pra mim e ver algo de bom?’, inclusive ele fez esse comentário,... ‘olha pra mim, eu nunca fiz nada de bom, eu não sou bom’, ele disse pra professora”.* (P1)

Ficam expressas, nos casos que mencionam as dificuldades enfrentadas pelos adolescentes e os reflexos que afetam seus comportamentos, as escolhas e as relações que estabelecem: *“...e aí colocou ele numa condição que ele não tinha nada, nenhum recurso, o único recurso que ele teve era o tráfico pra poder sobreviver, quando ele foi apreendido ele era revoltado com as pessoas, ele não acreditava em ninguém, então ele só xingava, só falava palavrão, ele só é... ele não confiava nas pessoas, ele era resistente com todo mundo, ele não queria saber...”* (P5)

O fato é, como afirma Winnicott (1999), que são aos bons lares que cabem a atenção prioritária de profissionais, vez que são estes e os cuidados que dispensam as suas crianças que dão dividendos, possivelmente com suas condutas satisfatórias e compensadoras; e, acrescenta, que se configura nesse bom lar comum o fornecimento de uma razão básica de moradia, alimentação, vestuário, educação, recreio e lazer (podendo ser chamado alimento cultural). Entretanto, diante a privação dessas condições que se estabelecem as doenças e são esses quem reivindicam os nossos cuidados, na tentativa de reaver o que perderam, e é nesta esfera que os membros da equipe percebem os adolescentes que recebem na instituição, como ilustram: *“E, a maioria desses meninos não tinha rotina alguma, então a gente vê que*

(aqui) até fisicamente eles se desenvolvem, não só emocionalmente, porque eles não comiam corretamente, não tinham todas as refeições, não tinha horário, então assim, trocava o dia pela noite, tudo que afeta também no desenvolvimento”. (P4)

“...esses que são mais regredidos, eles não se sentem tão à vontade assim, ele faz esse teste, ‘pera aí, será que eles de fato não vão fazer nada de errado comigo, mesmo eu fazendo as coisas erradas’?...” (P5)

Posto isso, a equipe lançou mão de uma plataforma teórica que pudesse nortear a construção do trabalho materializada em ações cujos participantes do Grupo Focal elencaram detalhadamente, por meio de relatos e ilustrações, remetendo à outra categoria - A caracterização do atendimento na perspectiva winnicottiana: *“...eu entendo que é a questão da forma, do nosso modelo, do nosso diferencial, porque a gente entende que o nosso trabalho é pra ele, né? a medida (**socioeducativa**) tá pro menino, a gente já ouviu várias vezes, e a gente entende isso também, né? o nosso trabalho é pra ele e a partir daí, quando a gente percebe que ele tá entendendo isso, é que a gente vai fazendo os encaminhamentos pra que ele saia dessa...assim ó...dessa dependência absoluta, né? que ele vá, que ele adquira condições de poder cuidar de si próprio, né? o nosso trabalho é pra que ele tenha uma independência relativa, né?” (P5 *grifo meu)*

A definição de papéis e o amparo instituído por meio de um profissional referenciado para o acompanhamento ao adolescente individualmente é uma premissa para o trabalho, como descrito nas narrativas a seguir: *“...ele (**o adolescente**) chega, ele sabe quem são as pessoas que vão acompanhá-lo, então ele sabe que quando ele tiver um problema, tiver angustiado, tiver aflito, ele tem uma pessoa com quem ele pode conversar, quem ele pode buscar, e quando ele fizer essa busca, é...pelo menos haverá uma tentativa de escuta, dele ser acolhido e dele também ser orientado também nas dificuldades que ele tiver, eu acho assim, essa é umas das questões”, de P3 (*grifo meu), e, de P5: “ele tem uma rotina, ele tem obrigações, né? ele tem atividade que fazem que ele se desenvolva em diversas áreas, então assim ó, ‘você existe, você precisa fazer parte de tudo isso, e você tá aqui nesse momento’...”*

É possível perceber os preceitos winnicottianos impressos no discurso dos profissionais, parecendo natural desenvolverem o trabalho sob tal ótica: *“...quando eles vêm pra cá o nosso trabalho faz com que essas falhas, essas faltas, essas lacunas que aconteceram na vida dele, a gente de alguma forma com o cuidado, com a tolerância, e com o limite faz com que ele...ééé...entenda que é possível retomar, né? a gente supre as necessidades dele de uma forma que ele consegue reconhecer esse carinho, esse cuidado, essa atenção que faltava pra ele...”* (P5)

Contudo, o fato dessa relação – teoria e prática – parecer natural, não significou que o trabalho se tornou mais simples ou fácil, como indicou essa fala: *“Mas como é que a gente fazia isso, que eu acho que é isso que você quer saber, né? Assim ó...ele xingava, só que a gente não devolvia o xingo, ele falava palavras ofensivas, isso não foi fácil pra equipe, porque...é lógico que as pessoas se irritam, ninguém gosta de ser chamado disso daquilo e fica bem. Mas o que a gente fazia? a gente fazia ele entender que aquilo não era bom, e a gente dizia pra ele ‘isso me fez mal, eu não quero, eu faço isso com você? Você é tratado dessa forma?’ Então, a gente fazia ele pensar e se colocar no nosso lugar, né? e dizer pra ele de que forma aquilo afetava e o que ele fazia de errado, ele era responsabilizado, sempre foi responsabilizado por tudo que ele fez...”* (P5).

A dificuldade encontrada no trabalho ao lidar com as necessidades de cada adolescente, na representação de cada história, se reverte em satisfação em razão do reconhecimento dos resultados: *“Então alguns vão aparecer, num nível maior outro menor, mas aparece e a gente entende que é positivo, que é preciso ser tratado, né? Então, ele tem espaço. É lógico que entendo que não é consciente, né? Mas ele percebe que há um espaço pra ele se apresentar como de fato ele é, em alguns isso pode aparecer de imediato, outros ‘vai’ aparecer com o tempo, por mais... porque a medida, ela tem um mínimo aí de seis meses, né? Por mais que ele queira disfarçar e não mostrar quem ele é, não tem como, ele aparece. E se tem essas dificuldades que precisam ser superadas a gente vai tratar, e não é fácil, não é um trabalho fácil, é um trabalho difícil, é, mas é gratificante porque são esses que a gente mais vê o resultado”.* (P4)

O amparo teórico vem oferecer uma melhor compreensão do comportamento dos adolescentes e recursos para lidar com suas manifestações e atender as necessidades que se apresentam, sendo possível reconhecer nas ilustrações trazidas nas narrativas e a familiaridade com os conceitos winnicottianos: “...eles testam o ambiente, eles nos testam pra ver, apesar dele ser da forma que ele é a gente vai suportar, então o começo é muito difícil, por isso que assim ó..., **quanto mais difícil a vida, quanto mais regredido é o menino pelas dificuldades que ele passou, nosso trabalho... aí a gente percebe mais ainda o nosso impacto, por causa que a gente tem condição de visualizar com a teoria aquilo que a gente precisa fazer pra alcançar esse menino**”. (P5 *grifo meu)

Nesse sentido, o ambiente precisa se constituir numa alternativa ao lar que faltou como observado por Winnicott (1999, p. 203) na sua prática com crianças desajustadas: “[...] ...o princípio claro com respeito à assistência à criança vítima de privação não é o provimento de psicoterapia...O procedimento essencial é o fornecimento de uma alternativa para a família.”

E o início do trabalho se dá pelo conhecimento da história pregressa desses jovens, o que segundo Winnicott (1999) sempre é urgente em razão da dificuldade em se chegar aos fatos essenciais com o passar do tempo, bem como a observação quanto a relação que estabelece com o mundo hoje, reconhecendo sua condição emocional e suas necessidades, na direção das possíveis falhas ambientais:

“...comumente, a única maneira de determinar se havia, de fato, um ambiente suficientemente bom nos primeiros tempos, consiste em prover um bom ambiente e observar que uso a criança pode fazer dele,” (WINNICOTT, 1999, p.197/198)

Facilmente foi possível reconhecer na experiência da equipe do CASA Novo Tempo, situações semelhantes, a partir dos relatos: “*A gente começa pelo histórico do menino, de todas as coisas que ele passou, o que aconteceu na vida dele, o que ele precisa, e baseado nisso a gente vai..’é’... conversando com a equipe de referência, né?...o psicólogo, o assistente social, trás pra todos os outros que trabalham com esse menino quais são essas necessidades, porque que ele age dessa forma, é importante que as pessoas saibam porque que ele vai fazer isso, e o que ele precisa pra que esse comportamento, essa forma de agir no ambiente seja modificada*”. (P5)

A despeito do diagnóstico de cada adolescente, o bom ambiente precisa estar lá para ser criado, portanto, a equipe o planeja previamente, de modo que possa sobreviver aos previsíveis testes lançados por eles, e manter a estabilidade: *“É desde o despertar, eles têm horário pra acordar, tem horário pra fazer higienização pessoal, pra tomar o café da manhã, pra ir pra escola, o intervalo, o almoço, as atividades do segundo horário que contempla atividade cultural, profissional, o próprio lazer, o acompanhamento psicossocial, horário pro jantar, pro banho, pro deitar, tudo que ele não tinha... Atendimento da saúde, odontológico e outras especialidades, então é um norteamento desde o horário que ele levanta até o horário que ele vai dormir. Então esse conjunto faz com que ele...é....se perceba, se conheça, tenha o que a diretora falou do preenchimento, né? ele aparece”*. (P4)

E, ainda, acrescenta P6: *“...o procedimento desde a rotina diária dele, porque ele é vigiado vinte quatro horas, né? Então, é do despertar até o outro despertar, é ininterrupto, e aí o que acontece? a gente tem que cuidar das relações também, né? Desde a rotina, que é a parte prática, e desse cuidado também dele com outro menino, dele com a família...até porque se a gente ter problema com família aqui dentro, a gente tem que fazer o cuidado disso; dele com a equipe. Então a gente tem cuidado com tudo, tem que cuidar desde a parte pratica dele cuidar das coisas dele, dele cuidar das coisas dos outros, porque ele também faz coisas pros outros, e as partes das relações também, que a gente tem que ficar observando vinte quatro horas”*.

O rigor no cuidado do ambiente, das relações e da convivência é uma preocupação expressa, inesgotável: *“Éééé...quando ela fala desse cuidado, é...desse vigiar, é porque assim ó...eles são regredidos, se a gente deixa os meninos sozinhos...é...em algum momento eles têm essas práticas de criança mesmo, né? Então, o cuidar dá segurança, cuidar das pessoas que estão nesta área, é aquele cuidado total, um cuidado em todas as questões, é pra que haja... pra que ele seja protegido, né? pra respeitar a integridade dele, né? por isso que no momento que acorda ao momento que vai dormir, esses horários estão, né?...e durante o sono também, a gente zela por ele pra saber se tá tudo bem, porque os quartos têm outros jovens”*. (P5)

As falas trazidas pela equipe evidenciam a preocupação de referendar uma prática cujo grande diferencial está na abordagem, na postura que define as relações,

distanciando do padrão de instituições totais: “É, acho que no jeito de cuidar, de assim, é de cumprir essas rotinas que existem, né? acho que em todos os lugares, nessas instituições né, em que os adolescentes são privados, mas acho que é o cuidado que se coloca nessas ações que são rotineiras e cotidianas **(que faz a diferença)**”. (P3 *grifo meu)

Acrescido do complemento do P6: “...a gente desperta os meninos como disse o P5, não de qualquer jeito, ‘ó hora de levantar aí menino, levanta aí’, não...é, bate na porta, ‘bom dia, vamos despertar, olha a escovação, nós já vamos servir o café se não vai esfriar, vamos arrumar as camas, ter cuidado com as suas coisas, não é simplesmente arrumar a cama porque tem que arrumar, são suas coisas e você precisa manter organizado, é sua responsabilidade, organizar o quarto, manter limpo, porque ele dorme ali, ele precisa daquilo ali, então a gente diz isso...a importância disso pra ele, não é fazer porque é obrigação”. (P6)

E, continua: “Todos os dias, todas as pessoas, se ele mostrar qualquer resistência, a gente também pode levar ele pra um atendimento em particular e explicar a necessidade de fazer isso, porque é o ambiente onde eles vivem hoje e eles precisam cuidar desse ambiente né, eles fazem parte disso, eles não estão à parte disso, eles fazem parte disso então há um cuidado como disse já o rapaz pra nós...de família, né? Então, eu não vou falar com ele como se ele fosse um estranho pra mim, eu tenho um vínculo com ele, eu tenho todo um trabalho é claro, mas eu não falo com ele de qualquer jeito, eu não grito com ele, eu não xingo ele, eu chamo ele pelo nome dele, entendeu? então eu falo pra ele o que ele tem que fazer, se ele tem dificuldade a gente mostra, vai pro café, se ele reclama que não gosta de terminar o café, a gente tem o cuidado de encaminhar pra uma nutrição, se tem alergia, se não gosta desse sabor a gente faz a troca, se o menino é obeso pede uma dieta, se o menino tem necessidade de engordar... então, tudo isso ele vai percebendo que ele é importante pra equipe, ele não está ali simplesmente cumprido uma medida de qualquer jeito”. (P6)

As narrativas dos profissionais revelam o modo como pensam contribuir para as mudanças no comportamento, as quais dependem de amadurecimento, o que para tanto não ocorre por aprendizagem ou condicionamento, mas sim pela construção do mundo interno saudável: “...eu preciso explicar pro menino, eu preciso dizer pra ele,

ééé...o porquê, o porquê fazer correto, o porquê ser respeitoso, o porquê ser educado, né? e ele vendo o reflexo da equipe, que a equipe é gentil com ele, que a equipe é educada com ele, fazer ele refletir 'porque eu não serei também da mesma forma?', então tratar isso mesmo como espelho, como é que eu posso dizer pro menino falar o português correto se eu 'tô' falando o português na forma errada, então eu acho que isso fica muito claro no cotidiano, no convívio pros meninos". (P1). E complementa o P5: "...a gente trata ele desta maneira, assim ó...como participante, ele opina sobre o que ele vai fazer, ele é visto no que ele faz de bom e no que ele faz de ruim, e que essas coisas tem consequências".

Winnicott (1999) ao indicar nos seus registros as possibilidades de terapias para os distúrbios caráter também reconhece no recolhimento por decisão judicial um elemento positivo para o paciente. Nesse sentido, faz uma correlação com o "tratamento" cuja própria família pode oferecer nos primeiros sinais da tendência antissocial:

Isso corresponde também à cura natural, que comumente ocorre na família do paciente; a reação da sociedade foi, para o paciente, a demonstração prática de seu "amor", isto é, de sua disposição para "sustentar" o eu não-integrado do paciente e enfrentar a agressão com firmeza (a fim de limitar os efeitos de episódios maníacos) e o ódio com ódio, adequado e sob controle. (WINNICOTT, 1999, p. 285)

E, é interessante perceber como essas situações surgem no cotidiano do trabalho e os recursos que estabelecem para lidar com cada situação: *"...o menino se vincula a equipe de uma forma profissional, ele tem referência nas pessoas que trabalham aqui, a gente também dá bronca nos meninos, porque os limites têm que ser....o procedimento tem que ser cumprido independente da ação que ele tiver, se ele tiver certo ou tiver errado, a gente vai garantir as coisas que ele tem direito aqui e é isso o trabalho". (P6) E, prossegue P5: "...porque o fato da gente trabalhar com essa teoria não faz da gente não ter um limite ou, assim olha... 'não fez a lição, então vai ficar na sala de aula depois do intervalo pra poder refazer essa lição', 'é foi grosseiro com uma pessoa, ofendeu? É...vai se retratar, vai escrever um pedido de desculpas', porque o escrever essas desculpas faz ele pensar naquilo que ele 'tava' fazendo..."*

O grande desafio possivelmente esteja em conseguir balizar o rigor de cuidados e controle do coletivo permeado pelo afeto e a pessoalidade, de modo que estes elementos essenciais não cedam lugar à ditadura como observou Winnicott, ao ressaltar que algumas crianças não poderiam tirar proveito de qualquer outra forma de tratamento, oferecendo risco inclusive aos outros sistemas educacionais:

Este último (o controle) é o melhor que algumas crianças desapossadas conseguirão por intermédio da administração satisfatória, e muitas crianças desapossadas antissociais e turbulentas transformam-se de ineducáveis em educáveis no regime rigoroso do estabelecimento correccional. O perigo nesse caso é que, crescendo numa atmosfera de ditadura, as crianças turbulentas e antissociais tornem-se ditadores, o que pode levar educadores e pedagogos a pensarem que uma atmosfera de rígida disciplina, em que cada minuto da vida da criança é preenchido, é um bom tratamento educacional para crianças normais, o que decididamente não é. (WINNICOTT, 1999, p. 285/286)

Contudo, os resultados alcançados com as intervenções realizadas pela equipe do CASA Novo Tempo ao longo da sua atuação, certamente tem mostrado que o rigor na oferta de cuidados não se mistura com severidade ou regime ditatorial e, desses relatos surgiu naturalmente a categoria - O amadurecimento como fruto da intervenção. Inicialmente pelo fato da “desinternação” do adolescente depender da avaliação da equipe considerando sua “evolução” no processo socioeducativo, e, por fim, pelo fato dessa possibilidade de amadurecimento ser fator de profunda satisfação para a equipe, expressamente declarada nas falas: *“A gente tem utilizado ele (Winnicott) desde o início, já são oito anos e sempre dá bons resultados, é visível, é uma coisa que você consegue visualizar da forma como o adolescente chega e da forma como ele sai”...* (P5 - *grifo meu) E, continua: *“...Você vê o entendimento do menino em relação ao posicionamento dele na vida”.* (P5)

Nesse sentido, faz-se necessário lançar mão do conceito de incorporação introduzido por Winnicott (1988, p. 116): “...como um processo de absorção, na criança, dos elementos do cuidado, aqueles que poderiam ser chamados de elementos de “ego auxiliar””. [...]” relativo à etapa primitiva dos estágios iniciais, ou seja, reside na psique e não na mente. E, a partir disso, propor que as mudanças de comportamento se relacionam genuinamente com a incorporação dos cuidados ofertados por meio das intervenções ao longo da medida socioeducativa.

Acerca do pensamento winnicottiano sobre incorporação, Dias elucida com rigor:

Como é, então, que o pequeno indivíduo humano se apropria de que lhe é fornecido pelo ambiente e do que, propriamente, ele se apropria? É com relação a toda essa etapa primitiva, anterior à separação entre o eu e o não-eu e o advento do pleno funcionamento mental, que Winnicott introduz a ideia de incorporação (num sentido totalmente novo com relação ao que havia sido usado na literatura tradicional, e naturalmente, relativo às suas novas concepções); esse processo, que tem início já ao tempo da dependência absoluta, não exige nenhum trabalho mental e prossegue ao longo da vida, enquanto há saúde e o corpo permanece sendo morada da psique...(DIAS, 2011, p. 176)

Ainda nessa perspectiva, seguem as narrativas de P3: *“...eu acho que a gente forma assim relações de verdade, relações verdadeiras com eles, né? com os meninos. E a gente percebe assim que de verdade a gente forma...assim, quando a gente sai de férias, a gente percebe, né? a preocupação deles. Quando a gente sai, a gente avisa ‘olha vou sair de férias, vou ficar tal período’, então você vê, assim, o sentimento sabe? ...‘mas quando a senhora volta?’, e quando você volta, a alegria de te receber, né? eles contando como foi o tempo que você esteve ausente. Os meninos que vão embora, que ligam, né? pra nos contar sobre as notícias, sobre o que tá acontecendo na vida deles. Então assim, eu vejo que é um impacto de formar relações de verdade mesmo, não é uma coisa...é assim, é profissional, né? é o nosso trabalho, né? ele segue a linha do que é profissional, mas ao mesmo tempo é uma relação de verdade, de pessoa com pessoa”*. E, P4: *“...eles falam assim ‘nossa, fez bem pra mim ao ponto de eu querer fazer isso pelo outro’”*.

A equipe vai construindo, através dos relatos, o processo e os ganhos que observam no amadurecimento dos adolescentes: *“...a gente entende que ele foi, ao final do período dele aqui, ele foi reconhecendo, e foi valorizando a relação, mas claro que teve altos e baixos, né?!”* (P5)

Voltemos ao tema da confiabilidade, já que a incorporação mencionada acima está estreitamente à continuidade do cuidado, que leva ao senso do real, ao estabelecimento de uma crença, como refere Dias:

Essa crença básica só pode chegar a pertencer naturalmente ao indivíduo quando atos silenciosos de confiabilidade humana estabelecem uma comunicação muito antes que a fala signifique algo. Através dos cuidados, a mãe mostra ao bebê que é confiável, não por ser uma máquina, mas por saber a cada momento o que ele necessita. (DIAS, 2011, p. 26)

A postura de um Centro de Atendimento que acolhe, respeita o tempo e as possibilidades do adolescente, sem esmorecer na oferta de cuidados tem acumulado experiências positivas e crescimento pessoal: *“...das atividades, na escola com relação aos professores tinha uma resistência muito grande...ééé...de ser carinhoso, de ser educado, de ser respeitoso, e tudo que era proporcionado pra ele, ainda que fosse pro bem, havia uma rejeição, então até ele entender esse cuidado, essa atenção que as pessoas queriam dispensar pra ele, é...foi todo um processo mas que ao longo nós percebemos que estava dando certo, porque ele começou a entender que as pessoas queriam sim cuidar dele, queriam dizer pra ele as necessidades que ele tinha e que isso poderia acontecer na vida dele como por exemplo a escola que era necessário mesmo ele dizendo ‘olha mas eu ‘tô’ tanto tempo fora da escola, eu não preciso disso, não preciso aprender, eu não preciso ser ensinado’...Com o tempo ele começou a perceber que o elogio era importante e que ele gostava disso, e ele começou a procurar por isso, então ele começou a perceber que cada coisa que ele fazia corretamente ele recebia um elogio ou da equipe ou do professor, e que aquilo era bom, porque no início era muito difícil ele entender, entender que as pessoas podiam elogia-lo por algo que ele fez”...(P1)*

Ao longo das intervenções, os adolescentes vão desenvolvendo a capacidade de concernimento, possibilitando o reconhecimento e a preocupação com o outro e, quanto a isso Winnicott propõe:

“A integração é a palavra que cabe aqui porque, se podemos conceber uma pessoa plenamente integrada, então essa pessoa assume plena responsabilidade por todos os sentimentos e ideias que acompanham o estar vivo...” (WINNICOTT, 1999, p. 155)

E os relatos trazidos pela equipe sobre os diversos casos revelam esse avanço para o amadurecimento: *“‘Tipo, nossa!! ‘elas de fato se importam comigo, né?’ e também ficou constrangido de saber que elas descobriram a verdade, que ele mentia em relação a casa dele, que ele falava que ele era o ban ban ban, e era um...E assim, a partir daí ele desarmou mais e teve mais aproximação, ou seja, o que elas ‘tão’ falando elas cumprem, né? ...fizeram de fato. E aí depois que conseguimos trazer, né? a mãe não, porque a mãe não é tão boa, não era tão boa. Mas a gente conseguiu trazer a mãe do amigo e o amigo, e aí a gente não falou pra ele que ia trazer, e quando*

ele viu essas pessoas... ele era negro, é negro, ele ficou pálido. Assim...e ficou encostado assim na porta, parede, que ele não 'tava' acreditando quando ele viu, ele fez assim"... (P4)

E P2 complementou: *"Aí no atendimento depois, ele falou: 'trouxe mesmo? eles vieram, eles vieram, eles gostam de mim de verdade, vocês trouxeram', e a partir daí"...*

O suprimto ambiental constituído no Centro de Atendimento, por meio da infra-estrutura e da continência oferecida aos adolescentes pelos servidores assume o papel do quadro de referência indicado por Winnicott:

...Se o lar consegue suportar tudo o que a criança pode fazer para desorganizá-lo, ela sossega e vai brincar, mas primeiro os negócios, os testes têm que ser feitos e, especialmente, se a criança tiver alguma dúvida quanto à estabilidade da instituição parental e do lar (que para mim é muito mais do que a casa). Antes de mais nada, a criança precisa estar consciente de um quadro de referência se quiser sentir-se livre e se quiser ser capaz de brincar, de fazer seus próprios desenhos, ser uma criança irresponsável". (WINNICOTT, 1999, p. 129)

E é possível localizar nas narrativas trazidas durante o Grupo Focal essas manifestações: *"E a sensação que dá é que a maioria chega armado, mas como... pra se defender, e aí quando ele chega e percebe que não é necessário se defender porque ele não tá sendo ameaçado, aí ele relaxa e começa a ser ele mesmo, isso a grande maioria...Então tem alguns que chegam dessa forma, depende do nível de desenvolvimento que ele tá, ele reage, mas na grande maioria eles conseguem visualizar, entender, perceber, e dar o retorno positivo. Então é meio que assim, 'porque que eu vou agredir gratuitamente uma pessoa que tá me recebendo e me tratando bem?', então eles percebem, alguns de início não falam nada, esses que são mais envolvido com o crime depois acabam falando pra gente 'nossa olha, eu cheguei, achei que ia ser uma coisa, mas assim ó, não tive coragem, até vim com um pensamento de implantar alguma coisa, uma liderança, mas quando eu vi a forma que vocês tratam eu não tive coragem, né?'". (P4)*

"E esse aparecer nem sempre é do lado negativo, porque as vezes existem meninos que eles tem dúvidas em relação as coisas que gente faz, e a partir do

momento que eles relaxam e percebem que de fato é a forma que a gente trata e a gente vai continuar tratando enquanto ele tiver aqui, também tem um relaxar assim de ficar mais tranquilo, de assim ó, até esquecer que tá privado de liberdade, como se tivesse na própria casa, é com brincadeiras que ele não faria num ambiente como esse, e ficar mais próximo, sabe assim ó, de ter uma relação quase que... alguns meninos ficam quase que um funcionário, sabe, e desejam ser, desejam sair daqui pra prestar concurso pra trabalhar na Fundação Casa. Então assim, é a relação se dá dependendo do nível, né? de falha que esse menino teve ao longo da vida, e a gente tem dele coisas mais próximas, né?”... (P5)

A equipe se refere também aos impactos que observam nas famílias: “... aí depois a gente vai vendo que a mãe, ela se aproxima”. (P2). “...então essa mãe foi achando que fazendo do jeito dela o menino ia ser liberado logo por isso e por aquilo, mas a gente foi mostrando pra ela que ele fez uma ação inadequada, então não era do jeito que ela queria, e aí além de trabalhar a rotina, o respeito, e o cuidado, o menino teve que trabalhar também com a mãe, e aí a P3 disse que ela ligou semana passada pra falar como o menino ‘tava’, o menino tá trabalhando, o menino tá estudando, o menino continua o namoro”.... (P2)

E também reconhecem mudanças em outros membros da equipe, que vieram trabalhar no Centro de Atendimento posterior a inauguração, a partir de outros referenciais e experiência diversa: “... muitas pessoas... a gente tem um retorno que diz assim: ‘nossa, eu trabalhava de um jeito, mas essa forma de trabalhar é muito mais fácil, é muito mais tranquilo’, é difícil porque a gente tem que repetir muitas vezes as mesmas coisas, mas o retorno é muito melhor, e muito mais gratificante, porque a gente percebe que o menino tá fazendo automaticamente, ele faz o que precisa ser feito pra vida dele e que ele entendeu o que precisa fazer pra que ele seja uma pessoa aceita na vida, no convívio social, independente de tá aqui ou em qualquer outro lugar”. (P5) “...as pessoas que vem pra cá, elas têm uma baixa autoestima, e essa teoria faz com que elas se reconheçam e que elas se apropriem do que elas podem fazer, e eu entendo que ela é ideal pros nossos adolescentes, e assim, não é uma teoria que se aplica só a esse centro, mas eu entendo que a Fundação poderia ter mais lugares que fizesse dessa forma, porque há um retorno da própria equipe, e há um retorno do adolescente, há um retorno das famílias desses adolescentes, que esta prática alcança resultados”. (P5)

O fato é que os preceitos winnicottianos abrangem o ambiente como todo, envolvendo todo ser humano que ali estiver, o qual poderá naturalmente desfrutar dos cuidados e se desenvolver, uma vez que o amadurecimento alcança a independência relativa possibilitando a continuidade permanente do **ser**, e assim os profissionais podem fazer uso da provisão, como observado por P5: *“...isso faz com que o adulto também, né? o profissional envolvido nessa questão também tenha, também lance mão de coisas pra própria vida, e o ajude inclusive com as relações com a família, muitos funcionários inclusive dizem pra mim: ‘olha, a forma que eu tratava meu filho era uma antes de eu trabalhar aqui, agora, a forma que eu trato é outra e isso tá fazendo bem pra minha família’, então, há um reconhecimento de que essa proposta dá certo, e eu não consigo ver esse centro de uma outra forma, não consigo imaginar um outro tipo de trabalho, uma outra teoria, um outro jeito, porque eu entendo que nós nos adequamos a, e a gente trabalha assim naturalmente, assim como foi dito pelo outros ‘Ps’”*.

Vale ressaltar que a equipe do Centro de Atendimento se compõe por profissionais de diversas formações, os quais não traziam previamente a fundamentação teórica aplicada, exigindo uma aproximação com tais preceitos, o qual foi realizado através de capacitações. O fato é que esse processo teve representações variadas entre os profissionais, como também trouxeram ao longo do grupo focal, levando a partir dos relatos, a formulação da Categoria Formação e Desafios: *“...a gente teve oportunidade de montar um Centro, de começar esse Centro, e aí, essa montagem fez com que a gente tivesse a oportunidade de escolher pessoas, né? de trabalhar com pessoas que têm esse ideal, que tinham esse conceito também, aí a gente foi agregando pessoas, e aí a gente foi capacitado pra isso, né? Houveram várias capacitações com a teoria, com essa pessoa que tinha esse fornecimento que trouxe ‘pras’ pessoas base, pros cargos de chefia que iniciaram...tem encarregada técnica, tem coordenadora pedagógica, os coordenadores de equipe, a equipe psicossocial, e aí a gente teve essa base e a gente também teve a oportunidade de começar com funcionários novos de todos que saíram do concurso, essa casa foi começada com funcionários recém saídos do concurso, e todos eles foram capacitados nesse período antes da chegada dos meninos, então a gente teve um preparo pra receber, então a gente ‘tava’ preparado pra receber e a gente conseguiu*

dar sequência a esse formato...da forma como foi capacitada pra nós, então a gente deu origem, e a partir do momento... e são oito anos, essa casa tem oito anos”...“e a gente recebeu pessoas novas, e a medida que essas pessoas novas vão chegando é feito uma capacitação, é a encarregada técnica ela faz essa capacitação com a pessoa, e o atendimento e o convívio que ele tem com os funcionários que já estão nesse processo faz com que ele entenda rapidinho como que é o nosso trabalho”...(P5)

“E ao longo dos anos estamos fazendo a manutenção dessas capacitações”.
(P4)

Contudo, somente a capacitação teórica talvez não fosse suficiente para dar conta de um conteúdo tão vivo como a Teoria do Amadurecimento, sendo o cotidiano, a prática e as relações estabelecidas que complementou, dando um sentido para a constituição de um modelo de trabalho: *“Pra mim foi mesmo o dia a dia, porque eu não conhecia nada disso, nem sabia quem era Winnicott, mas foi no dia a dia mesmo, através ‘de quando’ eu cheguei, como a P5 falou teve a capacitação, né? eu já entrei um ano depois, eu acho, e foi através da capacitação e do aprender mesmo na prática, no dia a dia, e até hoje eu ‘tô’ aprendendo, né? que cada dia a gente vai... é um desafio”. (P2)*

“...eu vim de um trabalho totalmente diferenciado desse acolhimento, desse cuidado, dessa individualidade com cada adolescente, mas diante do que foi apresentado, né? desse referencial, eu não posso dizer que foi difícil diante de algo que a gente gostaria que fizesse com a gente também, eu entendo que se colocar no lugar do outro devia ser uma prática humana de todo mundo, e esse referencial traz muito isso, mas eu confesso que no início você olhar pro adolescente e você entender que tem que ter um cuidado de uma regressão que ele teve, de um rompante que ele teve na infância não é algo fácil”... (P1)

Na narrativa de P4 a familiaridade com a teoria enriqueceu e trouxe solidez para o conhecimento que já tinha: *“... teve as capacitações e fui buscar outras leituras, e assim como todos colocaram foram os desafios do dia a dia vendo o que era possível, o que era necessário ser feito, e cada vez eu me identifico e gosto mais, e uma coisa que P3 disse eu entendo que é uma coisa que é pra vida, não é uma teoria*

que parece que é muito complexa, parece que é da natureza do ser humano, né? ela vai acontecendo e você vai vendo”... (P4)

Por fim, as considerações de P5 e P1 encerram o valor que Winnicott trouxe para o que há mais relevante – o ser humano, potencializando a riqueza das relações a despeito dos desafios e conflitos inerentes: *“...mas eu entendo que é essa forma ideal tanto pro jovem quanto pro profissional, porque ambos se desenvolvem com isso, porque é uma pratica, porque assim ó, o profissional também tem que se a ver com as dificuldades, porque no momento que o menino é hostil, você tem que ter equilíbrio, e você tem que entender de que forma você vai lidar com isso... há um reconhecimento de que essa proposta dá certo, e eu não consigo ver esse centro de uma outra forma, não consigo imaginar um outro tipo de trabalho”. (P5)*

“...na prática, a gente vê exatamente o que a teoria ‘tá’ colocando que é a regressão do menino em determinados níveis, né? e quando a gente aplica o que a gente aprendeu na capacitação, que é o cuidado pra determinados meninos, a gente vê que ele corresponde ao cuidado, né? Então, a aplicação da teoria a gente consegue ver na prática”. (P1)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange as diretrizes comuns a todos os Centros de Atendimento, definidas pelas superintendências – pedagógica, de segurança e de saúde, já foi possível localizar pontos convergentes com a Teoria do Amadurecimento, uma vez que foram pensadas na perspectiva do desenvolvimento saudável da criança, e no caso, do adolescente, a partir do princípio da garantia de direitos, mas, sobretudo buscando reaver cuidados aos quais fora privado.

A composição de uma estrutura administrativa voltada ao desenvolvimento técnico permite comparar analogamente à função do pai, na ótica winnicottiana, no sentido do amparo que este oferece à mãe, possibilitando-a estar completamente devotada ao seu bebê. Com a descentralização técnico-administrativa, a instituição garantiu que as necessidades locais fossem reconhecidas e atendidas.

As diretrizes possibilitaram um contorno para as ações técnicas, por área, sem perder de vista a integralidade do atendimento, na perspectiva de reconhecer o adolescente como uma unidade.

Para tanto, o diagnóstico polidimensional, o qual busca detalhes da história de cada jovem, e o PIA, mostraram-se instrumentos substanciais na perspectiva da compreensão e possibilidades de intervenção a ser desenvolvida pelas áreas/profissionais que compõem a equipe.

O planejamento e a construção das ações dos Centros de Atendimento, por meio de discussão com todos os membros da equipe, acerca das necessidades da população e avaliação de resultados, sustentado por seus respectivos referenciais teóricos, materializado nos Planos Políticos Pedagógicos implica em realização, projetando no tempo e no espaço experiências reais, oferecendo a possibilidade de continuar a ser, independentemente de possíveis mudanças cuja instituição está passível de enfrentar.

Tais observações sugerem convergências entre as diretrizes institucionais e a Teoria do Amadurecimento, muito embora, não possamos afirmar a plena garantia de que uma leva à outra, dada a complexidade dos preceitos winnicottianos na compreensão da natureza humana, o que então somente a aplicação desses no cotidiano e na abordagem poderá dar consistência na relação - diretrizes x teoria.

Quanto as análises relativas às categorias das entrevistas realizadas com o G1 – adolescentes, foi possível observar que as características próprias das instituições totais, as quais padronizam comportamentos e comumente mantêm os indivíduos num anonimato coletivo, ainda remontam a organização e o funcionamento estrutural da instituição, a despeito da busca por mudanças e os avanços alcançados.

Os discursos dos adolescentes revelam que a indiferença, a repressão e a violência ainda sustentam práticas que sobrepõem as políticas voltadas para a garantia de direitos, deixando impressas as suas marcas na trajetória dos adolescentes, os quais as localizam precisamente. Ou seja, parece que a estrutura inflexível, a rotina, a uniformização institucional lhes parecem aceitáveis, e as ações que ultrapassam essa caracterização então se torna questionável.

Contudo, o atendimento socioeducativo regido pela personalidade, cuidado e afeto parece possível em meio a um sistema árido, elevando o aparelho institucional ao lugar de ambiente estável. Parece que o CASA Novo Tempo veio alicerçando uma prática, ao longo dos anos, com vistas a uma relação interpessoal de cuidados e “pré”ocupação, buscando na fundamentação teórica a compreensão dos comportamentos e necessidades dos adolescentes, visando enriquecer os recursos para o atendimento.

De modo geral, os adolescentes reconhecem figuras de referências em suas histórias, mas isso não representa a constituição de cuidados suficientemente bons, cuja reivindicação por tais cuidados se materializa em comportamentos antissociais, os quais pedem continência, limite e enquadre, conduzidos por uma personalidade rigorosa e devota.

Nessa perspectiva, a prática construída nesse Centro de Atendimento indica esse rigor na sua estrutura cotidiana, garantindo previsibilidade e cuidados, com vistas à estabilidade e a sobrevivência diante aos testes lançados pelos adolescentes na medida em que sentem a segurança no ambiente.

A disciplina em torno da manutenção da rotina mostra-se como solidez à previsibilidade, oferecendo ao adolescente a crença de que o cuidado se mantém ao

longo do tempo; e, nesse sentido, ter todas as atividades acontecendo no devido horário e cuidados garantidos mesmo diante os diversos desafios impostos, ora por um adolescente, ora por outro adolescente ou outros, reafirma a sobrevivência do ambiente para todos e para cada um deles com a particularidade de sua necessidade.

As relações estabelecidas são reconhecidas pelos adolescentes como reais, cujas emoções decorrentes das experiências vivenciadas são genuínas e podem ser levadas para além do protocolo do cumprimento de uma medida socioeducativa. Os adolescentes referem poder leva-las para a vida, seja pelos *mimos* recebidos, bem como pelas consequências e responsabilização de seus atos.

As limitações do espaço, a privação da liberdade e o convívio coletivo em meio ao processo de adolecer remontam conflitos perenes, mas a preocupação e cuidados ofertados pela equipe parecem suavizar o cumprimento da medida socioeducativa.

Tendo em vista que os cuidados são particularizados a partir da história de cada um e suas decorrentes necessidades, faz sentido pensar na possibilidade de amadurecimento emocional, favorecendo escolhas e relações mais saudáveis.

O ambiente socioeducativo parece se apresentar como espaço potencial, permitindo a construção e a criatividade espontânea, a partir das possibilidades individuais, traduzido nos relatos dos adolescentes ao reconhecerem a si mesmos, aos outros e o ambiente, sugerindo a possibilidade de se projetarem no tempo e no espaço.

A análise dos resultados do Grupo Focal, por sua vez, apresenta o processo de construção de um atendimento diverso do praticado na instituição ao longo do tempo, implicando representações muito distintas para cada profissional envolvido. Há unanimidade no reconhecimento do referencial teórico como base de sustentação das ações, conferindo uma sincronia na compreensão da equipe para o trabalho.

O modelo de atendimento proposto por este Centro revela a preocupação essencialmente voltada para o "cuidar" do adolescente, mediando as suas necessidades individuais e o convívio coletivo, por meio da estabilidade ambiental.

Reconhecer na história particular de cada um as necessidades decorrentes das possíveis falhas ambientais as quais foram submetidos se torna elemento substancial para a definição das intervenções individuais e mediação do grupo.

Essa condição não aliviou as dificuldades e conflitos enfrentados, comuns das relações humanas, sobretudo no atendimento de jovens com características antissociais, mas a busca incessante da ancoragem teórica veio elucidando e sustentando as práticas e a tolerância necessária para um atendimento com essa perspectiva.

As relações estabelecidas e as experiências vivenciadas também serviram à equipe como elementos facilitadores para o próprio amadurecimento pessoal e profissional, reconhecendo os reflexos disso para além do trabalho, a despeito dos desafios enfrentados no cotidiano.

Outro fator relevante constatado no Grupo Focal foi à possibilidade de apropriação dos preceitos winnicottianos por todos os profissionais, independentemente da formação específica, talvez pela linguagem acessível utilizada pelo autor, mas especialmente por tal fundamento fazer sentido diante a natureza e as relações humanas.

As considerações apresentadas sinalizaram aproximação entre os resultados e os objetivos estabelecidos, na medida em que emerge dos conteúdos das entrevistas realizadas com os adolescentes, bem como do grupo focal os reflexos dos preceitos winnicottianos, seja no reconhecimento dos cuidados recebidos, seja na apropriação e aplicação do fundamento teórico especificamente.

Portanto, como resposta aos objetivos desse estudo podemos reconhecer que a contribuição winnicottiana pode favorecer para o modelo de atendimento aos jovens no programa de internação da Fundação CASA-SP, bem como aos servidores que ali atuam, constituindo um espaço potencial para o *vir a ser*.

Este breve estudo, para além de se concluir em si mesmo com respostas absolutas, teve por objetivo ampliar reflexões e possibilitar a partir daqui novos incômodos e questionamentos que levem a outras estradas e novos horizontes na perspectiva de contribuir com o amadurecimento humano.

Contudo, podemos concluir e indicar a necessidade de um maior investimento nessa prática de atendimento tendo como eixo a fundamentação Winnicottiana,

devendo ser um modelo ampliado na instituição e implementado em outros Centros de Atendimento.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO ET AL., **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu Editora, 1989.

BARDIN Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa - Portugal: edições 70; 2011.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução 466/12. Brasília, Diário Oficial da União, n.12, Seção 1 – pg. 59; 2013.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm, acessado em maio de 2018.

BRASIL. **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente**. Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm, acessado em abril de 2018.

BRÊTAS et al., **Os rituais de passagem segundo adolescentes**. In: Acta Paul Enferm. 2008; 21(3): 404-11. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ape/v21n3/04>>, acessado em outubro de 2017.

DIAS, E.O. **Teoria do Amadurecimento de D.W.Winnicott**. São Paulo: Imago, 2003.

DIAS, E.O. **Sobre a confiabilidade e outros estudos**. São Paulo: DWW Editorial, 2011.

FEFFERMANN, M. **Vidas Arriscadas: o cotidiano de jovens trabalhadores do tráfico**. Petrópolis, Vozes, 2006.

FUNDAÇÃO CASA-SP (2006). **Plano Estadual de Atendimento Socioeducativo**: 2006. São Paulo, 2006.

FUNDAÇÃO CASA-SP. **Plano Político Pedagógico - Centro de Atendimento Socioeducativo Novo Tempo**. São Paulo, 2017.

IPEA, FBSP. **Atlas da Violência 2017**. Rio de Janeiro, 2017

GATTI, B.A. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília – DF: Liber Livro Ed.; 2012.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4ª ed. São Paulo: Atlas; 2006.

GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva; 2007.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MELO, F.A. **A História da História do Menor no Brasil (abandonado, delinquente e infrator, desde suas raízes)**. Rio de Janeiro: Estab. Gráficos Borsoi S.A., 1986.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec Editora; 2014.

RAMOS, P.L.V., **O respeito à diversidade é um direito nesta CASA**. In: CASA em Revista, 2010. Disponível em: http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/files/efcp/revistas-casa/CASA_em_Revista_AnoI_n2.pdf.> Acessado em outubro de 2017.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania. Secretaria de Desenvolvimento Social. Fundação CASA-SP. **Plano Estadual de Atendimento Socioeducativo**. São Paulo; 2014. 163p.

VOLPI, M. **Sem liberdade, sem direitos – a privação de liberdade na percepção do adolescente**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1990.

WINNICOTT, D.W. **O Ambiente e os Processos de Maturação**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D.W. **O bebê e suas mães**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **Privação e Delinquência**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

APÊNDICE I
TERMOS DE ASSENTIMENTOS

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Adolescentes)

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa, intitulada: “A abordagem winnicottiana para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa na Fundação CASA-SP: um modelo possível?”, que tem como objetivos principais: (1) analisar a aplicação dos conceitos winnicottianos juntamente com as diretrizes da instituição na execução da medida socioeducativa de internação; (2) Avaliar o impacto dessas intervenções no comportamento do adolescente que cumpre medida socioeducativa de internação.

Vale ressaltar que os conceitos winnicottianos tratam-se de fundamentos teóricos que consideram o potencial inato do ser humano para o amadurecimento emocional, observando o ambiente como grande facilitador nesse processo, sendo estes aplicados como norteador no modelo de atendimento do CASA Novo Tempo.

A pesquisa será realizada pela psicóloga Danielli do Lago Hyppolito de Lima, orientada pelo Prof. Dr. José Roberto da Silva Brêtas, da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP.

Para alcançar os objetivos do estudo será realizada uma coleta de dados, através dos pareceres elaborados pela equipe, bem como uma entrevista individual com as seguintes questões - Você pode falar sobre sua internação na Fundação CASA?/Como foi sua passagem pelo CIP?/Como foi sua trajetória no CASA Novo Tempo?.

Declaro que fui informado que:

- É garantida a liberdade de não querer participar ou a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo ao participante. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as/os de outras/os voluntárias/os, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante;
- As Informações fornecidas não serão divulgadas, em nenhum momento ao seu responsável. Garantimos a confidencialidade - ninguém ficara sabendo sobre as informações fornecidas pelo participante;
- Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, assim como, não há compensação financeira relacionada à sua participação;
- Caso o participante sinta algum tipo de desconforto (fique incomodado) em relação ao assunto ou a atividade, deve comunicar aos pesquisadores ou solicitar para deixar de participar do estudo;
- Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pelo pesquisador;
- Da garantia de que este termo será lido pelo pesquisador, e que devo receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa;
- Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso a Danielli do Lago Hyppolito de Lima responsável pelo desenvolvimento da pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas, que pode ser encontrado no endereço Estrada do Governo, s/ no, Bairro Pouso Alegre, Franco da Rocha, SP. Tel.: 3468-8803. E-mail: dllima@sp.gov.br. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Prof. Francisco de Castro, 55 – 04020-050, Tels.: 5571-1062/5539-7162 – E-mail: CEP@unifesp.edu.br.

EU _____, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e aceito participar da pesquisa.

Declaro que recebi uma via deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com o pesquisador.

Pesquisadora: _____
Danielli do Lago Hyppolito de Lima

São Paulo, ____/____/2018.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Responsáveis)

Você, _____ na condição de pai/mãe ou representante legal de _____, está sendo solicitado a autorizar a participação de seu filho na pesquisa intitulada: “A abordagem winnicottiana para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa na Fundação CASA-SP: um modelo possível?”, que tem como objetivos principais: (1) analisar a aplicação dos conceitos winnicottianos juntamente com as diretrizes da instituição na execução da medida socioeducativa de internação; (2) Avaliar o impacto dessas intervenções no comportamento do adolescente que cumpre medida socioeducativa de internação.

Vale ressaltar que os conceitos winnicottianos tratam-se de fundamentos teóricos que consideram o potencial inato do ser humano para o amadurecimento emocional, observando o ambiente como grande facilitador nesse processo, sendo estes aplicados como norteador no modelo de atendimento do CASA Novo Tempo.

A pesquisa será realizada pela psicóloga Danielli do Lago Hyppolito de Lima, orientada pelo Prof. Dr. José Roberto da Silva Brêtas, da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP.

- Para alcançar os objetivos do estudo será realizada uma coleta de dados, através dos pareceres elaborados pela equipe, bem como uma entrevista individual com as seguintes questões - Você pode falar sobre sua internação na Fundação CASA?/Como foi sua passagem pelo CIP?/Como foi sua trajetória no CASA Novo Tempo?.
- Informamos ao senhor(a) que:
- É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo a sua pessoa. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outros voluntários, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Você será mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa;
- Não há despesas pessoais para os participantes em qualquer fase do estudo, assim como, não há compensação financeira relacionada à sua participação;
- O presente estudo traz riscos mínimos ao participante, poderá causar desconforto emocional, nesse caso os pesquisadores estarão atentos para a devida intervenção;
- As mesmas informações que estão sendo fornecidas a você serão repassadas aos adolescentes, e a pesquisa somente será realizada se os mesmos concordarem em participar;
- Em nenhum momento você poderá ter acesso às informações fornecidas pelo participante citado, pois garantimos confidencialidade sob suas informações;
- Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pelo pesquisador.

EU _____, (pai/mãe ou representante legal) da participante acima descrito, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e autorizo a participação do mesmo na pesquisa.

Declaro que também fui informado:

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa;
- De que minha participação e a do participante são voluntárias e terei a liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para o participante.
- Da garantia que o participante sob minha responsabilidade, não será mencionado em nenhum momento, e que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa.
- Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso a Danielli do Lago Hyppolito de Lima responsável pelo desenvolvimento da pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas, que pode ser encontrado no endereço Estrada do Governo, s/ no, Bairro Pouso Alegre, Franco da Rocha, SP. Tel.: 3468-8803. E-mail: dlima@sp.gov.br. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Prof. Francisco de Castro, 55 – 04020-050, Tels.: 5571-1062/5539-7162 – E-mail: CEP@unifesp.edu.br.

Declaro que recebi via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com o pesquisador. São Paulo, ____/____/2018.

Assinatura do/a responsável: _____

Assinatura da Pesquisadora: _____

Danielli do Lago Hyppolito de Lima

1ª. Via do pesquisador 2ª. Via da participante

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Equipe)

Caro(a) profissional, você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, intitulada: “A abordagem winnicottiana para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa na Fundação CASA-SP: um modelo possível?”, que tem como objetivos principais: (1) analisar a aplicação dos conceitos winnicottianos juntamente com as diretrizes da instituição na execução da medida socioeducativa de internação; (2) Avaliar o impacto dessas intervenções no comportamento do adolescente que cumpre medida socioeducativa de internação.

A pesquisa será realizada pela psicóloga Danielli do Lago Hyppolito de Lima, orientada pelo Prof. Dr. José Roberto da Silva Brêtas da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP.

Para alcançar os objetivos do estudo será realizada um grupo focal com três questões norteadoras do estudo.

Declaro que fui informado(a) que:

- É garantida a liberdade de não querer participar e/ou a qualquer momento deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo ao participante. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as/os de outras/os voluntárias/os, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante;
- As Informações fornecidas não serão divulgadas, em nenhum momento ao seu responsável. Garantimos a confidencialidade - ninguém ficará sabendo sobre as informações fornecidas pelo participante;
- Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, assim como, não há compensação financeira relacionada à sua participação;
- Caso o participante sinta algum tipo de desconforto (fique incomodado) em relação ao assunto ou a atividade, deve comunicar aos pesquisadores ou solicitar para deixar de participar do estudo;
- Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pelo pesquisador;
- Da garantia de que este termo será lido pelo pesquisador, e que devo receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa;

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso a Danielli do Lago Hyppolito de Lima responsável pelo desenvolvimento da pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas, que pode ser encontrado no endereço Estrada do Governo, s/ no, Bairro Pouso Alegre, Franco da Rocha, SP. Tel.: 3468-8803. E-mail: dllima@sp.gov.br. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Prof. Francisco de Castro, 55. Cep: 04020-050. Tels: 5571-1062/5539-7162 – E-mail: CEP@unifesp.edu.br.

Declaração do participante

EU _____, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e aceito participar da pesquisa.

Declaro que recebi uma via deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com o pesquisador.

São Paulo, ____/____/2018.

Assinatura da Pesquisadora: _____

Danielli do Lago Hyppolito de Lima

1ª. Via do pesquisador

2ª. Via da participante

APÊNDICE II
CATEGORIAS DE ENTREVISTAS

NARRATIVAS DA CATEGORIA RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

ENTREVISTAS COM OS ADOLESCENTES

Ah! Pela minha família e por mim também senhora, que não 'tava' tão preparado pra 'tá' nesses 'lugar', tinha uma certa dificuldade, queria as coisa na hora que eu queria. (P2)

Ah senhora! no começo foi um pouco difícil, não me adaptei aqui, não me adaptei da casa, mas depois de um tempo eu fui me acostumando e 'tô' até hoje. (P2)

Ah, porque eu não aceitava que eles falavam as coisas pra mim, as vezes eu fazia algo de errado, só que eu não reconhecia que 'tava' fazendo algo de errado. Aí tinha as vezes que eu queria as coisas mas que nem eles falavam que não era tudo na hora que eu queria, aí eu ficava bravo e discutia com os funcionários. (P2)

Ah, teve quando eu passei na outra Fundação, de provisória, lá era muito ruim '*por causa que tinha*'... não era por respeito. Aí fiquei nessa aqui que agora eu 'tô' tratando com respeito, os '*funcionário*' tratam com respeito a mim. (P3)

Ah, na internação não podia sair, tinha que ficar com a mão pra trás, não podia... só tipo quando a técnica chamava pra conversar. (P3)

Ah, a escola era muito ruim também, que lá quando 'se' ia pegar o lanche, tinha que formar, ficar dentro da sala. Aqui já é diferente, você vai pro refeitório. (P3)

É, pra acompanhar até no atendimento ou '*subi*' pra enfermaria, eles iam acompanhando também. (P3)

Aqui, aqui é muito bom, '*por causa que tratam*' com respeito também. Aqui 'se' anda sozinho, desce a escada sozinho, lá tinha que ir um atrás do outro com a mão pra trás, aqui é sem formação. (P3)

A vontade assim, que aqui eu posso andar sem as '*mão*' pra trás, me sinto mais tranquilo. (P3)

Ah, quando eu cheguei aqui eu sempre fiquei na minha, fiquei quieto, fiquei observando, respeitando os '*funcionário*'. Diretora me passou os pontos dela também. (P3)

Ah senhora, eles me tratam bem também, o funcionário quando eu '*pedi*' alguma coisa ele vai lá e passa pra frente, no atendimento eles falam, na enfermaria eles perguntam também. (P3)

Quando eu pedia parece que demorava, mas não '*chamava*', parecia que ' *fingia*' que não '*escutava*', ai eles não '*chamava*'. (P3)

Ah, pra mim ser tratado muito bem pelas técnicas, os funcionários me tratam bem. (P3)

NARRATIVAS DA CATEGORIA RELAÇÕES INTERPESSOAIS ENTREVISTAS COM OS ADOLESCENTES

Ah converso bastante com os 'funcionário', os outros 'adolescente', todo mundo trata com respeito o próximo, se põe no lugar do próximo né. (P6)

Ah, a gente vai vendo no dia a dia né senhora, tratando eles de uma forma boa eles 'trata' a 'nóis' da mesma forma, respeitando, tem que dar respeito pra ser respeitado, né senhora. (P6)

Ah senhora, é porque aqui é uma casa que tem um carro chefe né senhora, é respeito por respeito, aí não tem pra que deles tá oprimindo 'nóis' senhora, só basta 'nóis' respeita eles né senhora, aí foi onde que eu cheguei aqui os funcionário era tranquilo senhora, respeita 'nóis' certinho, aí foi onde eu respeitei eles certinho, também tem que respeitar mesmo o funcionário né senhora. Aí aonde que eles falava... passava até uns conselho pra 'nóis' né senhora, pra 'nóis' não é bom entrar pra essa vida não né senhora, aí eles passava uns conselho pra 'nóis', respeitava 'nóis' certinho né senhora como 'nóis' também pode respeita eles, falava os andamento da casa pra 'nóis' não vim de brigar, falava pra 'nóis' não ficar de ideia, pá, não né senhora. (P7)

Todos os funcionários senhora, nenhum aqui é diferente, além de trabalho, o serviço deles é igual senhora. É um respeitando o outro senhora, agora só basta eu respeita eles pra ser respeitado também né senhora. Agora se 'nóis' desrespeita 'nóis' não vai ter uma chance boa né senhora. (P7)

Então, no dia que eu cheguei aqui senhora, aí falaram que era respeito por respeito, não precisava andar com a mão pra trás, não precisava pedir licença pros senhores pra passar por eles, aí eu falei 'ah esses *cara*' é tudo besta né, agora vou reinar aqui, vou dar trabalho 'memo'... Ah, no xingar, mandar pra 'quele' lugar, vou sair andando, vou dar nem atenção, vou fazer o que eu quero, andar pra lá e pra cá, 'tacá' vai, na escola, 'tacá' papel no próximo, ia brincar 'memo' senhora. Mas eu também não sou 'mulecão', né senhora, também sou homem, assim eu me considero homem 'memo', eu vou respeitar a pessoa né, tá me respeitando vou respeitar, que nem eu cheguei aqui, foi o que eu pensei, mas quando eu vi que realmente é respeito por respeito, que as pessoas respeita, que é só você respeitar, e aqui também tem a punição se você não respeitar. (P9) *fiquei na dúvida de deixar nessa categoria ou manter em relações institucionais*

O que acontece, tipo a alimentação, que pode ser uma coisa simples, mas na hora que 'nóis' tá almoçando, eles já descem mais rápido pra almoçar, pra comida não esfriar e 'nóis' comer ela quente, eles se 'importa' que pra 'nóis' comê' uma comida quente. E outra tudo que eles 'pede' pra 'nóis' eles 'pede' por favor, obrigado, eles 'agradece', e eles relata lá os elogios também. (P9) ... É, eles agradecem, eles são respeitosos e anota lá, fala que 'nóis' ajudou, dá uns 'elogio'.

Todos, não tem um que não respeita, e se desrespeita, Dona Keila faz pedir desculpa... É, que não foi certo né, se ele desrespeitou 'nóis'. (P9)

Foi, também, o respeito senhora, porque todas as unidades que eu passei não tinha respeito, essa daqui tem respeito, e nossa se você tá precisando de alguma coisa, e você pedir ela dá o máximo assim pra conseguir pra você, pra ajudar se tiver no alcance dela, né senhora, o possível. (P9)... Presente, até presente 'nóis' ganha.

Ah eu respeito os funcionários, os funcionários respeita eu... Ah eu respeito, eu falo bom dia pra eles, falam bom dia pra mim, não desrespeito eles, eles não me 'desrespeita'. Agora na outra casa no que se você desrespeita eles põe a mão... Querendo te bater senhora. (P12)

Não, porque eles 'acorda', fala bom dia pra gente, lá na outra casa não tem isso. Aqui se você precisar de um remédio, eles vai 'buscá', porque eles 'mesmo' pode comprar até com o dinheiro deles, lá não, lá na outra unidade se não tem, você fica sem, passando mal. (P12)

NARRATIVAS DA CATEGORIA MUDANÇAS INDIVIDUAIS ENTREVISTAS COM OS ADOLESCENTES

A partir dos '*atendimento*' que tinha com a psicóloga, com a técnica, ela foi me explicando um pouco mais sobre essas '*coisa*', que nem tudo era no tempo que a gente '*quisesse*', que tinha que ter limite pra nossa vida. Depois de um tempo eu fui me adaptando. (P2)

De me sentir também. Agora pra mim, no meu ver eu prefiro trabalhar né senhora, só que agora '*tô de maior*' se eu voltar pro tráfico, é cadeia ou é caixão. (P4)

Uma coisa que fazia sete anos já que eu não ia, que era pra escola, tinha parado há sete anos a escola. Agora voltei e '*tô*' gostando de novo da escola, matemática, essas coisas. Os cursos '*tá*' ensinando '*nóis*', os cursos profissionalizantes. (P4)

Ah senhora no meu caso mudou né senhora, quando eu cheguei aqui eu tinha '*robado*' na noite, fui '*acostumado*' com lá de fora né, nunca tinha vindo para cá, vim pra cá com dois dias, direto da delegacia, vim cá... com a cabeça lá de fora, agora aqui dentro que eu '*tô*' aí...nessas parada, '*mudô*' senhora, '*mudô*'. (P4)

Ah, mudou bastante coisa né senhora, tanto é que eu era muito fechadão, não gostava de ficar conversando. E aqui, nessa medida aqui eu aprendi a conviver com as outras '*pessoa*' que eu nem conheço, a respeitar mais. Primeiramente, a pensar na minha família né senhora antes de tá fazendo alguma coisa errada. (P6)

Ah os '*curso*', as '*rotina*' do dia a dia, conviver com '*pessoa*' que você nunca viu, ir tentando conviver no dia a dia, aí vai conversando, conversando e vai acostumando, né senhora. (P6)

Não né, que nem lá fora, lá no mundão era '*toda*' as '*mesma pessoa*' todos os '*dia*'. Falava o que não queria, só não respeitava os '*próximo*', não escutava minha mãe, meus '*pai*', só queria saber de mim né senhora.

Acho que sim né, acho não, tenho certeza, e tanto é que antes eu nem conversava, era fechado.

Que nem eu falei, a rotina do dia a dia né senhora, quem nunca viveu isso daqui aí vem num lugar que nunca passou, as '*pessoa*' que nem conhece começa a conversar, aí começa a mudar né senhora. (P6)

Falei também senhora, tanto é que eles '*mesmo falou*' que mudou.

Que eu nem conversava antes, pra eles saber alguma coisa de mim tinha que perguntar pra minha mãe, que eu não gostava de falar. (P6)

NARRATIVAS DA CATEGORIA MUDANÇAS INDIVIDUAIS ENTREVISTAS COM OS ADOLESCENTES

Quando eu cheguei aqui senhora, eu 'tava' refletindo um pouco né senhora, se eu saia dessa vida ou não, né senhora, mas foi onde que a senhora diretora conversou comigo, foi onde que eu fui refletindo, né senhora, o dia que eu cheguei foi onde que eu fui refletindo cada dia mais. Ai onde que eu parei pra pensar também, né senhora, porque eu entrei nessa vida, que foi só uma ilusão, né senhora.

Ah senhora, foi os '*andamento*' da casa também, né senhora.

Ah, o andamento é ter a casa tranquila, mas tem também ficar longe da família, porque eu '*memo*' moro longe, não tenho visita, né senhora, aí eu só falo com os '*meu*' familiar no telefone, aí isso daí foi refletindo, né senhora. (P7)

Também senhora, porque eu 'tô' num curso que chama... é, histórias em quadrinho senhora, contações de histórias em quadrinho, chama o curso senhora, foi onde que eu né fazia umas '*estória*' '*nossa*', né senhora, aí onde que eu refletia também senhora, pela essas '*estória*' que '*nóis*' fazia sobre nossa família lá no mundão e '*nóis*' aqui dentro, né senhora.

Ah senhora, o que me ajudava a pensar é eu fazer a minha, né senhora, pensava só na minha família, né senhora, quando eu conversava no telefone minha técnica conversava comigo também, antes que eu pensava na minha família, né senhora. (P7)

É senhora, eu refleti bem senhora, porque agora quando sai daqui senhora, eu quero fazer de tudo pra eu não voltar pra essa vida mais senhora, quero dar um futuro bom pra minha família, pra minha mãe, né senhora, quero seguir um futuro diferente daqui pra frente, né senhora, quero arrumar um serviço, terminar meus '*estudo*' e fazer esses '*curso*' que eu tenho, né senhora, eu posso até terminando lá fora, e ter como eu tenho uma família, ter uma família minha também quando eu ficar '*de maior*' e ter uns '*cuidado*' certinho, posso dar um futuro bom pra eles, né senhora. (P7)

Ah, sabe o que eu aprendi senhora aqui?... Que realmente eu quero ficar com a minha família, aprendi a dar valor pra minha família, minha família realmente me ama, aqui também né, eles '*ensina*', fala pra '*nóis*' né, mudar de vida, não é aquela pessoa que fala assim pra você voltar, é a pessoa que te ajuda pra você ir embora e não voltar mais, que arruma um emprego pra você muitas das vezes, tem um homem que vem aí de sexta feira também de noite, passa um telão pra '*nóis*', aí apaga as luzes, '*nóis*' assiste um filme bacana, aí quando '*nóis*' vai embora, '*nóis*' avisa pra ele que '*nóis*' tá pra ir embora, aí ele fala 'não, tem meu número aí, aí você liga pra mim que eu vou te arrumar um emprego, vou ter arrumar um curso'. (P9)

Com certeza senhora, eu tenho tudo agora né, eu tenho tudo que eu preciso pra mudar de vida, e eu quero também... O que eu tenho? Eu tenho as '*pessoa*' pra me apoiar agora, que eu não tinha né, minha mãe tá agora, que nem as outras unidades que eu tirei, minha mãe não ia me visitar, agora eu dei minha palavra que eu vou mudar e agora ela tá vindo me visitar, Dona Queila conversou com ela, minhas técnicas correu atrás também pra isso acontecer, porque não tinha visita, nada. Ela tá me apoiando e quando eu sair daqui ela vai correr comigo né, pra mim arrumar um emprego, uma escola pra mim terminar meus '*estudo*', eu também não morava com a minha mãe, morava sozinho, agora eu pretendo né, voltar pra minha casa. (P9)

Com certeza senhora, já pensou se todo mundo fizesse o que quer, '*nóis*' fazia mas eu era meio sem noção, agora vai, fiquei mais com a mente mais madura, amadureci um pouco. (P9)... E eu vou levar lá pra fora, pro meu convívio.

APÊNDICE III
CATEGORIAS DO GRUPO FOCAL

**NARRATIVAS DA CATEGORIA
COMPORTAMENTO DO ADOLESCENTE COMO REFLEXO DAS FALHAS AMBIENTAIS
GRUPO FOCAL**

E os mais regredidos, que eles têm mais dificuldades, é eles são resistentes, né? (P5)

...e aí colocou ele numa condição que ele não tinha nada, nenhum recurso, o único recurso que ele teve era o tráfico pra poder sobreviver, quando ele foi apreendido ele era revoltado com as pessoas, ele não acreditava em ninguém, então ele só xingava, só falava palavrão, ele só é... ele não confiava nas pessoas, ele era resistente com todo mundo, ele não queria saber... (P5)

‘Vou ficar na escola, sendo que eu vou sair e voltar pro crime’ (P1)

Eu lembro de um exemplo bem claro na sala de aula, é que ele fez uma atividade e foi reconhecida muito positivamente pela professora, e aí ela disse ‘nossa parabéns, o que você fez tá certo, olha...’ e na hora houve uma recusa desse elogio, ele disse ‘ah eu fiz porque eu quis’, e ele ficou ainda naquele debate com ela dizendo ‘ah, eu não preciso do seu elogio’... (P1)

...como é que as pessoas podem olhar pra mim e ver algo de bom’, inclusive ele fez esse comentário com a professora, ‘olha pra mim, eu nunca fiz nada de bom, eu não sou bom’, ele disse pra professora... (P1)

E, a maioria desses meninos não tinha rotina alguma, então a gente vê que até fisicamente eles se desenvolvem, não só emocionalmente, porque eles não comiam corretamente, não tinham todas as refeições, não tinha horário, então assim, trocava o dia pela noite, tudo que afeta também no desenvolvimento. (P4)

...ele não acreditava nesse cuidado, apesar da gente falar dos cuidados que ia ter com ele em tudo que a gente ia fazer, de ir até lá... (P2)

...esses que são mais regredidos eles não se sentem tão à vontade assim, ele faz esse teste, ‘pera aí, será que eles de fato não vão fazer nada de errado comigo, mesmo eu fazendo as coisas erradas’... (P4)

**NARRATIVAS DA CATEGORIA
O ATENDIMENTO NA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA
GRUPO FOCAL**

...quando eles vêm pra cá o nosso trabalho faz com que essas falhas, essas faltas, essas lacunas que aconteceram na vida dele, a gente de alguma forma com o cuidado, com a tolerância, e com o limite faz com que ele...ééé...entenda que é possível retomar né? a gente supre as necessidades dele de uma forma que ele consegue reconhecer esse carinho, esse cuidado, essa atenção que faltava pra ele...

...eles testam o ambiente, eles nos testam pra ver, apesar dele ser da forma que ele é a gente vai suportar, então o começo é muito difícil, por isso que assim...ó, quanto mais difícil a vida, quanto mais regredido é o menino pelas dificuldades que ele passou, nosso trabalho... aí a gente percebe mais ainda a nosso impacto, por causa que a gente tem condição de visualizar com a teoria aquilo que a gente precisa fazer pra alcançar esse menino. (P1)

‘A gente começa pelo histórico do menino, de todas as coisas que ele passou, o que aconteceu na vida dele, o que ele precisa, e baseado nisso a gente vai é conversando com a equipe de referencia, né? Ééé...o psicólogo, o assistente social, trás pra todos os outros que trabalham com esse menino quais são essas necessidades, porque que ele age dessa forma, é importante que as pessoas saibam porque que ele vai fazer isso, e o que ele precisa pra que esse comportamento, essa forma de agir no ambiente seja modificada. (P1)

Mas como é que a gente fazia isso, que eu acho que é isso que você quer saber né, assim ó, ele xingava só que a gente não devolvia o xingo, ele falava palavras ofensivas, isso não foi fácil pra equipe, porque...é logico que as pessoas se irritam, ninguém gosta de ser chamado disso daquilo e fica bem. Mas o que a gente fazia? a gente fazia ele entender que aquilo não era bom, e a gente dizia pra ele ‘isso me fez mal, eu não quero, eu faço isso com você? Você é tratado dessa forma?’ Então, a gente fazia ele pensar e se colocar no nosso lugar né, e dizer pra ele de que forma aquilo afetava e o que ele fazia de errado, ele era responsabilizado, sempre foi responsabilizado por tudo que ele fez...(P5)

... a princípio, ele não gostava, ele era resistente, mas com o tempo ele foi percebendo, ele começou a parar pra pensar antes dele fazer coisas que eram... é que faziam com que ele tivesse que ter uma sansão em relação aquilo que ele ‘tava’ fazendo, porque o fato da gente trabalhar com essa teoria não faz da gente não ter um limite ou, assim olha...‘não fez a lição, então vai ficar na sala de aula depois do intervalo pra poder refazer essa lição’, ‘é foi grosseiro com uma pessoa, ofendeu? É...vai se retratar, vai escrever um pedido de desculpas’, porque o escrever essas desculpas faz ele pensar naquilo que ele ‘tava’ fazendo...(P5)

...o fato dele ter uma referência, assim que é dele, como por exemplo ele chega, ele sabe quem são as pessoas que vão acompanhá-lo, então ele sabe que quando ele tiver um problema, tiver angustiado, tiver aflito, ele tem uma pessoa com quem ele pode conversar, quem ele pode buscar, e quando ele fizer essa busca, é...pelo menos haverá uma tentativa de escuta, dele ser acolhido e dele também ser orientado também nas dificuldades que ele tiver, eu acho assim, essa é umas das questões. (P3)

NARRATIVAS DA CATEGORIA O ATENDIMENTO NA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA GRUPO FOCAL

E baseado em tudo isso, as garantias que ele tem, ele tem uma rotina, ele tem obrigações né, ele tem atividade que fazem que ele se desenvolva em diversas áreas, então assim ó, 'você existe, você precisa fazer parte de tudo isso, e você tá aqui nesse momento...(P5)

... a gente sempre deixou claro... independente, assim olha, nós vamos ficar com você até você se sentir preparado pra retornar, essa garantia ele sempre teve... eu entendo, que é a questão dessa forma, do nosso modelo, do nosso diferencial, porque a gente entende que o nosso trabalho é pra ele né, a medita tá pro menino a gente já veio várias vezes, e a gente entende isso também né, o nosso trabalho é pra ele e a partir daí quando a gente percebe que ele tá entendendo isso é que a gente vai fazendo os encaminhamentos pra que ele saia dessa, assim ó, dessa dependência absoluta né, que ele vá, que ele adquira condições de poder cuidar de si próprio né, o nosso trabalho é pra que ele tenha uma independência relativa né? que ele consiga sair desse jeito que ele chegou pra poder se sair melhor quando ele retornar. (P5)

'Porque eles chegam, alguns deles, a maioria entende essa rotina, essas avaliações até mesmo como algo ruim que ele já tinha abandonado lá fora, e aqui inicialmente ele vê assim como obrigatório, mas a partir do momento que ele percebe que ele é capaz, que ele consegue e que ele é reconhecido positivamente, porque ele fazia as coisas contrárias lá fora como se buscasse essa atenção e esse cuidado, mas visto de uma forma negativa, e aqui ele percebe que ele pode ser visto, ele pode chamar atenção mas de uma forma positiva, a gente reforça muito isso, então assim ó, tá é chato ir pra escola todos os dias? é, mas é necessário, mas nessa rotina de ir todo dia pra escola ele começa a se perceber que é produtivo como capaz, porque a gente consegue ver onde tá a limitação, a dificuldade e ajuda ali muito próximo pra ele superar isso, diferente do que acontecia lá fora, geralmente ele não tinha esse respaldo, esse acompanhamento, o incentivo né? esse estímulo, então ele acabou não tendo essa que a P5 falou da falha, essa falha aqui ela é suprida. E aí a gente vê esse desenvolvimento, esse avanço né, e a gente usou esse exemplo, mas ao longo desses anos vemos muitos semelhantes a esse, é que esse foi bem recente e ele era extremamente regredido né, então chama mais atenção que os outros, né? (P4)

É desde o despertar, eles tem horário pra acordar, tem horário pra fazer higienização pessoal, pra tomar o café da manhã, pra ir pra escola, o intervalo, o almoço, as atividades do segundo horário que contempla atividade cultural, profissional, o próprio lazer, o acompanhamento psicossocial, horário pro jantar, pro banho, pro deitar, tudo que ele não tinha... Atendimento da saúde, odontológico e outras especialidade, então é um norteamiento desde o horário que ele levanta até o horário que ele vai dormir. Então esse conjunto faz com que ele é se perceba, se conheça, tenha o que a diretora falou do preenchimento né, ele aparece.

O suporte, toda a equipe, todas essas áreas que contempla toda essa rotina, porque eu preciso dos agentes da área de segurança pra despertar esse menino, não é despertar de qualquer jeito, que ele tá a anos fora da escola, há anos dormindo até meio dia ou acordando as vezes até no fim do dia, é o habito de tomar café puro que alguns não tomavam, de como se senta numa mesa, de como que usa o caderno né. Muitos meninos são extremamente carentes e as assistentes sociais fazem visita, pode até citar aqui o que elas veem, que as vezes nem chuveiro tem na casa, o que é tomar um banho, como tomar um banho né? tudo isso. (P4)

É, acho que no jeito de cuidar, de assim, é de cumprir essas rotinas que existem né, acho que em todos os lugares, nessas instituições né, em que os adolescentes são privados, mas acho que é o cuidado que se coloca nessas ações que são rotineiras e cotidianas. (P3)

...a gente desperta os meninos como disse o P5, não de qualquer jeito, 'ó hora de levantar aí menino, levanta aí', não, é bate na porta, 'bom dia, vamos despertar, olha a escovação, nós já vamos servir o café se não vai esfriar, vamos arrumar as camas, ter cuidado com as suas coisas, não é simplesmente arrumar a cama porque tem que arrumar, são suas coisas e você precisa manter organizado, é sua responsabilidade, organizar o quarto, manter limpo, porque ele dorme ali, ele precisa daquilo ali, então a gente diz isso...a importância disso pra ele, não é fazer porque é obrigação.

'Todos os dias, todas as pessoas, se ele mostrar qualquer resistência, a gente também pode levar ele pra um atendimento em particular e explicar a necessidade de fazer isso, porque é o ambiente onde eles vivem hoje e eles precisam cuidar desse ambiente né, eles fazem parte disso, eles não estão à

parte disso, eles fazem parte disso então há um cuidado como disse já o rapaz pra nós de família né, então eu não vou falar com ele como se ele fosse um estranho pra mim, eu tenho um vínculo com ele, eu tenho todo um trabalho é claro mas é eu não falo com ele de qualquer jeito, eu não grito com ele, eu não xingo ele, eu chamo ele pelo nome dele, entendeu? então eu falo pra ele o que ele tem que fazer, se ele tem dificuldade a gente mostra, vai pro café, se ele reclama que não gosta de terminar o café, a gente tem o cuidado de encaminhar pra uma nutrição, se tem alergia, se não gosta desse sabor a gente faz a troca, se o menino é obeso pede uma dieta, se o menino tem necessidade de engordar... então, tudo isso ele vai percebendo que ele é importante pra equipe, ele não está ali simplesmente cumprido uma medida de qualquer jeito. (P6)

... eu preciso explicar pro menino, eu preciso dizer pra ele, ééé...o porquê, o porquê fazer correto, o porquê ser respeitoso, o porquê ser educado né, e ele vendo o reflexo da equipe, que a equipe é gentil com ele, que a equipe é educada com ele, fazer ele refletir 'porque eu não serei também da mesma forma?', então tratar isso mesmo como espelho, como é que eu posso dizer pro menino falar o português correto se eu 'tô' falando o português na forma errada, então eu acho que isso fica muito claro no cotidiano, no convívio pros meninos. (P1)

Então alguns vão aparecer, num nível maior outro menor, mas aparece e a gente entende que é positivo, que é preciso ser tratado né, então ele tem espaço, é logico que entendo que não é consciente né, mas ele percebe que há um espaço pra ele se apresentar como de fato ele é, é alguns isso pode parecer de imediato, outros vai aparecer com o tempo, por mais... porque a medida ela tem um mínimo aí de seis meses né, por mais que ele queira disfarçar e não mostrar quem ele é, não tem como, ele aparece. E se tem essas dificuldades que precisam ser superadas a gente vai tratar, e não é fácil, não é um trabalho fácil, é um trabalho difícil, é mas é gratificante porque são esses que a gente mais vê o resultado. (P4)

E baseado em tudo isso, as garantias que ele tem, ele tem uma rotina, ele tem obrigações né, ele tem atividade que fazem que ele se desenvolva em diversas áreas, então assim ó, 'você existe, você precisa fazer parte de tudo isso, e você tá aqui nesse momento...(P5)

... a gente trata ele desta maneira, assim ó, como participante, ele opina sobre o que ele vai fazer, ele é visto no que ele faz de bom e no que ele faz de ruim, e que essas coisas tem consequências. (P5)

'... do mesmo jeito que a gente tem todo o cuidado com o jovem, tem também com a base dele que é a família, independente de quem seja essa família. (P2)

... o menino se vincula a equipe de uma forma profissional, ele tem referência nas pessoas que trabalham aqui, a gente também dá bronca nos meninos, porque os limites tem que ser...o procedimento tem que ser cumprido independente da ação que ele tiver, se ele tiver certo ou tiver errado, a gente vai garantir as coisas que ele tem direito aqui e é isso o trabalho.

...procedimento desde a rotina diária dele, porque ele é vigiado vinte quatro horas né, então é do despertar até o outro despertar, é interrupto, e aí o que acontece a gente tem que cuidar das relações também né, desde a rotina que é a parte pratica, e desse cuidado também dele com outro menino, dele com a família até porque a gente teve problema com família aqui dentro, a gente tem que fazer o cuidado disso, dele com a equipe, então a gente tem cuidado com tudo, tem que cuidar desde a parte pratica, dele cuidar das coisas dele, dele cuidar das coisas dos outros, porque ele também faz coisas pros outros, e as partes das relações também, que a gente tem que ficar observando vinte quatro horas. (P6)

Éééé...quando ela fala desse cuidado, é desse vigiar, é porque assim ó, eles são regredidos, se a gente deixa os meninos sozinhos é em algum momento eles tem essas práticas de criança mesmo né, então o cuidar da segurança, cuidar das pessoas que estão nesta área, é aquele cuidado de total, um cuidado em todas as questões, é pra que aja... pra que ele seja protegido né, pra respeitar a integridade dele né, por isso que no momento que acorda ao momento que vai dormir esses horários estão né... e durante o sono também, a gente zela por ele pra saber se tá tudo bem, porque os quartos tem outros jovens. (P5)

**NARRATIVAS DA CATEGORIA
O AMADURECIMENTO COMO FRUTO DA INTERVENÇÃO
GRUPO FOCAL**

A gente tem utilizado ele desde o início, já são oito anos e sempre dá bons resultados, é visível, é uma coisa que você consegue visualizar da forma como o adolescente chega e da forma como ele sai... (P5)

...Você vê o entendimento do menino em relação ao posicionamento dele na vida. (P4)

‘...das atividades, na escola com relação com os professores tinha uma resistência muito grande...é...de ser carinhoso, de ser educado, de ser respeitoso, e tudo que era proporcionado pra ele, ainda que fosse pro bem, havia uma rejeição, então até ele entender esse cuidado, essa atenção que as pessoas queriam dispensar pra ele, é...foi todo um processo mas que ao longo nós percebemos que estava dando certo, porque ele começou a entender que as pessoas queriam sim cuidar dele, queriam dizer pra ele as necessidades que ele tinha e que isso poderia acontecer na vida dele como por exemplo a escola que era necessário mesmo ele dizendo ‘olha mas eu ‘tô’ tanto tempo fora da escola, eu não preciso disso, não preciso aprender, eu não preciso ser ensinado’. (P1)

...a gente entende que ele foi, ao final do período dele aqui, ele foi reconhecendo, e foi valorizando a relação, mas claro que teve altos e baixos, né?! (P5)

...com o tempo ele começou a perceber que o elogio era importante e que ele gostava disso, e ele começou a procurar por isso, então ele começou a perceber que cada coisa que ele fazia corretamente ele recebia um elogio ou da equipe ou do professor, e que aquilo era bom, porque no início era muito difícil ele entender, entender que as pessoas podiam elogia-lo por algo que ele fez...(P1)

Tipo, nossa!! ‘elas de fato se importam comigo né?’ e também ficou constrangido de saber que elas descobriram a verdade, que ele mentia em relação a casa dele, que ele falava que ele era o ban ban ban, e era um... (P4)

E assim, a partir daí ele desarmou mais e teve mais aproximação, ou seja, o que elas tão falando elas cumprem né, fizeram de fato. E aí depois que conseguimos trazer né, a mãe não, porque a mãe não é tão boa, não era tão boa, mas a gente conseguiu trazer a mãe do amigo e o amigo, e aí a gente não falou pra ele que ia trazer, e quando ele viu essas pessoas... ele era negro, é negro, ele ficou pálido, assim, e ficou encostado assim na porta, parede, que ele não ‘tava’ acreditando quando ele viu, ele fez assim... (P4)

Aí no atendimento depois ele falou ‘trouxe mesmo? eles vieram, eles vieram, eles gostam de mim de verdade, vocês trouxeram’, e a partir daí... (P2)

E a sensação que dá é que a maioria chega armado, mas como... pra se defender, e aí quando ele chega e percebe que não é necessário se defender porque ele não tá sendo ameaçado, aí ele relaxa e começa a ser ele mesmo, isso a grande maioria... (P4)

NARRATIVAS DA CATEGORIA O AMADURECIMENTO COMO FRUTO DA INTERVENÇÃO GRUPO FOCAL

...então tem alguns que chegam dessa forma, depende do nível de desenvolvimento que ele tá, ele reage, mas na grande maioria eles conseguem visualizar, entender, perceber, e dar o retorno positivo. Então é meio que assim, 'porque que eu vou agredir gratuitamente uma pessoa que tá me recebendo e me tratando bem?', então eles percebem, alguns de início não falam nada, esses que são mais envolvido com o crime depois acabam falando pra gente 'nossa olha, eu cheguei, achei que ia ser uma coisa, mas assim ó, não tive coragem, até vim com um pensamento de implantar alguma coisa, uma liderança, mas quando eu vi a forma que vocês tratam eu não tive coragem né'. (P4)

E esse aparecer nem sempre é do lado negativo, porque as vezes existem meninos que eles tem dúvidas em relação as coisas que gente faz, e a partir do momento que eles relaxam e percebem que de fato é a forma que a gente trata e a gente vai continuar tratando enquanto ele tiver aqui, também tem um relaxar assim de ficar mais tranquilo, de assim ó, até esquecer que tá privado de liberdade, como se tivesse na própria casa, é com brincadeiras que ele não faria num ambiente como esse, e ficar mais próximo, sabe assim ó, de ter uma relação quase que... alguns menino ficam quase que um funcionário, sabe, e desejam ser, desejam sair daqui pra prestar concurso pra trabalhar na Fundação Casa. Então assim, é a relação se dá dependendo do nível né de falha que esse menino teve ao longo da vida, é a gente tem dele coisas mais próximas, né?... (P5)

'...eles falam assim 'nossa, fez bem pra mim ao ponto de eu querer fazer isso pelo outro'. (P4)

... eu acho que a gente forma assim relações de verdade, relações verdadeiras com eles né, com os meninos. E a gente percebe assim que de verdade a gente forma... assim quando a gente sai de férias, a gente percebe né a preocupação deles, quando a gente sai, a gente avisa 'olha vou sair de férias, vou ficar tal período', então você vê assim o sentimento sabe, 'mas quando a senhora volta?', quando você volta a alegria de te receber né, eles contando como foi o tempo que você esteve ausente, os meninos que vão embora que ligam né pra nos contar sobre as notícias, sobre o que tá acontecendo na vida deles. Então assim eu vejo que é um impacto de formar relações de verdade mesmo, não é uma coisa... é assim, é profissional né, é o nosso trabalho né, ele segue a linha do que é profissional, mas ao mesmo tempo é uma relação de verdade, de pessoa com pessoa. (P3)

... aí depois a gente vai vendo que a mãe, ela se aproxima. (P2)

...então essa mãe foi achando que fazendo do jeito dela o menino ia ser liberado logo por isso e por aquilo, mas a gente foi mostrando pra ela que ele fez uma ação inadequada, então não era do jeito que ela queria, e aí além de trabalhar a rotina, o respeito, e o cuidado, o menino teve que trabalhar também com a mãe, e aí a P3 disse que ela ligou semana passada pra falar como o menino 'tava', o menino tá trabalhando, o menino tá estudando, o menino continua o namoro... (P2)

... muitas pessoas... a gente tem um retorno que diz assim 'nossa, eu trabalhava de um jeito, mas essa forma de trabalhar é muito mais fácil, é muito mais tranquilo', é difícil porque a gente tem que repetir muitas vezes as mesmas coisas, mas o retorno é muito melhor, e muito mais gratificante, porque a gente percebe que o menino tá fazendo automaticamente, ele faz o que precisa ser feito pra vida dele e que ele entendeu o que precisa fazer pra que ele seja uma pessoa aceita na vida, no convívio social, independente de tá aqui ou em qualquer outro lugar. (P5)

... na pratica a gente vê exatamente o que a teoria tá colocando que é a regressão do menino em determinados níveis né, e quando a gente aplica o que a gente aprendeu na capacitação que é o cuidado pra determinados meninos, a gente vê que ele corresponde ao cuidado né, então a aplicação da teoria a gente consegue ver na pratica. (P1)

... a pessoas que vem pra cá, elas tem uma baixa autoestima, e essa teoria faz com que elas se reconheçam e que elas se apropriem do que elas podem fazer, e eu entendo que ela é ideal pros nossos adolescentes, e assim, não é uma teoria que se aplica só a esse centro, mas eu entendo que a Fundação poderia ter mais lugares que fizesse dessa forma, porque há um retorno da própria equipe, e há um retorno do adolescente, há um retorno das famílias desses adolescentes, que está pratica alcance resultados. (P5)

‘...isso faz com que o adulto também né, o profissional envolvido nessa questão também tenha, também lance mão de coisas pra própria vida, e o ajude inclusive com as relações coma família, muitos funcionários inclusive dizem pra mim olha ‘a forma que eu tratava meu filho era uma antes de eu trabalhar aqui, agora a forma que eu trato é outra e isso tá fazendo bem pra minha família’, então, há um reconhecimento de que essa proposta dá certo, e eu não consigo ver esse centro de uma outra forma, não consigo imaginar um outro tipo de trabalho, uma outra teoria, um outro jeito, porque eu entendo que nós nos adequamos a, e a gente trabalha assim naturalmente, assim como foi dito pelo outros Ps. (P5)

NARRATIVAS DA CATEGORIA FORMAÇÃO E DESAFIOS

GRUPO FOCAL

...mas ele tinha medo de voltar pro convívio porque aquele cuidado que ele 'tava' recebendo aqui ele nunca tinha recebido, e isso fez com que ele retornasse, com que ele regredisse a fase inicial...durante um período. (P5)

...a gente teve oportunidade de montar um centro, de começar esse centro, e aí é essa montagem fez com que a gente tivesse a oportunidade de escolher pessoas né, de trabalhar, e pessoas que tem esse ideal, que tinham esse conceito também, aí a gente foi agregando pessoas, e aí a gente foi capacitado pra isso né, houveram várias capacitações com a teoria, com essa pessoa que tinha esse fornecimento que trouxe 'pras' pessoas base, pros cargos de chefia, que iniciaram, tem encarregada técnica, tem coordenadora pedagógica, os coordenadores de equipe, a equipe psicossocial, e aí a gente teve essa base e a gente também teve a oportunidade de começar com funcionários novos de todos que saíram do concurso, essa casa foi começada com funcionários recém saídos do concurso, e todos eles foram capacitados nesse período antes da chegada dos meninos, então a gente teve um preparo pra receber, então a gente 'tava' preparado pra receber e a gente conseguiu dar sequência a esse formato...da forma como foi capacitada pra nós, então a gente deu origem, e a partir do momento... e são oito anos, essa casa tem oito anos. (P5)

E ao longo dos anos estamos fazendo a manutenção dessas capacitações. (P4)

...e a gente recebeu pessoas novas, e a medida que essas pessoas novas vão chegando é feito uma capacitação, é a encarregada técnica ela faz essa capacitação com a pessoa, e o atendimento e o convívio que ele tem com os funcionários que já estão nesse processo faz com que ele entenda rapidinho como que é o nosso trabalho... (P5)

Pra mim foi mesmo o dia a dia, porque eu não conhecia nada disso, nem sabia que era Winnicott, mas foi no dia a dia mesmo, através de quando eu cheguei, como a P5 falou teve a capacitação né, eu já entrei um ano depois eu acho, e foi através da capacitação e do aprender mesmo, na pratica, no dia a dia, e até hoje eu 'tô' aprendendo né, que cada dia a gente vai... é um desafio. (P2)

... eu vim é de um trabalho totalmente diferenciado desse acolhimento, desse cuidado, dessa individualidade com cada adolescente, mas diante do que foi apresentado né, desse referencial, eu não posso dizer que foi difícil diante de algo que a gente gostaria que fizesse com a gente também, eu entendo que se colocar no lugar do outro devia ser uma pratica humana de todo mundo, e esse referencial traz muito isso, mas eu confesso que no início você olhar pro adolescente e você entender que tem que ter um cuidado de uma regressão que ele teve, de um rompante que ele teve na infância não é algo fácil...(P1)

... teve as capacitações e fui buscar outras leituras, e assim como todos colocaram foram os desafios do dia a dia vendo o que era possível, o que era necessário ser feito, e cada vez eu me identifico e gosto mais, e uma coisa que P3 disse eu entendo que é uma coisa que é pra vida, não é uma teoria que parece que é muito complexa, parece que é da natureza do ser humano né, ela vai acontecendo e você vai vendo... (P4)

... mas eu entendo que é essa forma ideal tanto pro jovem quanto pro profissional, porque ambos se desenvolvem com isso, porque é uma pratica, porque assim ó, o profissional também tem que se a ver com as dificuldades, porque no momento que o menino é hostil, você tem que ter equilíbrio, e você tem que entender de que forma você vai lidar com isso... (P5) há um reconhecimento de que essa proposta dá certo, e eu não consigo ver esse centro de uma outra forma, não consigo imaginar um outro tipo de trabalho...

ANEXO I
AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

ANEXO II
AUTORIZAÇÃO JUDICIAL

ANEXO III
PARECER CONSUBSTANCIADO CEP

